



C. S. D. P.
DUPLICATA

ATOS DO CONSELHO SUPERIOR

DA SOCIEDADE SALESIANA

SUMÁRIO

I. Carta do Reitor-Mor (pág. 3)

Com os irmãos de três continentes — Um pedido: mande-nos outros salesianos. Notícias tristes, notícias alegres.

O PROBLEMA DECISIVO DAS VOCAÇÕES

1. A pastoral vocacional hoje — O que é — Seus objetivos — Algumas de suas características. — 2. As tarefas da Congregação — Responsável é a comunidade — Responsável também é cada salesiano — São necessários homens especializados. — 3. Pistas para a atividade vocacional — Algumas condições para o planejamento — O nosso método é o Sistema Preventivo — Uma cuidadosa e progressiva catequese — Uma vida profundamente espiritual — O testemunho do educador — Empenhar os jovens no apostolado — Valor insubstituível da oração. — 4. O aspirantado e as novas experiências — O aspirantado é ainda válido — Novas formas “paralelas” — Avante com a tenacidade de Dom Bosco.

II. Disposições e Normas (não há neste número)

III. Comunicações (pág. 45)

1. Lembrança do Reitor-Mor para 1974 — 2. Bispos salesianos — 3. 103.^a Expedição Missionária Salesiana — 4. Preparação para o Encontro Mundial de Salesianos Coadjuutores — 5. Curso para Mestres de Noviciado. — 6. Encontro para Professores de Teologia Dogmática. — 7. Atividades do Centro de Estudos de História das Missões Salesianas — 8. 1.^o Curso de Formação Permanente — 9. Solidariedade Fraternal.

IV. Atividades do Conselho Superior e iniciativas de interesse geral (pág. 55)

V. Documentos (pág. 61)

1. Um Curso para Mestres de Noviciado — 2. O Novo “Estatuto dos Ex-alunos de Dom Bosco” — 3. Uma “Semana” para superiores e formadores.

VI. Dos noticiários inspetoriais (pág. 70)

1. Como trabalhar pelas vocações. — 2. A “Comemoração” como oportunidade pastoral — 3. Uma “Semana” para superiores e formadores. — 4. Ano Santo, Eucaristia e Comunidade. — 5. Obrigado, P. Inspetor. — 6. Uma oração pela Comunidade. — 7. Notícias breves.

VII. Magistério Pontifício (pág. 77)

1. Vocações, obra de Deus. — 2. Viver o Ano Santo.

VIII. Necrológio — Quarto Elenco para 1973 (pág. 92)

I. CARTA DO REITOR-MOR

Roma, janeiro de 1974.

Irmãos e filhos caríssimos,

a vós me dirijo enquanto está ainda viva em mim a lembrança dos encontros confortadores que tive com centenas de Irmãos nas Inspetorias que visitei no outono p.p.

Como já tereis sabido, enquanto assistia ao Congresso Latino-americano dos Ex-alunos, que teve êxito muito feliz, participei, na mesma Cidade do México, com vários superiores do Conselho, do encontro com os Inspetores da região do Pacífico-Caribe. Os argumentos que foram tratados durante uma semana toda eram fruto da larga consulta entre os mesmos Inspetores, e redundaram em interesse atual e comum. Trabalhou-se intensamente e — coisa muito confortadora e que foi notada com satisfação por todos — em clima de fraternidade salesiana e franqueza serena e tudo animado sempre de fervorosa oração comunitária.

Não é este o lugar para descer a pormenores, mas posso dizer que o encontro resultou muito útil a todos, e estou certo de que não deixará de produzir nas Inspetorias interessadas os frutos esperados. Devo acrescentar que a experiência deste encontro é para o Conselho Superior particularmente preciosa, para a coordenação e organização dos próximos análogos encontros que já estão programados.

Com os Irmãos de três continentes

Como acabo de dizer, visitei depois várias Inspetorias em três Continentes, desde a América Latina aos Estados Unidos (onde entre outras coisas inaugurei a grande escola técnica de Bóston), à Austrália que estava celebrando o cinquentenário da obra salesiana, à Tailândia e ao Vietnã.

Em todos esses lugares pude encontrar-me com muitíssimos Irmãos oportunamente reunidos, com os Conselhos Inspetoriais e os Diretores, com as Filhas de Maria Auxiliadora e outros grupos numerosos da nossa Família.

Não é possível descrever nesta carta os pormenores desses encontros em cada uma das Inspetorias (podereis ler relações em nossos órgãos de informação, aos quais vos encaminho); mas não posso deixar passar em silêncio algumas visitas que apresentam motivos de interesse especial.

Que consolação cheia de comoção experimentei no México, entre os Mixe da nossa Missão! Nela os nossos Irmãos com as Filhas de Maria Auxiliadora, guiados pelo nosso intrépido Dom Bráulio, fazem trabalho sacrificado mas precioso e fecundo, e as comunidades cristãs correspondem largamente às fadigas dos nossos missionários.

Na visita à cidade de Manágua (Nicarágua), que, como recordais foi quase totalmente destruída por terremoto, pude fazer idéia não só da proporção das ruínas provocadas pelo cataclismo, mas também dos muitos problemas humanos e sociais que disso derivaram. Pude também verificar a prontidão e generosidade com que Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora arregaçaram as mangas para ir em socorro dos milhares de sinistrados e como hoje trabalham com inteligência e eficácia, qualificando antes de tudo para uma profissão milhares de jovens dos dois sexos, de até trinta anos de idade, os quais — privados agora de tudo — dispõem só dos braços para olhar com esperança para a vida.

No Vietnã inaugurei a casa de formação para os nossos clérigos de filosofia e teologia. Compreedeis logo o significado desse acontecimento. Enquanto em várias partes do mundo esvaziam-se seminários e casas de formação, nós, naquela sofrida nação sentimos necessidade de abrir uma nova dessas casas e pudemos fazê-lo graças à generosidade de muitas pessoas boas. As vocações são, com efeito, numerosas: os salesianos do Vietnã — que em 1952 eram dois, provenientes da China — são hoje 112, e quase todos Vietnamitas. E aumentam constantemente: neste ano os noviços são 19. A idade média dos Irmãos não chega aos trinta anos.

Com a minha presença quis antes de tudo manifestar o reconhecimento da Congregação ao punhado de Irmãos

idosos, quase todos vindos, anos atrás, da Inspetoria Chinesa, verdadeiros pioneiros, ricos de fé que à custa de mil sacrifícios e com a graça de Nosso Senhor criaram esta extraordinária e consoladora realidade; ao mesmo tempo quis fazer ouvir uma palavra de encorajamento e estímulo ao jovem grupo dos salesianos vietnamitas que se vai formando na escola e a exemplo dos anciãos.

Como é fácil de imaginar, voltei desta série de encontros com a alma confortada e aberta à esperança, embora não ignore os muitos e não fáceis problemas que se depararam nesta ocasião. Um de modo especial, e sobre ele quero entreter-me convosco nesta carta, porque me persuadi — se é que isso fosse mesmo necessário — de que é urgente e é de interesse universal para a Congregação: o problema dos “operários da vinha”.

Um pedido: mande-nos outros salesianos!

A alegria de tantos encontros era para mim quase sempre entristecida pela constatação de que o número dos Irmãos era evidentemente inferior às urgentes necessidades do momento, e às estupendas perspectivas para a consolidação e desenvolvimento do nosso apostolado naquelas regiões.

O fato é este faltam homens — muitas vezes em proporção incrivelmente desalentadora — em relação ao trabalho por realizar. E este é o pedido angustiado que me foi repetido tantas vezes, e ressoa continuamente no meu coração: “falta-nos pessoal, mande-nos mais Salesianos!”.

Enquanto revejo esses caríssimos Irmãos, muitas vezes avançados em anos e com pouca saúde, doar-se e multiplicar-se com generosidade admirável, sinto que não podemos deixar de ouvir os gritos desses nossos irmãos e de tantas almas que estão por detrás deles.

Em plano imediato, espero sejam numerosos os que entre vós se oferecerão para ir em auxílio aos Irmãos, que trabalham nas regiões missionárias. Em muitas Inspetorias não há de fato abundância de pessoal; mas sabemos por experiência que os gestos concretos de solidariedade para com Inspetorias ainda mais necessitadas não ficam sem fruto.

Há irmãos que entraram na Congregação atraídos pelo ideal missionário: não será um bem para todos pô-las em condição de realizar esse ideal? Confio vivamente que este meu apelo encontrará corações sensíveis e generosos, quer entre os Irmãos, quer entre os Superiores locais, que devessem fazer o sacrifício e renunciar a algum dos seus colaboradores.

Celebraremos dentro de pouco o Centenário das nossas Missões, e certamente o modo mais eficaz para celebrá-lo será o despertar e a animação missionária traduzidas em ação concreta. Trata-se, com efeito, de elemento muito importante, segundo o Capítulo Geral Especial, da nossa renovação.

Porém, o problema das Missões — olhando de longe e em horizonte mais amplo — não se resolve com um apelo do Reitor-Mor aos de boa vontade, mesmo se esse apelo fosse acolhido de maneira positiva. O problema tem ressonâncias muito mais vastas e profundas; definitivamente é o mesmo problema - vital - das vocações que hoje angustia a igreja e, com ela, a Congregação.

Notícias tristes, notícias alegres

Antes de entrar no assunto quero recomendar às vossas orações dois nossos Irmãos Bispos, chamados por Nosso Senhor ao prêmio: o venerando Dom José Borgatti, bispo de Viedma (Argentina), e Dom Vladimiro Boric, bispo de Punta Arenas (Chile). Espero enviar-vos, dentro de não muito, as duas cartas mortuárias. Por ora devo limitar-me a este breve e agradecido convite ao sufrágio cristão pelos dois dignísimos Irmãos que serviram a Igreja de suas dioceses com zelo de verdadeiros filhos de Dom Bosco.

Ao lado das notícias tristes, e com relação mesmo a Irmãos distinguidos com a dignidade episcopal, duas notícias alegres. Trata-se de Dom Abrão Alangimattathil, criado Bispo da nova diocese Kohima-Impal (Índia) e de Dom Mateus Baroi, nomeado Bispo da diocese de Krishnagar, da qual já era Administrador Apostólico. Cientes dos particulares e não leves compromissos que vão ter, renovamos a um e outro

os nossos votos de felicidades, valorizados com nossa oração fraterna.

O PROBLEMA DECISIVO DAS VOCAÇÕES

Os motivos que me levam a tratar do tema das vocações são vários, mas todos convergentes. Digo antes de tudo que vos falarei com sinceridade e franqueza, como convém a um pai que fala a filhos e irmãos “adultos”.

Não é segredo, mas realidade na hora presente sabida de todos, a diminuição sensível, e que muitas vezes mete medo, das vocações tanto na Congregação como na Igreja. Limito-me ao mundo salesiano. O número dos noviços de 1967 para cá foi diminuindo sempre; e neste ano, com relação ao ano em que alcançamos o maior número de noviços, esse número se reduziu de cinquenta por cento. Além disso, esta soma global, reduzida já pela metade, se alcançou graças principalmente à contribuição de um outro grupo de Inspetorias, ou de poucas Inspetorias. O quadro das estatísticas anuais revela que, ao lado dessas, várias outras Inspetorias têm pouquíssimos noviços, quando na realidade não tenham nenhum sequer.

Essa situação não nos pode deixar tranqüilos, nem muito menos indiferentes.

É verdade que o fenômeno é quase universal, que as causas são várias e complexas, que muitas não dependem de nós. Mas em questão como essa (questão de vida ou de morte no dizer do Card. Garrone), não podemos tomar atitude resignada, como que de impotência.

Em busca, com a Igreja, de caminhos eficazes

Exatamente nos últimos dias de novembro realizou-se em Roma o “Congresso internacional das vocações”, preparado em quatro anos de diligentes e concretas pesquisas e consultas em todas as regiões do mundo. O Congresso reuniu, com os peritos, os delegados das Conferências episcopais, como também os Superiores gerais, para estudarem todos juntos — à luz de larguíssima pesquisa, e de variadas expe-

riências colhidas nos “planos de ação” das Conferências Episcopais — o grave problema das vocações.

Tudo isso diz que a Igreja (como foi confirmado no Congresso e na palavra do Papa) não pretende de modo algum recuar para uma inação de conformismo, como se estivesse diante de um fenômeno de todo irreversível, mas ao contrário repele energicamente toda atitude de quem cede. Ela, à luz da realidade de hoje e das experiências colhidas nestes últimos anos, estuda e indica caminhos eficazes, também diferentes dos antigos, para fazer germinar e florescer novas vocações.

É claro que também nós estamos e queremos estar nesta linha. E isso por vários (e diria óbvios) motivos.

Antes de tudo devemos crer que o Espírito Santo não deixa de assistir a Igreja também mediante as vocações de que ela precisa. A Congregação é parte viva da Igreja, participa, por isso, da sua vida.

Depois devemos recordar que também os tempos e o ambiente em que Dom Bosco teve que trabalhar não eram em nada favoráveis às vocações. Entretanto quão numerosas e não só para a Congregação, mas para as dioceses e para outros institutos, soube Dom Bosco suscitar e cultivar. Dirá alguém que a situação hoje é muito mais difícil do que naquele tempo. Porém é verdade que também hoje se encontram jovens generosos, ricos de sentido apostólico e de vida espiritual. E é também verdade que não poucos Institutos religiosos, especialmente missionários, têm vocações numerosas e qualificadas, e até em regiões onde nós verificamos certa esterilidade de vocações.

As comunidades têm as vocações que merecem

Se essas considerações e constatações são verídicas (e parece-me que são), penso que todos devemos refletir sobre o problema com lealdade absoluta, olhando com coragem não somente para a realidade externa, social, familiar, muitas vezes negativa, mas antes ainda para a nossa realidade de salesianos, individualmente, e de comunidades salesianas.

Devemos, todavia, evitar o recurso aos fáceis lugares comuns, às frases feitas, quase para acharmos um alibi que tranqüilize a nossa consciência pessoal e comunitária. O

problema, com efeito, interessa e empenha cada um de nós, como pessoas e como membros da comunidade salesiana, qualquer que seja a nossa posição. Penso, com efeito, — com base em não breve e não limitada experiência, amadurecida ainda nestes últimos anos — que tinha não pouca parte de razão quem afirmou: “As Comunidades têm as vocações que merecem”. Pois se é verdade que a vocação não é obra humana, é também verdade que a graça age mediante os instrumentos humanos: é o que verificamos todos os dias.

Parece-me necessário acrescentar um esclarecimento prévio e assaz importante. A diminuição das vocações na Congregação não é, nem pode ser, o único motivo desta carta: seria visão e sensibilidade estreita e minimista. O argumento vocacional, ou, se quisermos, a pastoral vocacional é para nós elemento importante — antes, essencial — quer da nossa renovação quer da fidelidade ao nosso mesmo ser de salesianos, à missão que Dom Bosco nos deixou em herança.

Por todos esses motivos parece-me oportuno expor com certa amplitude sobre esse argumento algumas idéias, que provêm do magistério da Igreja, do nosso Capítulo Geral Especial e da nossa autêntica e constante tradição.

Veremos primeiro como se entende hoje a pastoral vocacional, que nexu estreitíssimo intercorre entre missão salesiana e ação vocacional, algumas idéias e pistas que se oferecem à atividade salesiana, as possibilidades de levar as vocações ao amadurecimento através do aspirantado e das eventuais formas paralelas.

Percebemos então que o problema vocacional nos interessa e empenha sem dúvida por motivos de necessidade e crise, mas antes ainda em razão da nossa própria missão juvenil, a saber, em razão das nossas responsabilidades de educadores cristãos segundo o espírito de Dom Bosco.

Essas reflexões — espero com viva fé — hão de dar também uma contribuição a todo o processo da renovação que, nas pistas do Capítulo Geral Especial, estamos salesianamente comprometidos a levar para a frente.

1. A PASTORAL VOCACIONAL HOJE

A nossa missão nos obriga a um serviço total, que “envolve todas as verdadeiras exigências e as reais necessidades do

jovem no seu corpo, no seu espírito, no seu coração. A formação integral exige um serviço integral”⁽¹⁾, que ajude o jovem no seu processo de amadurecimento humano e cristão até à doação cada vez mais completa de si mesmo a Deus e aos outros, até à realização de “um ideal que constitui a melhor expressão do dom de si”, quer leve a formar uma família, ou a servir mais de perto a Nosso Senhor⁽²⁾.

É exatamente a realização do “serviço integral ao jovem” que constitui a finalidade da nossa missão.

Quis lembrar logo estes princípios, porque interessa-me esclarecer desde o início que a pastoral e promoção vocacional entra em cheio, com direito que lhe é próprio, no campo da nossa missão; diria até que constitui a nossa missão, pois é inseparável da nossa ação em prol dos jovens: é, como diz o Capítulo Geral, “o remate de todo o trabalho pastoral com os jovens”⁽³⁾.

É axioma hoje que a pastoral é vocacional, ou não é pastoral.

E é exigência forte e delicada da nossa missão educativa.

Faltou uma educação adequada

Por que é que se chegou à atual crise vocacional na maior parte da geografia eclesial? Deixando de lado respostas que indicam causas teológicas, sociológicas e psicológicas — em geral todas válidas e que não se podem ignorar — à nós se nos depara uma que nos parece fundamental: porque faltou uma educação adequada da juventude, uma educação integral, a saber, em todos os níveis, humano, religioso, cristão e social; porque não se deu aos jovens a ajuda e orientação necessárias ao desenvolvimento da sua personalidade total com a realização do “projeto de vida” conforme à vontade de Deus e às qualidades pessoais.

Omitindo a responsabilidade de outras (circunstâncias, ideologias, transformações sociais de usos etc.) devemos perguntar-nos: que parte de responsabilidade toca-nos a nós

(1) *Atos do CGE*, n. 353.

(2) *Ibid.*, n. 354.

(3) *Ibid.*, n. 374.

educadores e salesianos? *Hic punctum dolens*: aqui é que dói a ferida e aqui é que se deve aplicar o remédio.

A conclusão outra não pode ser senão a decisão eficaz de sermos fiéis à nossa missão, com esforço sério e conseqüente para obter o que Dom Bosco quis de nós: sermos verdadeiros educadores no sentido salesianamente completo da palavra.

O que é a pastoral vocacional

Pelo que disse tereis compreendido que quando se fala de pastoral ou promoção vocacional, e quando vos encorajo a que a tomeis a peito, estou bem longe de querer dar a esta expressão o significado restrito de uma série de meios ou técnicas que têm como princípio e finalidade única a preocupação de “suscitar” vocações ou de “pescar” meninos com que ter a satisfação de encher as casas de formação. Trata-se de algo muito mais extenso, profundo e substancial. A Pastoral Vocacional “consiste na ação da comunidade cristã, hierarquicamente organizada, que visa a fazer com que todo cristão, desde os primeiros anos da meninice, desenvolvendo a vocação fundamental à santidade e apostolado que brota do batismo, descubra a própria vocação pessoal, e ache as condições necessárias para o amadurecimento e perseverança⁽⁴⁾.

Visto que se trata de realidade teológica, da nossa colaboração com a ação de Deus que, ao mesmo tempo, se reflete no destino e na vida do homem, é preciso não esquecer as premissas teológicas que dão o verdadeiro sentido ao empenho vocacional. Indico três.

Antes de tudo, *a iniciativa de Deus*. Toda vocação na Igreja tem a sua origem em Deus. O Espírito distribui a cada um o seu carisma. A vocação ao ministério ou à vida consagrada é um ato de predilação divina. Não é escolha ou decisão do homem: “Não fostes vós que me escolhestes, mas eu é que vos escolhi a vós”⁽⁵⁾.

(4) CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *La preparazione al sacerdozio ministeriale*, Roma, 1972, pág. 313.

(5) Jo 15, 16.

Em segundo lugar, *as necessidades da Igreja*. As vocações são para que possa realizar a sua missão de sacramento de salvação para o mundo. “Deus não permitirá que faltem ministros para a sua Igreja”, afirmou de maneira concreta o Concílio, referindo-se às vocações sacerdotais ⁽⁶⁾.

“Não se devem minimizar as dificuldades do presente e do futuro — escreveram recentemente os bispos de França —; mas a este mundo é que a Igreja foi enviada, para chamá-lo à salvação. Para este mundo é que ela precisa das vocações de todos os cristãos e, por título especial, de vocações ao ministério e à vida consagrada. . .

“Entre as dificuldades, incertezas, interrogações atuais, Deus está presente na sua Igreja e no mundo. . . Em nosso mundo tão cheio de esperanças e anseios Deus continua a chamar, para que a Igreja possa servir o mundo que ama” ⁽⁷⁾.

E finalmente, *a complementariedade de todas as vocações*. Os carismas têm como finalidade “a renovação e edificação da Igreja” ⁽⁸⁾. Ela deve crescer, expandir-se, chegar a realizar o seu destino de ser a comunidade de “toda criatura”.

A teologia atual da vocação dá grande importância a essa finalidade eclesial de todas as vocações. O Concílio pôs isso em relevo. Todas as vocações particulares se centram, interrelacionam e completam para servir a única missão da Igreja ⁽⁹⁾.

Em ordem ao serviço vocacional é muito importante não esquecer que “as vocações não se definem em oposição às outras, mas em função da comunhão dentro da igreja e entre os homens” ⁽¹⁰⁾.

Os objetivos da pastoral vocacional

Estabelecidas estas premissas teológicas, podemos aprofundar o nosso arrazoado, examinando os principais objeti-

(6) *Optatam Totius*, n. 6.

(7) CONFERENZA EPISCOPALE FRANCESE, *L'Esprit, le sens et les moyens d'une pastorale des vocations*. Em *Vocation*, n. 257 (1972, pág. 20 e 9).

(8) *Lumen Gentium*, n. 12.

(9) Cfr. *Ad Gentes*, n. 15; *Lumen Gentium*, n. 32-33.

(10) *CEF*, o.c., pág. 8.

vos que a pastoral das vocações é chamada a realizar. Indicarei dois.

Fazer viver a vocação batismal

O primeiro objetivo da pastoral vocacional (comum ao da pastoral geral) é cultivar e fazer o cristão viver com convicção a sua primeira e fundamental vocação: a vocação à fé, o chamado a fazer parte do povo de Deus.

... “Todos os eleitos, predestinou-os a serem conformes à imagem do Seu Filho... Os que crêem em Cristo, quis chamá-los à Santa Igreja” ⁽¹¹⁾. Essa convocação é a chamada fundamental, a mais sublime. Outra não há maior que esta.

“A razão mais alta da dignidade do homem consiste na sua vocação à comunhão com Deus. Desde o nascimento é o homem convidado ao diálogo com Deus” ⁽¹²⁾.

“A vocação última do homem em realidade é uma só, a divina” ⁽¹³⁾: entrar, através da Igreja, no mistério pascal, o que equivale a dizer: entrar em esta comunicação com Deus, e alcançar a restauração e glorificação definitiva.

“Batismo e pertença à Igreja querem dizer “santidade” ⁽¹⁴⁾.

O que importa é a edificação da Igreja na santidade dos seus membros, a presença viva no mundo do Cristo total. Isso é quanto devem fazer os cristãos, cada um na própria condição: empenhar-se cotidianamente em seguir e imitar a Cristo. Os cristãos, “seguindo o exemplo de Cristo, e feitos conformes à sua imagem, em tudo obedientes à vontade do Pai, com plena generosidade se consagram à glória de Deus e ao serviço do próximo” ⁽¹⁵⁾.

Não se pode conceber essa identificação sem exigência, para o batizado, de participar na mesma missão de Cristo. É o que nos recorda o C. G. E.: “Todo batizado e crismado torna-se cristão” e recebe a missão de contribuir à função “sacramental” da Igreja, i. é, de testemunhar, como sinal do

(11) *Lumen Gentium*, n. 2.

(12) *Gaudium et Spes*, n. 19.

(13) *Ibid.*, n. 22.

(14) Cfr. *Lumen Gentium*, n. 39.

(15) *Ibid.*, n. 40.

mistério de Cristo, e de servir, como instrumento da sua comunicação aos homens” (16).

Esse é o objetivo basilar de toda pastoral, e em concreto da pastoral vocacional: fazer todo cristão viver sob o sinal da missão, torná-lo consciente de que o batismo pôs sobre os seus ombros o empenho de promover e dilatar o Reino de Deus, de ser santo e de fazer Igreja.

Fazer amadurecer a vocação pessoal de cada um

“Porém — prossegue o C.G.E. — tudo isso não se desenvolve de maneira uniforme, mas numa variedade de vocações concretas. A Igreja, de fato, é realidade orgânica, cujas funções são complexas, e é animada pelo Espírito Santo que quer sempre enriquecê-la e renová-la” (17). É ele que confia a cada um a sua função no corpo da Igreja: “alguns como apóstolos, outros como profetas, outros como doutores” (18).

Todo membro ocupa o seu lugar no organismo e realiza a sua função para que o corpo de desenvolva, fortifique e aperfeiçoe. O Espírito Santo distribui entre os fiéis de todas as classes graças especiais, com as quais os torna aptos e prontos a tomarem sobre si os vários trabalhos e ofícios que servem à renovação e à maior expansão da Igreja” (19).

A vocação ao sacerdócio e à vida consagrada se insere assim no círculo mais amplo da vocação cristã radicada no sacramento do Batismo (20).

Infelizmente tudo isso foi por muitas vezes esquecido. Tivemos pretensão de achar vocações específicas onde não havia consciência clara de vocação cristã.

Impõe-se, pois, a pastoral vocacional nas suas linhas fundamentais, que não se distingue da “pastoral simpliciter”, mas dela recebe a necessária dimensão orientativa e vocacional. Não existe o cristão “genérico”. Toda pessoa em momento preciso da própria vida é chamada por Deus para assumir na Igreja tarefas bem determinadas, e deve descobri-las.

(16) *Ato do CGE*, n. 109.

(17) *Ibid.*

(18) *1 Cor* 12, 28.

(19) *Lumen Gentium*, n. 12.

(20) *Cfr. Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, n. 5.

E a pastoral vocacional tem exatamente a finalidade de ajudar cada um a descobrir e a amadurecer a própria vocação pessoal.

Algumas características da pastoral vocacional

Já podemos agora deduzir de quanto disse algumas importantes conseqüências. Antes de tudo, a pastoral vocacional se nos manifesta como *um serviço educativo e um direito do jovem*. Nessa perspectiva, a orientação vocacional cristã é serviço pedagógico que os jovens têm o direito de receber de nós, embora fique claro que será sempre cada um deles o responsável principal do próprio destino ⁽²¹⁾. Prestar-lhe-íamos mau serviço se a nossa ação se limitasse a desenvolver os seus dotes e qualidades, e depois ficassem eles enterrados e improdutivos para a Igreja e para a sociedade, porque não o orientamos na realização do seu verdadeiro projeto de vida.

Em segundo lugar a pastoral vocacional é *aberta para todas as vocações*. A quantos têm o dever de educar na fé, cabe-lhes procurar “que cada um dos fiéis seja conduzido no Espírito Santo a desenvolver a própria vocação específica segundo o Evangelho” ⁽²²⁾.

É, pois, um serviço para todas as vocações. Não pode ele limitar-se às vocações sacerdotais ou religiosas, e ainda menos ao recrutamento de candidatos para o próprio Instituto. Requer-se de nós mudança de mentalidade a esse respeito ⁽²³⁾, que chegue até a aceitação pacífica deste princípio: “Somos todos responsáveis de todas as vocações”.

A pastoral vocacional, enfim, é ação específica *em favor das vocações sagradas*. Fica então estabelecido que pastoral juvenil bem entendida já é pastoral vocacional, no sentido que sensibiliza os jovens com relação à chamada pessoal de Deus, leva-os a uma adesão plena à vocação batismal e desperta neles o empenho na missão mesma da Igreja. Por isso devemos logo acrescentar que a pastoral geral deve necessariamente culminar em ação específica das vocações eclesísticas e das vocações de consagração especial.

(21) Cfr. *Populorum Progressio*, n. 15.

(22) *Presbyterorum Ordinis*, n. 6.

(23) *Ibid.*, *Gaudium et Spes*, n. 52.

Uma das primeiras preocupações de Jesus foi a de individuar na massa dos seus ouvintes os que deviam constituir o corpo especializado das testemunhas e propagadores da sua missão, os discípulos e os apóstolos. A estes dirigiu um convite explícito, claro, pessoalíssimo: “Vem e segue-me”. Cultivou-os e educou-os com cuidado particular. O procedimento de Cristo é modelo.

Deus confia à Igreja o encargo de chamar os candidatos idôneos⁽²⁴⁾, e ela tem a tarefa de ser solícita para que “no Povo de Deus aqui na terra não faltem os operários”⁽²⁵⁾.

Toda a comunidade eclesial exerce função mediadora na orientação e cuidado das vocações: “O dever de fomentar as vocações sacerdotais cabe a toda a comunidade cristã”⁽²⁶⁾.

É seu dever criar “um clima espiritual” rico de valores sobrenaturais no sentido da vida, de sensibilização, de oração e de educação moral.

Valha para todos nós o exemplo que nos deixou Dom Bosco. Ele soube criar o clima apto a fazer germinar tão numerosas vocações sacerdotais e religiosas.

2. AS TAREFAS DA CONGREGAÇÃO

A função de orientação vocacional vem assim constituir a principal atividade da nossa missão salesiana. Se a Congregação quiser continuar a ser “salesiana”, i. é, a Congregação fundada por Dom Bosco para educar a juventude, deve realizar — em grande escala — constante orientação e promoção vocacional.

A pastoral das vocações — observava-se há pouco — apresenta dupla dimensão: desenvolve ação genérica que visa a “fazer viver a vocação batismal”, e desenvolve ação específica a favor das “vocações sagradas”. Ambas essas dimensões dizem a fundo respeito à nossa Congregação.

Entendida no sentido de “fazer viver a vocação batismal”, a pastoral vocacional chega a identificar-se com a nossa própria Missão. Disse-o o CGE: “A nossa Sociedade, que

(24) Cfr. *Optatam totius*, n. 2.

(25) *Presbyterorum Ordinis*, n. 11.

(26) *Optatam Totius*, n. 2.

recebeu a missão específica da evangelização dos jovens, é chamada a realizar no âmbito eclesial o trabalho vocacional. De modo particular tem a missão de assistir os jovens no esforço de definir a própria posição e descobrir as suas tarefas na comunidade humana e na Igreja” (27).

E pelo que se refere ao cuidado particular das vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, ela é não menos essencial em nossa missão, e é fim principal da nossa Congregação.

Vou lembrar-vos algumas instâncias salesianas sobre esse argumento.

Não é salesiano quem não exerce ação vocacional

Claras, concisas, e muito significativas são as palavras das nossas Constituições: “Procuramos... favorecer a maturação de vocações apostólicas assim leigas como religiosas e sacerdotais, em benefício de toda a Igreja” (28).

Por seu lado os membros do CGE tinham consciência da importância desse tema e o estudaram com interesse, como consta de vários documentos (29).

A pastoral das vocações é chamada pelo CGE “setor privilegiado da ação salesiana” (30). “Essa nossa característica deve perdurar” (31). Isso concebe o salesiano como um apóstolo dedicado com ardor a incrementar o Corpo de Cristo e que sente “como mais urgentes os problemas referentes às vocações sacerdotais e religiosas, a animação dos leigos ao apostolado e ao trabalho pelas missões” (32).

Reafirma que “elemento essencial da nossa ação pastoral e sua consequência natural é a promoção e o cuidado das

(27) *Atos do GGE*, n.º 622.

(28) *Const.*, n. 12. Cfr. também *Const.*, n. 24, 29, 107; e *Reg.*, n. 72. Cfr. ainda a magistral carta do P. RICALDONE, “*Formazione del personale salesiano*”, em ACS n. 78 (ano 1936), cuja leitura recomendo vivamente.

(29) No *Documento I*: n. 50, 61-65, 99. *Documento II*, n. 220-223, 223-236, 250, 258. *Documento IV*, n. 374, 382, 397. E especialmente *Documento XIII*, n. 662, 673-684.

(30) *Atos do CGE*, n. 65.

(31) *Ibid.*, n. 50.

(32) *Ibid.*, n. 99.

possíveis vocações religiosas e sacerdotais, e das vocações de jovens apostólicos, como um dos serviços mais responsáveis e imediatos da nossa ação pastoral”⁽³³⁾, pelo qual “os salesianos devem ter um cuidado especial para ajudar a formação dos que o Senhor chama à total consagração a Ele para uma missão apostólica”⁽³⁴⁾. E “será cuidado especial das nossas escolas a procura e orientação de boas vocações eclesiais e religiosas, no meio milhão de jovens que as freqüentam”⁽³⁵⁾.

O Capítulo outra coisa não fez senão interpretar o aspecto vocacional do carisma e espírito de Dom Bosco, que estava convencido de ter recebido de Deus esta missão. Nas Memórias Biográficas lemos uma descrição bem triste da hostilidade vocacional de que estava saturado o ambiente sócio-religioso na época de Dom Bosco. O quadro se fecha com estas palavras que me impressionaram: “Entre os jovens, nenhum ou bem poucos aspiravam à carreira eclesiástica... Prover à penúria de vocações parecia então empresa humanamente impossível. Mas ele (Dom Bosco) sentia no seu coração que Deus lhe confiara a missão de prover às necessidades urgentíssimas da sua Igreja, e não hesitou”⁽³⁶⁾.

Essas palavras não são fruto da imaginação do biógrafo. De fato, temos um documento sacratíssimo, o testamento paterno, em que Dom Bosco repisa, quatro anos antes da morte: “Deus chamou a nossa pobre Congregação Salesiana para promover as vocações eclesiais... Lembremo-nos de que damos à Igreja um grande tesouro quando lhe procuramos uma boa vocação”⁽³⁷⁾.

O P. Rua, numa das suas circulares, manifestava com força impressionante os sentimentos da sua responsabilidade em face da Congregação, exortando todos os salesianos a fervoroso trabalho vocacional. Com a mesma convicção e zelo do P. Rua também eu me sinto impelido pelo meu dever a “voltar todos os meus pensamentos e solitudes ao cuidado das vocações, sem o qual a nossa Congregação definharia, e não corresponderia ao fim que Dom Bosco se propôs ao fundá-

(33) *Ibid.*, 397.

(34) *Ibid.*, 662.

(35) *Ibid.*, n. 382.

(36) *MB*, n. 5, 388-389.

(37) *Ibid.*, 17, 262.

-la”⁽³⁸⁾; firmemente persuadido — como tive ocasião de dizer aos Capitulares — que “a orientação vocacional deveria ser o ponto culminante da atividade pastoral das comunidades salesianas”⁽³⁹⁾.

Responsável é a Comunidade

Um dos grandes frutos do nosso CGE foi a descoberta do valor e importância da Comunidade. Dela se afirma que é “titular principal da missão”. A missão da Congregação” é confiada não a cada sócio individualmente, mas à Congregação inteira e às suas comunidades inspetoriais e locais”⁽⁴⁰⁾.

A comunidade que é responsável das vocações⁽⁴¹⁾ não é só a Igreja Universal, ou as Dioceses (Igrejas locais), ou as paróquias, mas também as comunidades religiosas nos vários níveis, as famílias cristãs, as comunidades educativas, as associações apostólicas. Toda comunidade, repito, é “sacramento da Igreja universal”, e por isso mesmo é lugar da chamada e da resposta.

A comunidade é a “causa dispositiva”, terreno onde germinam as sementes. Hoje, com base nestes princípios, afirma-se que uma renovação não se pode desenvolver e chegar à maturação sem uma ação comunitária. A esperança para a solução da crise vocacional está posta na comunidade. A vocação sagrada é um fato essencialmente comunitário: no seu nascimento, na sua maturação, para a sua finalidade e para o seu rendimento. A comunidade não pode sentir-se estranha: é um fato em que ela está continuamente em causa.

Tudo isso mostraram ter compreendido muitas Inspetorias nos seus Capítulos e tomaram as devidas deliberações. A Inspetoria como tal e toda comunidade local, sentindo-se depositárias da missão (quer da Igreja como da Congregação) sentiram a necessidade de cumprir esse dever, independentemente da abundância ou escassez de vocações, da existência

(38) MICHELE RUA, *Lettere Circolari*, pág. 187.

(39) *Relazione generale sullo stato della Congregazione*, CGE, Roma, 1971, pág. 107.

(40) *Atos do CGE*, n. 29.

(41) *Optatam Totius*, n. 2.

ou não de uma crise, da facilidade ou dificuldade do empreendimento.

De aqui o empenho conscientemente assumido de uma revitalização das comunidades (condição indispensável para que surjam vocações) e a programação cuidadosa da pastoral vocacional.

A primeira condição para empreender esse trabalho é ter consciência de “ser comunidade”, e querê-la construir custe o que custar. Isso vale tanto para a comunidade religiosa como para a comunidade educativa ⁽⁴²⁾, de raio mais amplo, que abraça também os colaboradores leigos, os alunos, e os pais ⁽⁴³⁾. “Desse modo se cria o ambiente propício ao florescimento das vocações” ⁽⁴⁴⁾.

Responsável é também todo salesiano

Os superiores deverão sentir-se interpelados por quanto pede o Concílio no Decreto *Christus Dominus*: “Fomentem o mais possível as vocações sacerdotais e religiosas, dedicando especial cuidado às vocações missionárias” ⁽⁴⁵⁾. O seu trabalho será sobretudo de animação e coordenação.

Queria lembrar-vos as palavras de João XXIII: “O problema das vocações eclesiais e religiosas é solicitude cotidiana do Papa...” ⁽⁴⁶⁾. Deus queira assim seja para todos quantos tenham responsabilidade de direção e que essa preocupação se traduza, como para o Papa João, em “suspiro da sua oração, aspiração ardente da sua “alma” ⁽⁴⁷⁾, para que a ação pastoral vocacional ocupe o lugar que lhe compete. Devemos dedicar-lhe inteligência, coração e forças.

Referindo-se aos educadores, o Concílio lhes pede: “Procurem educar os adolescentes que lhes são confiados de maneira a que fiquem em condições de descobrir a vocação divina e segui-la com generosidade” ⁽⁴⁸⁾. Nesta categoria esta-

(42) Cfr. *Atos do CGE*, n. 357.

(43) Cfr. *Ibid.*, Documento VIII: *Nossa vida de comunhão*.

(44) Cfr. *Ibid.*, n. 507.

(45) *Christus Dominus*, n. 15.

(46) *Optatam Totius*, n. 2, nota 3.

(47) *Ibid.*

(48) *Optatam Totius*, n. 2; Cfr. *Perfectae Caritatis*, n. 24; *Presbyterorum Ordinis*, n. 11.

mos todos nós, sacerdotes e coadjutores, anciãos e jovens, superiores e não superiores. Todos somos educadores.

Aos *sacerdotes* incumbe particular responsabilidade, porque “esta é função que faz parte da própria missão sacerdotal” (49). “Cabe aos sacerdotes, na qualidade de educadores na fé, de cuidar... que todos os fiéis cheguem no Espírito Santo a cultivar a vocação pessoal segundo o Evangelho” (50). Até que ponto podemos viver com a consciência tranqüila, se em nosso ministério pastoral não existe esta força impelente e não nos propomos esta meta?

Os *coadjuvadores*: como salesiano e como religioso o coadjutor está empenhado na pastoral das vocações do mesmo modo que o salesiano sacerdote. Se faço referência especial é porque tenho interesse em salientar uma coisa: a vocação laical nestes tempos tem a mesma (para não dizer maior) importância, valor e atrativo de quando Dom Bosco a intuiu e instituiu. A revalorização do leigo na sociedade e na Igreja oferece à vocação salesiana laical maior campo de ação e maiores possibilidades. Por isso a recomendação do CGE: “Na promoção vocacional sejam apresentadas e igualmente valorizadas a vocação do salesiano sacerdote e a do religioso coadjutor” (51). O testemunho do coadjutor é neste ponto fundamental.

São necessários homens especializados

Não se pode dizer que falte o desejo ou a vontade de se dedicar a esse trabalho interessante e necessário. Mas devemos reconhecer que muitas vezes há quem não se dedica porque tem medo de não encontrar o caminho justo, em empresa tão delicada, à qual não se sente preparado: desejaria maior preparação teológica, psico-pedagógica etc. Outros há que são vítimas do desânimo, porque não vêm coroados de êxito os próprios esforços. Outros trabalham, mas se acham desorientados diante da complexidade de certas situações e diante da oposição que encontram. E não poucos trabalham com entusiasmo, mas nem sempre com critério e métodos justos

(49) *Presbyterorum Ordinis*, n. 11.

(50) *Ibid.*, n. 6.

(51) *Ato do CGE*, n. 692.

e acertados, deixando-se guiar por idéias confusas, aproximativas, quando não totalmente equivocadas, sem ter em conta as atuais orientações da Igreja, nem as conclusões seguras da teologia pastoral e de sã psico-pedagogia.

De onde se vê a necessidade de que haja pessoas especializadas, e serviços organizados, em favor da ação vocacional.

Tais são em nossas Inspetorias e casas os delegados ou responsáveis, os animadores ou promotores (que muitas vezes coincidem com as mesmas pessoas encarregadas da pastoral da juventude), e os centros, ou serviços, ou equipes de orientação, de animação e de pastoral vocacional.

A terminologia evolui e muda segundo os tempos e os lugares. O que importa é esclarecer as funções que essas pessoas e grupos devem desempenhar: animação, sensibilização, formação, informação, organização de iniciativas e atividades, coordenação e ajuda, estudo e reflexão sobre os problemas, em suma tudo o que constitui a espiritualidade e a metodologia da promoção vocacional.

Seria erro gravíssimo pensar que essas pessoas ou equipes sejam as únicas responsáveis pelas vocações, como se as comunidades e os indivíduos pudessem abdicar da própria responsabilidade. Elas não substituem o trabalho dos outros. Também não são chamados a ser agentes diretos sobre os jovens, ao menos por causa da sua missão de delegados ou animadores. Cabe-lhes animar a pastoral das comunidades e dos irmãos, e ajudá-los na maior medida do possível.

Baseando-se nas diretrizes da Sagrada Congregação da Educação Católica, as metas desses organismos deveriam ser as seguintes:

— trabalhar para que o interesse pelas vocações esteja presente em toda atividade pastoral;

— investigar e experimentar as formas mais eficazes de atividades específicas em favor das vocações, que se devem realizar em nível dos diversos ambientes e pessoas, e sobretudo em nível das diversas idades.

Essas atividades específicas consistem especialmente:

— na organização da oração (é o meio que deve sempre ter a primazia);

- no estudo das situações;
- na preparação dos responsáveis;
- na difusão de teologia séria da vocação, dos ministérios, dos estados de consagração especial;
- no emprego dos meios mais aptos de comunicação;
- na busca de relacionamentos com grupos de jovens escolhidos;
- no aperfeiçoamento dos métodos de reflexão e orientação pessoal e de grupo em ordem à vocação;
- em iniciativas de apoio e acompanhamento dos jovens melhores até o momento de sua eventual entrada em centros de formação ⁽⁵²⁾.

Para tal fim se deverão usar de todas as iniciativas que utilmente nos oferecem as hodiernas doutrinas psicológicas e sociológicas ⁽⁵³⁾.

3. PISTAS PARA A ATIVIDADE VOCACIONAL

Mesmo movendo-nos num campo em que Deus é o agente principal, não se exclui — até pelo contrário se requer — a ação solícita do homem. Deus pede sempre essa colaboração, generosa e inteligente.

A ação humana deve ser preparada com a reflexão, o estudo e a oração. Deve-se analisar a realidade da situação, descobrir as necessidades, fixar metas, estabelecer os meios, propor os métodos. Numa palavra deve-se programar. Perde-se muita energia, cometem-se muitos erros, falham muitas iniciativas por falta de organização.

A Santa Sé, pelos trâmites da Sagrada Congregação da Educação Católica sentiu a necessidade de pedir às Conferências Episcopais, após larga consulta e reflexão, estudo e a elaboração de um Plano Nacional a favor das vocações que corresponda às peculiares condições religiosas e sociais

(52) Cfr. *Anexo III*, à carta n. 418/70/153 de 10/3/1971, pág. 19-20 (ciclostilado).

(53) *Optatam Totius*, n. 2.

de cada nação, se inspire nos princípios doutrinários e normas pastorais do Vaticano II e dos documentos posteriores e seja susceptível de revisão regular dos resultados ⁽⁵⁴⁾.

Isso nos revela a importância e a necessidade que também na Congregação, em toda Inspetoria ou Região — de acordo com a sua particular situação — se definam linhas concretas de ação pastoral vocacional.

Algumas condições para o planeamento

Recorto e sintetizo — de algumas comunicações da Sagrada Congregação, e de uma intervenção do Card. Hoeffner — algumas condições mais importantes a que esse planeamento deveria obedecer.

Dada a nossa situação, o planeamento deveria fazer-se

— *em harmonia com a pastoral de conjunto*. O planeamento deve, a saber, ter em conta o conjunto da organização pastoral, de todos os setores da ação eclesial. Não pode isolar-se deles, e em cada um deve ter presentes os diversos aspectos doutrinários, espirituais, psico-pedagógicos e organizativos. E será absolutamente indispensável que se insira em cheio na pastoral dos jovens ⁽⁵⁵⁾;

— *um planeamento realista*. Não utópico. Não se podem ignorar realidades lamentáveis em que se deve trabalhar: a situação sócio-política, cultural e religiosa do lugar, em particular do setor dos adolescentes e dos jovens; as necessidades mais urgentes da Igreja e da Congregação nesse lugar; os meios com que se pode contar (elementos materiais, humanos, institucionais). É preciso começar por essas realidades. Quando forem muito desfavoráveis, o trabalho será mais lento e exigirá a superação de etapas preparatórias, e maior empenho e sacrifício, unidos a fé mais profunda (pelo fato de não podermos esperar resultados imediatos); mas seria ineficaz e contraproducente querer agir diversamente;

(54) CARD. GARRONE, *Lettera ai Presidenti delle Conferenza Episcopali*, 10-3-71.

(55) Cfr. *Atos do CGE*, n. 374.

— *um planejamento concreto*. Não se pode parar em linha de análises, princípios e conclusões genéricas. Devem-se indicar soluções, traçar caminhos, marcar metas determinadas e progressivas, adaptadas a cada ambiente;

— *um planejamento que se possa verificar*. Requer-se controle periódico em nível pessoal, local, inspetorial, não tanto dos resultados imediatos e quantitativos, que geralmente não virão tão depressa, quanto do esforço que se realizou, do espírito e intenção com que se animou, das dificuldades encontradas e dos melhoramentos que se podem introduzir na programação;

— *um planejamento eclesial*, i.é, unitário, não estruturado nos limites de *igrejinha*, de portas fechadas, mas aberto à colaboração com outras forças da Igreja, diocesana ou nacional;

— *um planejamento salesiano*, i.é, inspirado no carisma de Dom Bosco, que é dom do Espírito Santo para o enriquecimento da Igreja. Por isso, o planejamento:

estará em harmonia com os princípios inspiradores do nosso sistema educativo, como a pedagogia sacramental e mariana, a alegria, o otimismo para com os jovens, a assistência como presença educativa e ocasião de relacionamento interpessoal ⁽⁵⁶⁾;

porá em relevo o campo que devemos de preferência cultivar em ordem às vocações: os jovens que freqüentam as nossas obras (escolas e colégios, oratórios e centros de juventude, paróquias etc.);

deverá prever a coordenação e colaboração com as Filhas de Maria Auxiliadora;

empenhará como agentes vocacionais os outros membros da Família Salesiana: Cooperadores, Voluntárias de Dom Bosco, Ex-Alunos, e quantos entram na esfera do nosso influxo, isto é, pais dos alunos, os professores e mestres, os fiéis de nossas paróquias, a Associação dos devotos de Maria Auxiliadora, os vários movimentos apostólicos que dependem de nós ⁽⁵⁷⁾.

(56) Cfr. *Ibid.*, n. 263.

(57) Cfr. *Ibid.*, n. 357.

O nosso método é o sistema Preventivo

Toda a nossa ação educativa, e por isso, também a pastoral vocacional, se baseia no “sistema preventivo”. Sentimos a necessidade que ele seja revalorizado entre nós ⁽⁵⁸⁾.

Com ele quis Dom Bosco contribuir com o seu “grãozinho de areia à difícil arte da educação da juventude” ⁽⁵⁹⁾. E quando Dom Bosco diz “educar”, entende uma educação integral da pessoa: “O educador é um indivíduo consagrado ao bem dos seus alunos; por isso, deve estar pronto a enfrentar qualquer incômodo e cansaço para conseguir o fim que tem em vista: a formação cívica, moral e científica dos seus alunos” ⁽⁶⁰⁾.

Consequência da educação integral é que os jovens ocupem o lugar que lhes cabe na Igreja e na sociedade. Assim se exprime Dom Bosco, com palavras simples: “Os alunos educados segundo esses princípios são cidadãos prestimosos e bons cristãos... ocupam posição distinta na sociedade... começaram vida de bons costumes” ⁽⁶¹⁾.

Se Dom Bosco conseguiu fazer o que fez, deve-se ao fato de que teve coração condoído pelo abandono e desorientação dos jovens, pelo seu extravio que teria consequências irreparáveis para a eternidade. De aí seu trabalho incansável, o martírio da sua vida para educar e orientar os jovens.

O sistema preventivo tem bem presentes as exigências da *formação humana* (física, psíquica, intelectual, social...), da *formação cristã* (moral, espiritual, litúrgica, sacramental) e da *orientação vocacional* ⁽⁶²⁾.

Se folhearmos essas páginas, veremos que Dom Bosco usou e pôs em nossas mãos todos os recursos que uma adequada pastoral vocacional exige hoje. Ele estava tão persua-

(58) Quadra muito bem a “Reunião Européia sobre o Sistema Preventivo”, que se realiza exatamente nestes dias, em Roma, em nossa Casa Geral. Organizada pelo Dicastério da Pastoral da Juventude, com a colaboração do Instituto Superior de Pedagogia da Universidade Pontificia Salesiana, a Reunião com toda a probabilidade se repetirá — como desejo vivamente — também em outros continentes.

(59) *MB*, 13, 918-923.

(60) *Ibid.*, 13, 922.

(61) *Ibid.*, 13, 922-923.

(62) *Ibid.*, 13, 918-922.

dido que afirmou: "Pratique-se o sistema preventivo e teremos vocações em abundância" ⁽⁶³⁾.

Os recursos do sistema preventivo são: cuidadosa e progressiva catequese; profunda e ativa vida litúrgico-sacramental e espiritual; o testemunho do educador (presença ativa entre os jovens, virtude "comprovada", dedicação total aos jovens, respeito da sua personalidade e liberdade; ambiente de otimismo, alegria e liberdade; outros meios que são corolário da sua pedagogia, como comunhão de ideais, participação em empenhos apostólicos, integração em grupos de formação e ação, valor insubstituível da oração etc..

Por que não pôr em relevo esses meios? Se queremos trabalhar, devemos saber de que instrumentos usar e de que modo.

Uma cuidadosa e progressiva catequese

Uma catequese bem transmitida mantém continuamente desperta a consciência do cristão sobre a sua condição de batizado, põe-no em contato íntimo e pessoal com a Palavra que convoca e vivifica a Igreja e o empenha na realização da missão da Igreja segundo a sua vocação pessoal ⁽⁶⁴⁾. Catequizar ou evangelizar é anunciar a pessoa viva de Cristo, guiar ao encontro com a figura mais atraente, completa, encantadora e benfazeja, a única que pode obter dos jovens resposta irresistível.

A catequese, respeitando o ritmo do processo de maturação, apresenta, de modo claro e adequado, as várias vocações que o Espírito Santo suscita na Igreja, para que o jovem possa procurar em qual delas deve prestar o seu serviço a Deus e aos homens.

Seria falha lamentável e perniciosa se a nossa catequese não acudisse a esse requisito. Seria deixar os jovens andar à toa num mar de confusões, expostos a não chegar ao porto, apesar da abundância e colorido das descrições que tenham talvez ouvido sobre a beleza e riqueza da terra firme.

(63) *Ibid.*, 17, 262.

(64) Cfr. CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *Il rinnovamento della catechesi*, pág. 33.

Em nosso ensinamento pastoral (aulas de religião, pregação, confissão e direção espiritual, conversas e conferências) quer aos nossos alunos como aos seus pais, aos Ex-alunos e Cooperadores, aos fiéis das nossas Paróquias, saibamos colher as ocasiões especiais de preparação ou administração de sacramentos, como o batismo, o matrimônio, a ordenação sagrada, ou de profissões religiosas, para fazer conhecer os conceitos fundamentais sobre a vocação.

Apresentar as vocações sagradas

Se ao apresentar as diversas vocações devemos ser entusiastas e objetivos: pondo em perspectiva a beleza espiritual de cada uma, ao apresentar as vocações de especial consagração poremos de nossa parte cuidado e interesse especial.

Procedendo desse modo não cairemos necessariamente no erro de propaganda de tipo comercial. A preocupação particular que se há de ter no apresentar essas vocações apóia-se de fato sobre motivos manifestos: elas são de compreensão mais difícil, são mais desconhecidas; nestes últimos tempos decresceu a estima por elas porque ficaram em parte sacrificadas a uma maior valorização doutrinal do matrimônio e da vida laical. Além disso, comportam maiores dificuldades por causa das renúncias que lhe são inerentes.

Não queiramos ser responsáveis do triste fato de alguém que não siga “mais de perto” a Nosso Senhor, só porque não conhece essa via. Tornando-lha conhecida, se apresenta pelo menos a possibilidade de que Deus o convide a caminhar por elas.

Apresentar a vocação salesiana

Nenhuma norma da Igreja, nenhum princípio pastoral vocacional, proíbe aos religiosos tornem conhecida e estimada a própria família religiosa. Contanto que se faça com a devida prudência ⁽⁶⁵⁾, sem afã de competição e dentro do espírito de universalidade de que estamos falando.

(65) *Perfectae Caritatis*, n. 24.

Seríamos injustos e ingratos para com o Espírito Santo que suscitou Dom Bosco, se não o tornássemos conhecido com o testemunho e coerência da nossa vida e com a palavra.

É vontade do Espírito Santo que se conserve na Igreja o carisma salesiano. Devemos fazê-lo conhecido mediante Dom Bosco e a sua Congregação:

mediante Dom Bosco, i.é, mediante a sua figura gigantesca, a sua prodigiosa santidade, a sua atividade incansável, a sua dedicação aos pobres, a imensidade do seu coração, aberta às inquietações, às esperanças e às alegrias da juventude. A sua figura, transparência de Cristo, suscitou e continua a suscitar em milhares de jovens os anseios de consagrarem a vida ao serviço dos pobres;

e devemos fazer conhecido o carisma mediante a Congregação: sem triunfalismos, mas também sem falsa modéstia, com a convicção de quem sabe que escolheu o lugar certo e oferece aos outros a mesma possibilidade. Com o critério evangélico de que o conhecimento do bem que fazemos (“Vejam as vossas boas obras...”) arraste muitos a colaborar em nosso gênero de vida”⁽⁶⁶⁾... para dar glória ao Pai que está nos céus”.

Uma vida profundamente espiritual

No ambiente materialista e neopagão da sociedade atual, no ambiente de secularização, em que vive mergulhada a maior parte do mundo de hoje, torna-se quase impossível ao jovem escutar a voz de Deus. “A vida tão agitada, a perda das tradições que ainda não foram substituídas por outras, a pressão de um ambiente saturado de influências muitas vezes deletérias, tornam muito difícil o silêncio interior... É cada vez mais difícil à voz de Nosso Senhor fazer-se ouvir nas consciências”⁽⁶⁷⁾.

É necessário corrigir o mais que se puder esse ambiente, espiritualizá-lo, introduzir os jovens numa atmosfera purificada, sensível aos valores sobrenaturais, de onde seja possível a visão dos acontecimentos e realidades terrenas à luz da fé, da palavra de Deus.

(66) Mt 5, 16.

(67) CARD. GARRONE, *La Chiesa*, LDC, 1972, pág. 141.

Essa é a pedagogia de Dom Bosco. E muito bem sabemos em que coluna se apóia: sacramentos, amizade com Cristo (o que significa vida da graça), devoção mariana. Três expressões *que hoje não são bem aceitas* mesmo em alguns ambientes religiosos. E todavia devo escrevê-las, e as sublinho com convicção e firmeza, no desejo de que lhes deis a vossa atenção.

Caros Irmãos, revalorizemos — com a acentuação e estilo próprio do nosso tempo — esses elementos insubstituíveis da pedagogia salesiana e de qualquer pastoral. São as colunas que devem sustentar um edifício educativo”⁽⁶⁸⁾, e são meios efficacíssimos para promover as vocações.

Todas as vezes que Dom Bosco propunha as suas “indústrias”, como lhes chamava, para suscitar vocações — e fazia-o com freqüência digna de nota, com a palavra e por escrito, aos diretores, aos missionários, aos párocos, a todos — costumava pôr em primeiro lugar “a grande freqüência aos sacramentos”⁽⁶⁹⁾.

Dizia numa conferência aos Salesianos: “Entre nós a base das vocações é a freqüência dos sacramentos. Fiquemos firmes nesta santíssima base”. Porém, para indicar que não se trata de mero ritualismo, mas que requer preparação, clima de liberdade, coerência, acrescentava para reforçar o que dizia: “procurando que as confissões e as comunhões sejam bem feitas”⁽⁷⁰⁾.

Importância da direção espiritual

Na confissão e na direção espiritual os jovens encontram a melhor disposição de abertura a Deus.

As vocações não amadurecem sozinhas. Precisam de ajuda. E é isso que podem receber no diálogo pastoral. Com muita justeza disse Paulo VI: “É preciso essa instituição que está decaindo, e que pelo contrário deveríamos apreciar muitíssimo: a direção espiritual. Não, por caridade, o domínio, mas o conselho, a amizade, a capacidade de abertura e a

(68) *MB*, 13, 921.

(69) *Ibid.*, 12, 88.

(70) *Ibid.*, 14, 44.

arte (que devemos ensinar aos jovens) de refletir sobre si mesmos...

“Quantas vocações nascem da contemplação dos pobres, da contemplação da gente abandonada, da contemplação do bem que se poderia fazer! Mas quem é que faz ver tudo isso? Quem abre os olhos? Quem pode ser deveras intérprete junto aos jovens, senão um padre que se faz amigo dos jovens, que se torna seu companheiro, irmão, interlocutor, diretor espiritual?” (71).

Não se insistirá suficientemente sobre a importância decisiva que para a progressiva maturação humana e cristã tem o colóquio sacerdote-jovem, o contato íntimo, secreto e sagrado. Esse problema deve ser tomado a sério.

A direção espiritual dá valor a muitos outros meios; em certo modo os resume e muitas vezes os substitui. Para criar o ambiente próprio (melhor ainda, a realidade de vida cristã madura e responsável, capaz de opções mais cheias de empenho) contribuem outros meios, que se têm por privilégios no campo vocacional: exercícios espirituais, retiros, experiências fortes de oração e escuta da Palavra. Também o nosso Pai estava convencido da importância desses meios e sabemos com que empenho os punha em prática.

O testemunho do educador

Toquemos outro ponto chave. O sinal principal e normal de que se serve o Espírito Santo para comunicar a sua chamada, é o testemunho das vocações vividas.

“Onde um padre ou um grupo de padres são verdadeiro sinal de fé, piedade, fidelidade, zelo; onde uma comunidade religiosa vive, em plena união e dedicação, os próprios compromissos sagrados, é aberta ao mundo sem se deixar arrastar pelo espírito do mundo, e dá testemunho evangélico de fidelidade aos conselhos evangélicos, aí é quase impossível que não floresçam as vocações” (72).

(71) PAULO VI, *Discurso aos congressistas do 4.º Congresso mundial para as vocações*, em *Vocazioni* I (1972), n. 1, pág. 16.

(72) MONS. CARRARO, *Una pastorale delle vocazioni rinnovate*, em *Atti della XII Assembleia Generale CISM*, Roma, 1972, pág. 65.

Requer-se o testemunho de cada um: “O testemunho de um sacerdócio exemplar vivido, ou o valor de uma vida religiosa que se revela concretamente nas diversas instituições reconhecidas pela Igreja, têm peso considerável, antes preponderante. O “vem e segue-me” de Cristo a um seu futuro ministro passa através do sacerdote; e assim sucede de modo semelhante para a vocação religiosa” (73).

Requer-se o testemunho da comunidade: “Uma comunidade que não vive generosamente segundo o Evangelho, só pode ser uma comunidade pobre de vocações. Onde ao contrário o sacrifício cotidiano conserva desperta a fé e mantém o amor de Deus em nível alto, as vocações ao estado sacerdotal continuam a ser numerosas” (74). O que vale para os homens de hoje é sem dúvida alguma o testemunho pessoal, e mais ainda o testemunho de grupo” (75).

São afirmações que nos devem fazer pensar.

A mensagem das mensagens

Já vos lembrei que a comunidade é o instrumento normal da chamada de Deus. A esse respeito são particularmente expressivas as palavras de nosso Documento capitular sobre “Evangelificação e Catequese”: As comunidades fraternalmente unidas na caridade, empenhadas no serviço de todos e unidas pela fé na Eucaristia, apresentam-se diante do mundo como a mensagem das mensagens, a cuja força evangelizadora dificilmente o homem resiste... A força de atração e de convicção que Dom Bosco e a sua comunidade do Oratório irradiavam eram fruto do excepcional e evangélico testemunho dos Salesianos e jovens juntamente” (76).

Essa é a história real, verídica e de família. Graças a Deus continua a ser também hoje em não poucas comunidades, e confiamos que com o esforço de todos se torne universal. O melhor trabalho de orientação vocacional que possamos fazer, a melhor recomendação da nossa Congregação, o mais

(73) PAULO VI, *Mensagem para a Semana mundial para as vocações*, em *Insegnamenti*, 8 (1970), pág. 190.

(74) PAULO VI, o.c., pág. 191.

(75) Cfr. CEF, o.c., pág. 11.

(76) *Atos do CGE*, n. 294 e 295.

convincente convite a abraçar o nosso gênero de vida, é o nosso exemplo ⁽⁷⁷⁾.

Sabemos todos o que isso comporta. Mas se pomos mãos à obra com decisão pessoal e comunitária, não nos faltará a ajuda de Nosso Senhor.

Eliminar os contra-testemunhos

Exigência mui particular consistirá em fazer desaparecer de entre nós os contra-testemunhos mais frequentes e nocivos: o burguesismo, a falta de compostura eclesiástica ou religiosa; a insensibilidade frente aos problemas do próximo; a crítica como sistema e sistematicamente ofensiva e demolidora; a vida de compromisso entre Deus e o mundo (com a conseqüente leviandade na piedade); as fugas e atitudes “mundanas”.

Será a vitalidade dos conselhos evangélicos o antídoto que se há de opor a esses contra-testemunhos, que desfiguram a fisionomia do estado sacerdotal e religioso. A crise vocacional — disse-o Paulo VI — é crise de credibilidade. Há uma parte da juventude que já não crê nos valores da vida consagrada, pois que vê o oposto daquilo que se lhe ensina. Cabe-nos torná-la digna de crédito, autenticando os seus valores.

O mesmo se diga da vida salesiana. Não devemos talvez desenterrar virtudes como a alegria, o espírito de família, a confiança na Providência, a criatividade e a audácia apostólica, o trabalho indefesso, a batalha em prol da pureza, a devoção mariana, a adesão ao Papa?

Aqui entra em jogo o “problema da identidade” — sacerdotal, religiosa, salesiana — que tamanha parte teve nas deserções e na diminuição das vocações na Igreja em geral e na nossa mesma Congregação.

O problema parece que hoje se vai encaminhando para a solução, graças à reflexão profunda da Igreja e das Congregações religiosas nos últimos tempos, e ao esforço comum de renovação. Não podemos dizer que nos falte doutrina e diretrizes concretas. Trata-se de estudar com amor e interesse estes ensinamentos.

(77) Cfr. *Perfectae Caritatis*, n. 24.

Empenhar os jovens no apostolado

É passo necessário. O jovem começa por esse caminho a realizar a sua vocação cristã. Identifica-se com a missão da Igreja. Pondo-o em contato direto e gradual com as necessidades morais e materiais dos seus coetâneos e adultos, adquire experiência da sua vida cristã pessoal, descobre Cristo no próximo, sente-se mais responsável da sua missão, e se for bem guiado pelo educador desenvolve com empenho cada vez maior a graça do seu batismo e confirmação.

Aqui é que os grupos têm o seu lugar, pelo valor e importância que lhes é própria na animação vocacional, especialmente os grupos de índole formativa e de serviço apostólico e social. Deve-se prestar-lhes cuidados particulares. A psicologia moderna encontra nos grupos recursos e possibilidades utilíssimas à autoeducação dos jovens, ao seu desenvolvimento e maturação.

Dom Bosco, no seu tempo, instituiu as “Companhias”, que eram exatamente grupos de formação e fermento, escola de cristãos convictos, oficina de jovens apóstolos e sementeira de vocações sacerdotais.

Que história fecunda, a das Companhias, especialmente no campo vocacional! Afirmam as Memórias Biográficas: “Com esse meio (das Companhias) Dom Bosco insensivelmente levou até ao limiar da Congregação os jovens de mais belas esperanças, que entrando no noviciado não se encontravam de repente num mundo novo, mas chegavam predispostos e preparados no tirocínio das Companhias ” ⁽⁷⁸⁾. Os “grupos” que as substituíram de alguns anos para cá em grande parte da Congregação, não acharam ainda — em muitos lugares — as condições necessárias para sua eficácia pastoral: talvez pela falta de preparação dos dirigentes, ou por marginação dos horários, ou por equívocos sobre o seu conteúdo e finalidade.

Outros movimentos afins surgiram posteriormente na Congregação, dentro e fora das paredes das nossas casas, destinados a promover a formação apostólica de pré-adolescentes, adolescentes e jovens.

Impõem-se uma revisão franca e sincera também desse instrumento de tão alto valor educativo e pastoral, para em-

(78) MB, 11,226.

pregá-lo com novo estilo, sem redução do conteúdo e finalidades que tinha na mente de Dom Bosco ⁽⁷⁹⁾.

O valor insubstituível da oração

Se este “caminho” foi assinalado em último lugar, não é porque tenha menos importância. Antes, é precisamente o contrário. Na mente de toda pessoa é bem claro que todos os outros instrumentos de nada serviriam sem a oração. A realidade vocacional é misteriosa, é direito exclusivo do desígnio de Deus. Deus está na origem de toda vocação, é o grande e único “vocans” (=aquele que chama). E chama sempre com a máxima liberdade.

Porém é sua vontade que a Igreja seja intermediária; e não só porque chama em nome de Deus, mas porque a ele é que pede vocações.

Se devêssemos exprimir em poucas palavras o “programa vocacional” que Jesus deixou, dividi-lo-íamos em dois momentos: primeiro, a constatação de uma situação de escassez e necessidade (“a messe é grande, mas os operários são poucos”); segundo, a indicação de um único meio para acudir a esta necessidade, a oração: “Pedi ao Senhor da messe que envie operários para a sua messe”.

Por outro lado é no clima de oração, de contemplação, que os sinais da chamada de Deus podem ser percebidos e compreendidos ⁽⁸⁰⁾, somente nesta experiência do contato com Deus é que se torna possível pronunciar o “sim” decidido da resposta incondicionada.

Não hesito em afirmar, e já o fiz em outras circunstâncias ⁽⁸¹⁾, que de uma parte as “deserções” têm como causa principal (não única, mas sempre presente) a falta de oração, e por outra parte, que a oração é de todo necessária para realizar a nossa missão (e nesse caso sabemos que implicâncias vocacionais tem ela).

Observou-se com razão que a crise das vocações coincidiu com uma tibieza generalizada da vida de piedade na

(79) Cfr. *Atos do CGE*, n. 357, 366, 368.

(80) Cfr. *Presbyterorum Ordinis*, n. 11.

(81) Cfr. *Carta sobre a oração*, em *ACS*, n. 269 (janeiro 1973), pág. 21.

Igreja e nas Congregações religiosas, fenômeno acompanhado por conseqüente diminuição da prática da oração. Dou suma importância à relação existente entre os dois termos: oração-vocação. Também nós estamos sofrendo a mais grave crise vocacional que tivemos até agora. Pela primeira vez em nossa história vimos nestes últimos anos que o gráfico do crescimento não só não subia ou se mantinha estacionário, mas foi descendo.

Repito novamente que não é o número que nos deve interessar e preocupar; mas tem valor de índice, porque todos conhecemos a problemática espiritual e religiosa que acompanha o fenômeno das deserções e diminuição de candidatos.

Precisamos elevar todos os dias a nossa humilde prece e súplica mais intensa e explícita, com a maior participação de todos, em ocasiões especiais: Dia mundial de oração pelas vocações, dia do Seminário, dia mundial das Missões, das Vocações Contemplativas... Mas devemos também educar-nos e educar a mergulhar na oração para entendermos todos a vontade de Deus.

4. O ASPIRANTADO E AS NOVAS EXPERIÊNCIAS

Não basta ter despertado num jovem a inquietação e desejo de viver a sua vida sob o signo da missão, e tê-lo levado a encarar a possibilidade de uma chamada divina a um serviço de total consagração. Não basta ter descoberto nele a inclinação, o desejo e aptidões que interpretamos como sinais ou germes de vocação.

Uma vocação possível ou incipiente precisa e tem o direito de ser ajudada até que se confirme e amadureça. É um processo difícil, complexo, delicado, ainda mais quando o indivíduo é adolescente ou pré-adolescente. O seu projeto de vida pode ser veleidade.

O germe é eventualidade de vida, virtualidade. Se for descuidado pode lentamente desenvolver-se por própria conta, mas pode também extinguir-se. É o que acontece com as vocações. São uma realidade dinâmica: nascem, desenvolvem-se e podem extinguir-se por atrofia.

É, pois, manifesta a necessidade de acompanhar com cuidados, meios e estruturas especiais, o processo de matura-

ração das vocações. É a parte da pastoral vocacional, diria mais delicada, um trabalho que se poderia definir de artistas.

O aspirantado é ainda válido

Desejo dizer-vos primeiramente uma palavra sobre os aspirantados. Conheço bem a situação de crise e crítica por que desde alguns anos esta instituição está passando, com a conseqüente confusão e desânimo que se criou ao redor dela em muitos lugares. O Aspirantado foi (e é em várias partes), um imputado sobre o qual recai um cúmulo de acusações. Quem é que não sabe?

Foi acusado, entre outras acusações :

— de dar uma educação massificada, criando como conseqüência tipos estandardizados, despersonalizados, faltos de formação humana e cheios de frustrações (como falta de espírito de iniciativa, de responsabilidade, de capacidade de crítica objetiva, de infantilismo, de idealismo...);

— de favorecer uma espiritualidade “desencarnada”, porque se desenvolve em ambiente artificial e fechado, que não permite uma vida de fortes experiências cristãs;

— de favorecer nos alunos uma consciência de “classe”, de “grupo privilegiado”, como fruto da cultura que dá, clerical e burguesa e da mantida falta de contatos sociais;

— de causar deficiências profundas no campo da afetividade, por causa do regime de internato que põe obstáculos à integração e pára a evolução humana, em nível psicológico, da infância e da adolescência.

Podemos concordar que essas acusações tenham fundamento real sob alguns aspectos em determinados lugares e circunstâncias, mas pode-se duvidar da sua exatidão e do seu valor: são muito generalizados e se tornaram lugares comuns, repetidos em toda a parte com preguiça mental impressionante.

Mas sobretudo podemos perguntar com franqueza se os defeitos educativos atribuídos ao aspirantado são defeitos inerentes a ele como tal, ou se, pelo contrário, não são defei-

tos comuns a outras inúmeras instituições pedagógico-educativas em nível de pré-adolescência e adolescência.

A resposta, embora não elimine os defeitos reais, pode iluminar sobre a atitude que se há de tomar, evitando decisões precipitadas e irrefletidas, que não só não corrigem os males, mas produzem outros ainda maiores.

Não se trata de destruir

A primeira consequência de uma “crítica não crítica” do aspirantado foi em não poucos lugares a sua eliminação, ou à sua redução à categoria de “colégio como os outros”. Bem compreendéis que esta solução é tão fácil que não se pode considerar como verdadeira. Não se trata de destruir. Os destruidores nunca criaram coisa alguma.

“Nos anos que se seguiram ao Concílio — escreveu em recentíssima carta pastoral o Card. González Martín sobre instituição diocesana semelhante, o seminário — tudo quanto se escreveu e disse, e se fez ou permitiu fazer com relação aos seminários supera qualquer imaginação. Se um historiador resumisse com diligência, oferecer-no-ia sem dúvida uma documentação tão complexa que encheria de espanto, e — em alguns casos — de remorso e vergonha. Juntamente com esforços mui louváveis para se chegar à renovação necessária, fizeram-se as experiências mais inconsideradas, que exerceram influência considerável. Como consequência disso — no que, porém, influíram outras causas — produziu-se um fenômeno alarmante: a crise crescente das vocações sacerdotais ” (82).

A profunda reflexão sobre esses fatos, vistos do melhor lugar de observação, a Prefeitura da Sagrada Congregação para a educação católica, levou o Card. Garrone a escrever: “O único caminho certo nesta hora difícil se encontra em ater-se rigorosamente aos meios que a Igreja julga necessários, mas com o esforço de atualizá-los cada vez mais perfeitamente no sentido do Concílio... Se tivermos algum número de vocações que nos venham por outros caminhos

(82) CARD. MARCELLO GONZÁLEZ MARTÍN, *Un seminario nuevo y libre*, (carta pastoral), Toledo, 1973.

(que não os seminários), não serão contudo senão exceções”⁽⁸³⁾.

Algo de semelhante constatamos também a propósito dos aspirantados, que em homenagem à “crítica acrítica” de que falamos, foram de um modo ou do outro eliminados: nada de construtivo apareceu que substituísse de maneira positiva quanto se havia destruído.

A destruição traz consigo a perda e a morte de muitos elementos válidos e positivos. E seria sinal de grandíssima inconsciência esquecer os méritos sem conta do aspirantado e do seminário menor nas Congregações religiosas e na Igreja, o grande número de vocações que promoveu, a riqueza que deu ao mundo com falanges de autênticos apóstolos, missionários, santos e — por que não dizer — de homens que se notabilizaram por sua ciência humana e por suas realizações sociais.

É preciso ainda que se demonstre se se teriam alcançado tantos e tais frutos sem a ajuda deste centro de educação vocacional de base.

Trata-se de renovar

Ouçõ a objeção de quem pergunta: “É preciso, então, conservar, como quer que seja, custe o que custar, o tradicional aspirantado ou seminário menor?”.

Não se diz isso de modo nenhum. Mas trata-se de fazer crítica justa, serena, objetiva, em ordem à eliminação de tudo quanto transtorna o reto funcionamento do aspirantado, e de lhe dar uma fisionomia adequada à sua finalidade e à sua importância. Trata-se em suma de renová-lo.

A renovação, não a destruição, é a linha geral do Vaticano II, e é também a orientação concreta que a Igreja indica hoje para o seminário menor. Na “Ratio Fundamentalís” lemos: “O Concílio determinou por certo que ele deve ser completamente renovado, mas também declarou que ele é ainda válido para os nossos tempos e apto a cultivar os germes da vocação”⁽⁸⁴⁾. Assim reconheceram muitas Confe-

(83) CARD. GARRONE, o. c., pág. 142.

(84) *Ratio Fundamentalís*, nota 60.

rências Episcopais ao traçar os “planos nacionais” de pastoral vocacional. E quem quer que siga com interesse o problema, nota que em toda a parte, quer em livros e revistas, quer em reuniões, já se levanta a voz autorizada dos responsáveis do Povo de Deus e dos especialistas (talvez os mesmos que poucos anos atrás o tinham atacado), para reconhecer a sua validade e para preconizar a sua reabilitação e melhoramento. Sem aliás — diga-se logo também isto — fechar outros caminhos.

O Card. González Martín escreveu a propósito do seminário (a que nós chamamos aspirantado): “São erradas afirmações deste gênero: “Não há necessidade de seminário menor”, “O que interessa é formar cristãos e surgirão as vocações”, “Os alunos do seminário menor devem viver do mesmo modo que os alunos de outros colégios ou institutos”, “Não há razão para fomentar uma vida de piedade especial”, “Não se lhes deve falar de vocação senão quando forem crescidos” etc. Isso está errado e é funesto. Errado, porque não é este o pensamento da Igreja; funesto, porque nos tira injustamente a possibilidade de dar mais sacerdotes à Igreja com meios lícitos” ⁽⁸⁵⁾.

Estais, pois, vendo que não se trata de fechar caminhos. O que se deseja é aplainar e alargar os que já existem, para que se tornem mais expeditos e eficazes; e abrir, onde e quando for necessário, outros novos, correspondentes positivamente a verdadeiras necessidades e situações.

Mas ninguém deve tomar a liberdade de dinamitar o único caminho que no pensamento da Igreja não só é válido, mas goza de uma situação de primazia, visto que os outros devem apoiar-se e inspirar-se neste ⁽⁸⁶⁾.

Tenha-se, pois, presente este dado seguro: a Igreja — baseando-se em experiência secular — recomenda modelos de instituições formativas como os aspirantados, convencida de que, se oportunamente renovados, reúnem em si condições privilegiadas.

O nosso CGE já tinha tomado esta orientação ao afirmar: “O aspirantado, como ambiente caracterizado por intensa orientação vocacional, continua a ser forma válida

(85) CARD. GONZÁLEZ MARTÍN, o. c., pág. 16.

(86) Cfr. *Ratio Fundamental*, n. 12.

para ajudar os jovens a discernir a própria vocação e a lhe corresponder conscientemente” (87).

E os nossos Regulamentos apresentaram em síntese as orientações do mesmo Concílio: “O aspirantado — lê-se nele — é um centro de orientação vocacional suficientemente aberto, em contato com a família, onde adolescentes e jovens, que manifestam aptidões para a vida religiosa e sacerdotal, são ajudados a conhecer mais facilmente a própria vocação apostólica e a corresponder-lhe” (88).

Por outra parte os Regulamentos reconhecem e atribuem a cada Inspetoria em particular determinadas responsabilidades em campo vocacional, relativas exatamente a este setor, quando definem: “Cada Inspetoria... em seu setor... estabeleça os critérios, os métodos e as estruturas da orientação vocacional”.

Que fazer na prática? As situações locais e a fidelidade a Dom Bosco é que devem inspirar.

As novas formas “paralelas” aos aspirantados

A Igreja, ao passo que recomenda o seminário menor, não é contrária à possibilidade de experimentar “simultaneamente” — como explica em documento recente — outros métodos aptos a fomentar as vocações. E isso “contanto que a instituição do seminário menor não fique prejudicada; as novas experiências sejam prudentemente ordenadas à sua finalidade e não disfarcem a renúncia” do seminário menor (90).

Não passe despercebida a expressão “simultaneamente”. É manifesto o pensamento da Igreja: sejam bem-vindos os outros métodos novos, porém de modo que não substituam, mas de fato integrem e ajudem a missão do método que já experimentamos.

Até há poucos anos todos os esforços de orientação à vocação sagrada se canalizavam quase exclusivamente para o aspirantado, sinônimo de seminário menor ou escola apostólica. Na verdade, hoje, ao lado desta instituição, estão

(87) *Atos do CGE*, n. 662.

(88) *Reg.*, n. 73.

(89) *Ibid.*, n. 72.

(90) *Ratio Fundamental*, nota 60.

sendo experimentadas outras formas paralelas, algumas em caráter permanente, outras em caráter ocasional e com estruturação diversa, conforme as situações das Igrejas locais ⁽⁹¹⁾.

Estas instituições são explicitamente reconhecidas pela Igreja ⁽⁹²⁾. Também o CGE as apoiou para nós, tomando atitude positiva defronte da pluralidade de caminhos para “acompanhar” as vocações. No documento sobre a “Formação para a vida salesiana” são reconhecidos como ambientes que podem garantir o amadurecimento vocacional a família, a escola, as associações, os grupos juvenis de índole formativa e apostólica, etc. Mas o CGE põe como condição prévia que deve ser ponderada com toda a seriedade: “se o jovem nesses ambientes encontra as condições e a assistência oportuna” ⁽⁹³⁾.

Essa condição é essencial. Não se pode confiar na eficácia orientativa vocacional de tais ambientes, se não houver verdadeiras e reais possibilidades de dar aos jovens a assistência espiritual, cultural e salesiana requerida.

Admite-se, portanto, implicitamente que não é qualquer escola, grupo ou comunidade que está em condições de dar a formação necessária para se chegar a uma opção vocacional serena e livre.

Trata-se, pois, de criar em cada caso uma “comunidade autenticamente vocacional”, que forneça aos adolescentes e aos jovens que estão inseridos neles estes três elementos necessários:

— *clima adequado de liberdade psicológica* que neutralize a pressão negativa do contexto sociólogo em que vive. Não podemos de fato ignorar que a realidade do mundo atual multiplica sugestões e provocações num sentido único, coisa que é grave obstáculo a uma livre escolha religiosa;

— *modelos válidos de identificação*: são os formadores e guias destas comunidades, os quais com a sua presença e ação, e com o testemunho de sua vocação vivida, estabelecem relacionamento pessoal com os jovens, capaz de esclarecê-los

(91) Cfr. *Optatam Totius*, n. 3; *Renovationis Causam*, n. 410-12; *Ratio Fundamentalis*, n. 11-17.

(92) Cfr. *Optatam Totius* e *Ratio Fundamentalis*.

(93) *Atos do CGE*, n. 662.

existencialmente durante a formulação do seu projeto de vida;

— *confronto com outros jovens* que cultivem os mesmos ideais, o que lhes será um enriquecimento humano, espiritual e social, e uma ajuda imprescindível nos inevitáveis conflitos e crises do processo de esclarecimento e maturação vocacional.

Se é verdade que a supressão ou a inexistência de tais iniciativas “comprometeria gravemente o futuro”⁽⁹⁴⁾, é também verdade que a escolha de uma ou de outra das fórmulas acima catalogadas e a criação de outras novas não podem ser feitas levianamente, como se se tratasse de coisa indiferente ou de formas igualmente válidas, sempre e em toda a parte. Menos ainda se pode pôr isso em execução, deixando-se levar por pressões internas e externas, ou pela mania de rejeitar tudo quanto tem ar de passado para experimentar com levandade qualquer experiência nova.

Estamos assistindo com profundíssima dor à agonia de algumas Inspetorias que pronunciaram sentença de morte aos seus aspirantados e os substituíram com outros métodos que julgaram preferíveis sob todos os aspectos. Será que tiveram presente a norma elementar de prudência, segundo a qual nada de válido deve ser abolido enquanto não for possível substituí-lo com algo de mais válido? Sinceramente parece que se deve responder negativamente.

Estude-se, então, com seriedade se o que pretendemos introduzir apresenta as garantias necessárias. Esforcemo-nos em pôr estas instituições em condições de poderem dar ajuda válida às vocações, cuidando principalmente de que os que dirigem estas iniciativas se distingam por testemunho vocacional e por capacidade de dar aos candidatos o alimento cultural, humano e espiritual a que têm direito.

Avante com a tenacidade de Dom Bosco!

Não posso demorar-me no estudo concreto de como se devem renovar a nossa pastoral vocacional e os nossos aspirantados, nem na análise das outras formas possíveis que se lhes podem emparelhar: é — como dizia — um trabalho que

(94) CEF, o.c., pág. 17.

toca às Inspetorias. Mas recomendo vivamente que se faça com serenidade e grande sentido de responsabilidade. Poderá servir de estímulo a “Lembrança para 1974”, que, como sabeis, solicita que se intensifique a nossa pastoral vocacional.

Convido, por isso, os principais responsáveis da Congregação nas Inspetorias, especialmente os Inspetores e os Diretores com os seus respectivos Conselhos, os Delegados da pastoral dos jovens e das vocações, e as equipes de professores e educadores das casas de formação, a aprofundar a doutrina e as normas da Igreja em matéria de pastoral e de promoção vocacional. Tenham como base os documentos do Concílio, de Hierarquia, do CGE e quanto o magistério da Congregação está expondo com precisão e relevo, principalmente através das Cartas do Reitor-Mor.

Convido ainda a que se reflita seriamente sobre a situação concreta da própria Inspetoria ou Região, a que se sensibilizem todos os irmãos sobre a responsabilidade e possibilidades de cada um e a que se ponham em prática corajosamente as conclusões que derivem desses estudos.

Para várias Inspetorias o trabalho já foi posto em andamento pelos respectivos CIEs. Para outras deve-se ainda dar início.

Em várias Inspetorias esse trabalho inteligente promete-dor e prudentemente corajoso, começa a produzir resultados que abrem o coração à esperança e confirmam na bondade do caminho que se tomou. Nessa linha temos direito a boas esperanças.

Avante, pois, com a fé e a tenacidade de Dom Bosco, animados de amor efetivo à Congregação.

Auguro-vos um ano rico de fervorosa e fecunda atividade, salesianamente apostólica, um ano verdadeiramente “santo”, que marque para cada um de vós e para as vossas comunidades a conversão espiritual e reconciliação com Deus e com os irmãos, conversão e reconciliação indicadas por Paulo VI como programa e meta do Ano Santo.

Eu vos asseguro a minha constante lembrança na oração por vós e por todas as vossas intenções; e peço a vossa fraterna lembrança.

P. LUÍS RICCI, *Reitor-Mor*

III. COMUNICAÇÕES

1. Lembrança do Reitor-Mor para o ano de 1974.

O Reitor-Mor, continuando a simpática tradição começada por Dom Bosco, dirigiu à Família Salesiana a sua "Lembrança para o ano de 1974" a qual neste ano fala sobre vocações. Eis o texto:

Fiéis aos ensinamentos e a exemplo de Dom Bosco, todos os membros da FAMÍLIA SALESIANA consideram como acabamento necessário de seu trabalho educativo:

- *orientar e formar vocações apostólicas na Igreja;*
- *dedicar-se cuidadosamente aos chamados à vida sacerdotal e consagrada;*
- *promover e fomentar as vocações salesianas, para cumprir o mandato de continuar na Igreja o carisma de Dom Bosco.*

Sobre este importante argumento — além daquilo que escreve na carta "o problema decisivo das vocações", com que abre estes "Atos" — o Reitor-Mor voltou a falar na "Carta à Família Salesiana" que em tempo foi enviada aos Inspectores e aos "Boletins Salesianos".

Nela o Reitor-Mor frisava: "Como podem verificar, a Lembrança é formulada de maneira a interessar, antes, a empenhar cada membro da Família Salesiana, seja qual for a sua posição pessoal. Neste santo empreendimento, há lugar, como há responsabilidade, para todos. Resta tão somente acolher o convite e — como dizia Dom Bosco — arrastar as mangas. É minha intenção que o tema seja retomado e aprofundado pelos diversos ramos de nossa Família, para poder chegar a planos concretos de mentalização e de ação, de acordo com as situações peculiares e possibilidades de cada instituição".

Foi igualmente divulgado um "Camentário sobre a Lembrança sobre as vocações", assinado pelo Conselheiro para a Pastoral dos jovens, P. Juvenal Dho.

2. Bispos Salesianos.

FALECERAM nestes últimos meses dois Bispos salesianos, os quais trabalharam no Extremo sul da América:

— Dom Vlademiro Boric, Bispo de Punta Arenas (Chile), que dirigiu a diocese durante 24 anos;

— Dom José Borgatti, Bispo de Viedma, que foi titular da diocese durante 20 anos.

FORAM NOMEADOS pelo Santo Padre nestes últimos mese dois Bispos Salesianos. São eles:

— Dom Mateus Baroi, já Administrador Apostólico “sede vacante”, e agora Bispo de Krishnagar;

— Dom Heitor Jamarillo Duque, anteriormente Vigário da inspetoria Salesiana de Bogotá, e agora Prefeito Apostólico de Ariari (Colômbia).

Com a nomeação de Dom Jamarillo Duque, sobe para 57 o número dos Bispos vivos que a Congregação Salesiana teve alegria de oferecer à Igreja.

MUDANÇAS NA GEOGRAFIA MISSIONÁRIA SALESIANA. Foram tomadas em consideração na Carta do Reitor-Mor à Família Salesiana que assim se exprime:

“Relevantes são algumas mudanças na (chamemo-la assim) “Geografia Salesiana”, que se deram durante o ano de 1973. Quero referir-me a dioceses missionárias, antes confiadas à Congregação Salesiana, e agora consideradas maduras para passar para o clero diocesano. Da mesma forma territórios demasiadamente vastos, foram subdivididos; constituíram novas dioceses, e confiadas a Bispos Salesianos. Isso aconteceu, por exemplo, na Índia, para a nova sede de Kohima-Impal e de Tura.

“Estas mudanças indicam — para nossa comum alegria — que o trabalho dos Missionários Salesianos deu bons frutos. E por todos esses passos à frente devemos dar graças a Deus que abençoa seus filhos”.

FORAM COMEMORADAS, em circunstâncias e motivos diversos, três belas figuras de Bispos Salesianos.

— O Cardeal Augusto Hlond, primaz da Polônia, foi lembrado em Roma, no dia 22 de outubro p.p. no 25.º aniversário de sua morte. A manifestação se realizou no Palácio da Chancelaria Apostólica, na presença de 14 cardeais, muitíssimos Bispos e nosso Reitor-Mor. Fa-

lou o Arcebispo Salesiano Dom Antônio Baraniak, o qual foi secretário do Cardeal Hlond. Em seu discurso salientou a formação salesiana do falecido, sua atividade pastoral, as provações suportadas durante a guerra, e o incansável empenho na organização da Igreja na Polônia depois da guerra.

— O Bispo mártir de Shiu Chow, Dom Luiz Versiglia, foi comemorado em outubro p.p. em sua diocese de origem, Tortona, província de Alexandria (Itália), por ocasião do centenário de seu nascimento. Em torno de sua figura foi organizado em todas as paróquias da diocese, o "Dia das Missões". Nessa ocasião foi amplamente difundido um número único com o título: "Luiz Versiglia, Bispo e Mártir", e nas paróquias foram convidados muitos missionários, inclusive alguns salesianos.

— Dom Luiz Olivares, Bispo de Nepi e Sutri, foi comemorado no dia 25 de dezembro p.p. em sua diocese por ocasião do centenário do seu nascimento. Na comemoração organizada pelo Bispo da diocese Dom Rosina e presidida pelo Cardeal Traglia, tomaram parte também numerosos salesianos, entre os quais o Padre Tohill. Também o povo tomou parte ativa, lembrando seu Bispo cujo programa, desde quando entrou em Nepi para dirigir a Diocese era: "Amarei minha diocese como se fora minha esposa".

3. A 103.^a Expedição Missionária Salesiana

No dia 3 de outubro de 1973, o Superior responsável pelas Missões, P. Bernardo Tohill presidiu à "Cerimônia de adeus aos missionários" a qual se realizou de acordo com uma tradição já secular, na Basílica de Maria Auxiliadora de Turim.

Os salesianos da 103.^a Expedição, relativa ao ano de 1973, são 48. Deles 20 são sacerdotes, 10 coadjutores e 9 clérigos.

Por nação: 12 italianos; 10 espanhóis; 7 poloneses; 6 irlandeses; 3 belgas; 2, respectivamente, Filipinos, Franceses, Norteamericanos; Um indiano, brasileiro, argentino, e costa-riquenho. Alguns deles, partem de países que normalmente não enviam, mas recebem missionários: trata-se de igrejas locais mais ricas em pessoal, que dele oferecem a outras igrejas mais jovens e que necessitam de ajuda.

De acordo com as Inspetorias de Origem:

8 missionários provém da Inspetoria de Madri;

6 da Inspetoria Irlandesa;

4 da Inspetoria da Polónia-Cracóvia;

3 respectivamente da Itália-Central; Polónia-Lodz; Bélgica-Norte;

2 respectivamente da Inspetoria Filipina e da França-Lion;

1 de cada Inspetoria: Veronesa, Lombarda-Siciliana-Ligure-Meridional e Casa Generalítica (Itália); USA-New Rochelle; USA-São Francisco; Índia-Bombaim; Calcutá; Gahuti; Brasil-B. Horizonte; Argentina-Buenos Aires; América Central; Chile.

De acordo com a destinação

30 para a América Latina (Antilhas, Bolívia, Brasil, Equador, Paraguai, Uruguai, Venezuela);

13 para a África (Costa do Marfim, Gabão, Guiné Equatorial, Zaire);

5 para a Ásia (Filipinas, Índia, Tailândia, Timor).

4. Preparação para o Encontro Mundial de Salesianos Coadjutores

A carta de 5 de agosto de 1973, com a qual o Reitor-Mor anunciava o Encontro dos Coadjutores, foi amplamente retomada e comentada por diferentes órgãos da imprensa salesiana interna. E nestes meses se passou à sua atuação prática.

Antes de mais nada foram estabelecidas as comissões em nível regional (ou interinspetorial), e inspetorial. Depois, pela animação dessas comissões, as comunidades locais começaram a trabalhar, através das várias fases de sensibilização, de distribuição de material informativo, coleta de dados, promoção de estudos, pesquisas e orações.

Em algumas inspetorias, os membros das comissões passam de casa em casa, ou congregam irmãos das casas mais próximas, para apresentar-lhes o Encontro, e para despertar e coordenar as iniciativas. Houve, em alguns lugares, a celebração de Pré-Encontros com a participação de todos os irmãos coadjutores.

Houve preparação de material mimeografado para fazer circular as informações que são objeto de leitura particular e também pública. Nas comunidades locais se realizam encontros cujo tema é o salesiano coadjutor. Realizam-se dias de estudos. Em outros lugares os

temas que serão tratados no Congresso foram atribuídos a diversas comunidades locais para que sejam objeto de estudos e de relação.

Em algumas inspetorias procede-se também ao levantamento de dados, através de pesquisas e sondagens.

Não somente os irmãos Coadjuutores são chamados a responder, mas também os Sacerdotes, os Clérigos e até os leigos que trabalham em nossas casas; e em alguns lugares até mesmo os ex-irmãos Coadjuutores.

A salesianos mais preparados foi confiada a tarefa de encaminhar estudos e pesquisas acerca de temas especiais. Em alguns estudantados os clérigos tratam dos temas em grupos sob a orientação de seus professores.

Finalmente, sem dúvida não menos importante — a oração. Foi composta uma oração ao P. Filipe Rinaldi (que teve em tanta consideração a missão do Salesiano Coadjuutor). Numa nação foram empenhados na oração 197 conventos de contemplativos. Cada comunidade busca as formas mais diversificadas, com as intenções cotidianas e celebrações variadas.

Destarte foi encaminhado aquele “Repensamento profundo sobre a figura do irmão salesiano Coadjuutor” que o Reitor-Mor indicou na sua carta como “Elemento importante da renovação salesiana”.

5. Curso para mestres de noviciado

O Dicastério da Formação Salesiana organizou um curso para mestres de Noviciado, que será ministrado no Salesianum de Roma, de 2 de março a 3 de abril do corrente ano. Quanto à finalidade e modalidades do Curso, o Reitor-Mor escreveu uma carta que se encontra na secção “Documentos” deste ATOS.

6. Encontro para professores de Teologia Dogmática

Convocado em conjunto pelo Dicastério da Formação Salesiana e pela Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Salesiana, de 2 a 5 de janeiro haverá um encontro para Salesianos Professores de Teologia Dogmática, que lecionam em nossos Estudantados Teológicos.

O Encontro se dá em Roma, na sede de nossa Universidade.

Estarão presentes cerca de sessenta professores vindos de Estudantados filiados à UPS, reunidos para tratar de Problemas relativos à sua delicada missão.

O Encontro, aberto pelo Reitor-Mor, prossegue com tres relações, seguidas de trabalhos em grupo e de assembléias gerais. As relações têm como temas: "Diálogo da Teologia com os interesses de nosso tempo"; "Didática da Teologia de hoje"; "Teologia e Formação Salesiana". Os temas serão tratados respectivamente por dois Professores de universidades romanas e pelo P. Egidio Viganó.

Os participantes do encontro dedicarão depois um dia para preparar uma "Ratio Studiorum" para os candidatos ao sacerdócio na Congregação Salesiana.

Após uma pesquisa realizada nos Estudantados, foi elaborado um primeiro documento a respeito, contendo algumas linhas a serem propostas para toda a Congregação.

Será encargo dos participantes do Encontro trabalhar para aperfeiçoar esse documento.

Além dos objetivos práticos que o encontro se propõe, ele visa a dar aos professores salesianos uma oportunidade para melhor se conhecerem, medirem suas forças, e buscarem juntos "meios concretos para intercâmbio cada vez mais intenso de informações e colaboração".

7. Atividades do 'Centro de Estudos de História das Missões Salesianas'

Constituído no início de 1973 pelo Reitor-Mor, e colocado sob a direção do P. Rafael Farina, decano da nossa Faculdade de Teologia em Roma, o centro já está em plena atividade. Recebeu o primeiro núcleo de pessoal; determinou seus objetivos; pediu e recebeu adesão de colaboradores salesianos espalhados por todo o mundo; está atualmente trabalhando com muito empenho na consecução de seus objetivos.

Antes de mais nada o Centro se propõe organizar o "Arquivo Central das Missões Salesianas", que recolha o material publicado ou inédito referente às Missões Salesianas.

Para tal fim já foram preparados: um "Esquema provisório da História das Missões Salesianas", e um "Índice de Documentos existentes no Arquivo Geral de Roma". Também em diversas Missões Salesianas se está desenvolvendo um trabalho de busca e organização de arquivos históricos.

Além disso, o Centro se propõe a elaboração de uma série de Monografias rigorosamente científicas que venham a constituir uma completa “História das Missões Salesianas”. Já estão elaboradas as primeiras monografias, e outras estão em fase de estudos. Além disso, o centro está realizando uma “miscelânea” e contribuições científicas breves (umas quinze páginas cada uma), sobre variados aspectos — história, etnografia, linguística, economia, geografia, pastoral, etc... — das missões salesianas.

Outros empenhos do centro são: uma coleção de “Diários e memórias” de valor etnográfico e histórico; uma edição crítica das publicações missionárias de Dom Bosco; a publicação do epistolário dos primeiros missionários (SDB e FMA); a publicação de uma série de perfis de missionários salesianos.

No conjunto, trata-se de um programa maciço e também urgente, cuja primeira etapa se encerra em 1975, ano centenário das nossas Missões. Sua realização corresponde — no conceito do P. Farina — a uma exigência muito profunda: transmitir à história uma documentação de trabalho enorme que nossos missionários, muitas vezes anônimos e esquecidos, realizaram para anunciar o Evangelho. Servirá além disso, para fazermos conhecer melhor, e portanto, amar mais, a nossa Congregação que descobre no trabalho missionário um traço essencial de sua fisionomia (*Const.*, art. 15).

8. Primeiro curso de formação permanente

No dia 20 de outubro começou em Roma, no Salesianum o primeiro Curso quadrimestral de “Formação Permanente”. A iniciativa sugerida pelo CGE (Atos, n.º 555,b) foi um pedido expresso do Reitor-Mor que a acompanha de perto, através do Conselheiro para a Formação Salesiana e do seu Dicastério.

Em carta enviada aos inspetores no mês de abril p.p. o Reitor-Mor explicou os objetivos, frisando que “A exigência do aprofundamento dos valores da nossa vida salesiana, religiosa e sacerdotal”, que deve atuar “nos tempos presentes e segundo o Concílio Vaticano II”, pode encontrar exatamente “na criação de um curso de formação permanente, uma resposta promissora”.

A eficiência destes cursos — faz ainda notar o Reitor-Mor — não deve, porém, atingir somente as pessoas que os frequentam.

Os cursos devem “preparar animadores e operadores qualificados para a formação permanente nas Inspetorias e nas casas”, isto é, de-

verão preparar irmãos “Capazes de, ao voltarem para suas casas, se tornarem válidos divulgadores e multiplicadores dos valores evangélicos e salesianos”. Além disso, os participantes poderão eventualmente “prestar um serviço imediato e eficaz nos cursos análogos que deverão ser organizados em plano inter-regional e inspetorial.

No que diz respeito à sua “dinâmica interna”, não se trata de cursos acadêmicos ou eminentemente intelectuais, mas de tempos fortes e privilegiados para renovação e requalificação pessoal, de uma “intensa e feliz experiência de vida salesiana”.

Os cursos — faz-se ainda notar — são conduzidos com flexibilidade e adaptação às situações, que os tornem verdadeiramente úteis aos participantes, segundo o ritmo sugerido pelas suas reais exigências e com a sua corresponsabilidade para conseguir os objetivos prefixados.

Para cada curso se estabeleceu um número limitado de participantes, que de acordo com a natureza da experiência deve ser mais ou menos de 35.

A direção do curso foi confiada ao P. Higino Capitânio, e ao P. Jesus Carilla, os quais se valem da colaboração de professores qualificados, escolhidos nos diversos centros de estudo, salesianos e não salesianos.

O primeiro curso de Formação Permanente, do qual participam em sua maioria irmãos da Itália e da Espanha, termina em fevereiro.

O segundo curso, que irá de 9 de março até os primeiros dias de julho de 1974, destina-se de preferência às Inspetorias da América Latina.

Está programado um terceiro curso, para o começo de outubro, de 1974, destinado particularmente aos irmãos do Oriente.

O envio de irmãos para estes cursos foi insistentemente recomendado aos Inspetores pelo Reitor-Mor, porque — assim lhes escrevia — “trata-se de um serviço primordial prestado às Inspetorias, as quais não o podem nem o devem dispensar. Mesmo à custa de algum sacrifício momentâneo”.

9. Solidariedade fraterna (décima primeira relação)

a) INSPECTORIAS DAS QUAIS RECEBEMOS OFERTAS

ITÁLIA

De uma herança de um irmão	Liras	3.195,000
Central		5.683.000

Meridional	969.000
Novara	7.000.000
Romana	50.000
Vêneta São Marcos	465.000

EUROPA

Alemanha-Norte	4.410.000
Inglaterra	1.500.000

ÁSIA

Madrasta	200.000
Calcutá (Da Birmânia)	50.000

AMÉRICA

Brasil, Campo Grande	200.000
Brasil, São Paulo	1.815.000
Estados Unidos, São Francisco	155.000

AUSTRÁLIA

203.400

<i>Total recebido entre 10 de setembro e 18 de dezembro de 1973</i>	<u>25.895.400</u>
<i>Saldo — Caixa anterior</i>	<u>146.694</u>
<i>Disponível no dia 18 de dezembro de 1973</i>	26.042.094

b) DISTRIBUIÇÃO DO DEPÓSITO ANTERIOR

EUROPA

Jugoslávia, Zagreb: para a casa de formação	Liras	600.000
---	-------	---------

ÁSIA

Índia, Calcutá: para os pobres da Paróquia de Liluah	600.000
Índia, Calcutá: para o Inspetor, para subsídios didáticos	1.000.000
Índia, Madrasta: para o Arcebispo, para a nova Igreja de Dom Bosco	100.000

Macau, para o leprosário de Coloane	500.000
Tailândia, Suray Thani: para os internos do orfanato	1.000.000
ÁFRICA	
Etiópia, para Monsenhor Varkú, para as vítimas da seca	2.000.000
Gabão, Libreville, para os trabalhos de organização do pequeno seminário	2.000.000
AMÉRICA	
Brasil, Manaus: para as despesas de viagem de dois missionários	652.300
Brasil, Manaus: duas bolsas de estudos de clérigos teólogos	2.000.000
Brasil, Campo Grande: uma bolsa de estudos para sacerdote estudante de Missiologia	1.000.000
Brasil, São Paulo: área coberta para o Oratório diário de Lorena	1.000.000
Equador, Taisha: instalação de um conjunto eletro-gêneo	4.410.000
Guatemala, São Pedro Garchá: cuidados médicos de missionário	869.240
Haiti, para o novo aspirantado	3.000.000
Paraguai, para três bolsas de estudos	1.815.000
Paraguai, Chaco: para aquisição de máquinas agrícolas	2.000.000
Uruguai, duas bolsas de estudos para sacerdotes	1.000.000
<i>Total distribuído entre 10 de setembro e 18 de outubro de 1973</i>	<i>25.546.540</i>
<i>Saldo Caixa</i>	<i>495.554</i>
<i>Total em libras</i>	<i>26.042.094</i>
c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNAL	
<i>Total recebido até 18 de dezembro de 1973</i>	<i>225.914.037</i>
<i>Total distribuído até a mesma data</i>	<i>225.418.483</i>
<i>Saldo — caixa atual</i>	<i>495.554</i>

IV. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR E INICIATIVAS DE INTERESSE GERAL

No calendário do Conselho Superior, o período que vai de 1.º de outubro de 1973 a 14 de janeiro de 1974, caracteriza-se pelas visitas dos Conselheiros Regionais a suas respectivas regiões. No mesmo tempo também o Reitor-Mor e alguns Superiores de Dicastérios mantiveram contato com os irmãos em diversas partes do mundo. Realizou-se, outrossim, o primeiro encontro dos Superiores com os Inspectores de uma região, exatamente a do Pacífico-Caribe.

1. A viagem do Reitor-Mor

Motivada por alguns acontecimentos de realce e algumas ocorrências felizes, a viagem do Reitor-Mor se transformou num encontro cordial com a família salesiana em três continentes. Órgãos da imprensa salesiana e o próprio Reitor-Mor na carta que abre estes "Atos" falaram abundantemente desta viagem. Dela faremos somente um breve relato.

P. Ricceri deixou Roma no dia 1.º de outubro p.p. e voltou a 12 de novembro. Primeira etapa foi Cidade do México (2-22 de outubro) onde assistiu ao Encontro dos Inspectores e ao IV Congresso Latino-Americano de Ex-Alunos Salesianos, manifestações estas que merecem uma referência à parte. Nesses dias, o Reitor-Mor interrompeu, por duas vezes, sua presença na capital do México para visitar, na primeira vez, os irmãos de Managua, vítimas do terremoto, e, na segunda, as Missões salesianas entre os Mixe, que se encontram em plena expansão.

Do México o P. Ricceri foi aos Estados Unidos, onde de 22 a 30 de outubro pôde entrar em contato com muitos irmãos, inaugurar o novo Instituto Técnico Industrial de Bóston, visitar em West Haverstow, uma cópia muito semelhante à "casa dos Becchi", que os salesianos construíram para sua casa de retiros espirituais, a fim de sentir-se mais próximos de Dom Bosco.

Em seguida uma semana na Austrália, onde os irmãos esperavam o Reitor-Mor para encerrar, com sua presença, os 50 anos de vida salesiana no mais novo dos continentes. A caminho de regresso, parou na Tailândia e no Vietnã, onde pôde constatar com alegria o florescimento da Congregação.

O significado desta viagem transcende os próprios episódios que a marcaram, porque constituiu o encontro do sucessor de Dom Bosco com a Família Salesiana no Mundo.

2. Encontro dos Inspetores Salesianos

“O Reitor-Mor e alguns membros do Conselho Superior promovam em tempo oportuno encontros com os Inspetores das diversas Regiões, para verificar a atuação do Capítulo Geral”: o Encontro da Cidade do México, de 2 a 12 de outubro p.p., primeiro deste gênero, realizou-se para atender a estas precisas disposições do C.G.E.

Tomaram parte o Reitor-Mor, os Superiores de três Dicastérios (P. Viganò, P. Raineri, P. Dho), o “regional” P. Henríquez e os onze Inspetores da Região do Pacífico-Caribe.

Foram dez dias de trabalho intenso. Na abertura o Reitor-Mor falou sobre o tema: “O Inspetor hoje”. Em seguida os Inspetores apresentaram e discutiram os relatórios de suas inspetorias. Os relatórios haviam sido preparados seguindo cinco pistas: a redescoberta do sentido de Deus na Congregação; a volta à missão juvenil e popular; o sentido da comunidade; a Família Salesiana; unidade e descentralização.

Seguiram-se dias de estudo sobre os seguintes temas: Pastoral escolar na América Latina; Pastoral Vocacional; a Família Salesiana; etc... Outros temas relevantes em sua importância local foram tratados mais brevemente, na medida em que surgiam, na busca de uma linha de ação comum.

“Valor deste novo tipo de Encontro — afirmou no final o P. Henríquez — foi a possibilidade de cada Inspetor poder expor os seus problemas; vê-los discutidos com autoridade, e, na medida do possível, exaustivamente”.

3. 4.º Congresso Latino-Americano de Ex-Alunos

Os Superiores presentes na Cidade do México, e de modo particular o Reitor-Mor e o P. Raineri, como superior encarregado especificamente deste setor, tomaram parte no Congresso de Ex-alunos que se realizou de 10 a 14 de outubro e que focalizou um tema de atualidade vital: “O empenho do Ex-Aluno para a justiça na América Latina”.

Estavam presentes — com o Presidente Mundial dos Ex-Alunos, Advogado Taboada Lago e o Delegado da Confederação P. Humberto Bastasi — uma centena de Ex-Alunos delegados, representando as 22 Federações nacionais das 350 Uniões Locais, e dos milhões de Ex-Alunos que conta a América Latina. Mais de trezentas pessoas (entre as quais os Ex-Alunos sem direito a voto, os observadores vindos também da Europa e os simples acompanhantes) formaram a simpática moldura da manifestação.

O tema do empenho para a justiça foi estudado por três comissões encarregadas de debater os três sub-temas: “Mais união para maior empenho; Urgência de uma formação criadora de empenho; As mais urgentes necessidades do mundo Latino-Americano”. Sucederam-se as três relações-base, em seguida as reuniões das comissões e finalmente as reuniões conjuntas para formular e aprovar as conclusões. De tudo resultaram dezenas de propostas — três densas folhas de ofício — com o elenco das iniciativas em forma de sugestões para a real necessidade de maior justiça, profundamente sentida pelos Ex-Alunos.

No último dia, o Reitor-Mor e o Presidente da Confederação promulgaram em conjunto o novo “Estatuto dos Ex-Alunos de Dom Bosco” válido “Ad Experimentum” por três anos. (Na secção “Documentos” deste fascículo pode-se ver a “Apresentação do novo Estatuto” assinado pelo P. Raineri).

No final do Congresso, os Ex-Alunos marcaram encontro para daqui a cinco anos no Panamá, onde se realizará o próximo Congresso para verificar se as propostas formuladas se realizaram.

4. Visitas dos Superiores do Conselho

Não podemos relatar nada das visitas dos Conselheiros Regionais, pois ainda se encontram percorrendo o mundo salesiano.

Entretanto, já voltaram os três superiores de Dicastérios os quais, depois do Encontro na Cidade do México entraram em contato com os irmãos — de modo particular com os Inspetores e seus Conselhos — em diversas nações da América Latina, para estudar com eles os problemas referentes aos respectivos dicastérios.

O P. Egidio VIGANÒ, depois do México foi a São Domingos, Haiti, Venezuela, Equador, Peru, Chile e Brasil. De modo particular quis entrar em contato com os irmãos jovens em período de formação; reuniu-os em separado para dar-lhes oportunidade de falar e perguntar.

O P. JUVENAL DHO esteve na Colômbia e Antilhas. Objetivo era verificar como se leva avante nas Inspetorias a reflexão sobre a missão juvenil salesiana; conhecer as realizações da pastoral juvenil nas diferentes situações locais; examinar com os encarregados locais como se configura nos diversos ambientes o problema das vocações e como é enfrentado objetivamente. Em Bogotá estavam reunidos todos os Delegados da Pastoral Juvenil da região, e com eles o P. Dho esteve reunido durante quatro dias.

O P. JOÃO RAINERI, depois da permanência nas Inspetorias mexicanas, entrou em contato rápido com os irmãos de Guatemala, Panamá, Venezuela, Colômbia, Equador, Perú, Bolívia, Chile, Argentina, Uruguai e Brasil. Visou especialmente os Inspetores e seus colaboradores, Ex-Alunos, Paróquias, Boletim Salesiano, Editoras Salesianas e outros setores da Comunicação Social.

5. Atividades da Direção Geral

Enquanto as múltiplas iniciativas eram levadas avante pelos Superiores durante este período de visitas às Regionais, a atividade dos Dicastérios na Direção Geral prosseguia normalmente embora de maneira reduzida.

Em particular o Dicastério da Formação acompanhou o primeiro "Curso de Formação Permanente" e trabalhou na preparação de iniciativas como o "Encontro de Professores de Teologia Dogmática"; o "Curso para Mestres de Noviciado" e o "Encontro Mundial dos Salesianos Coadjuutores", iniciativas estas amplamente descritas na seção "Comunicações" destes "Atos".

Os peritos do dicastério colaboraram também na elaboração do manual de piedade "Comunidade Salesiana em Oração", publicado na Itália em Dezembro p.p. visando a oferecer eventualmente um modelo para os irmãos de outras línguas.

O DICASTÉRIO DA PASTORAL DA JUVENTUDE agora se apresenta completo com a chegada do P. Estevão Wiera, que preponderantemente vai ter a seu encargo o setor "evangelização e catequese". As atividades do dicastério se desenvolvem de acordo com estas quatro linhas: informação, estudo, representação e ação.

No campo da *informação*, nestes últimos meses, chegou a termo uma pesquisa sobre a "Educação Sexual", cujos resultados foram en-

tregues à Sagrada Congregação para a Educação Católica. Uma síntese da mesma pesquisa e da doutrina dos Capítulos Gerais 19.º e 20.º, que tratam do assunto, foram enviados aos Inspetores.

Estudo: nos diferentes setores do dicastério se fez a coleta de dados relevantes dos CIES para enfocar os problemas e as tendências atuais nas diversas Regiões e Conferências Inspetoriais.

Em fevereiro se reunirá em Roma uma consulta mundial para estudar o problema de “A escola e a missão salesiana”. O questionário foi enviado a todas as Regiões da Congregação.

Ação: nestes dias se realiza em Roma o Encontro Europeu sobre o Sistema Preventivo (veja o n.º 272 dos “Atos”). Esse encontro será depois oportunamente repetido também nas diversas Regiões.

O dicastério está preparando também um “Curso de Atualização para os Delegados Inspetoriais da Pastoral dos jovens, da escola e das vocações”, que muito oportunamente será também repetido nas diversas Regiões.

No dia 1.º de novembro se realizou a “Reunião dos delegados para a Escola” das Inspetorias Italianas. Fez-se a análise da situação quanto à “Evangelificação e catequese”, “gestão social da escola”, e experiências em curso das diversas Inspetorias.

No DICASTÉRIO DA PASTORAL DOS ADULTOS está a se organizar o Secretariado para a Comunicação Social, pedido pelo CGE.

No setor dos Cooperadores, de 17 a 20 de janeiro reunir-se-á a “Comissão internacional para a redação do novo regulamento”, para inserir no texto do mesmo as observações e propostas, aliás numerosíssimas, sugeridas pelos Cooperadores através dos Conselhos Inspetoriais. O Regulamento em seguida será aprovado pelo Reitor-Mor com o seu Conselho.

Nestes últimos meses saíram os primeiros números de “Cooperadores”, mimeografados, que servem de ligação entre o Centro e os Conselhos nacionais e inspetoriais do mundo inteiro.

No setor dos Ex-Alunos se está providenciando a designação da nova Presidência geral. Pela primeira vez na sua história, os Ex-Alunos elegeram autonomamente os representantes dos seis grupos de federações espalhadas por todo o mundo. Agora se está organizando uma ampla lista de candidatos dos quais serão escolhidos sempre

por votação outros dez nomes: eles formarão, com os seis já votados, a Presidência geral. Dentre os dezesseis membros eleitos o Reitor-Mor designará em seguida o novo Presidente geral. Prevê-se um novo cargo: o de conselheiro encarregado dos Ex-alunos não-cristãos.

O DICASTÉRIO DAS MISSÕES cuidou da 103.^a Expedição Missionária Salesiana (ver “Comunicações” deste “Atos”). Está tomando os primeiros contatos diretos e concretos, encaminhando as primeiras iniciativas em ordem ao Centenário das Missões Salesianas, que, como sabemos, ocorrerá em 1975.

Concluindo, este período se caracterizou por intensos contatos e intercâmbios entre o Conselho Superior e os Salesianos em todos os níveis, na linha da renovação conciliar, na busca da fidelidade a Dom Bosco.

V. DOCUMENTOS

1. Curso para mestres de Noviciado

O Reitor-Mor enviou aos Inspetores Salesianos, e, para conhecimento, aos Mestres de noviciado, um documento datado de Roma no dia 24 de outubro de 1973. O texto compreende uma carta e um anexo.

a) CARTA DO REITOR-MOR

Caríssimo P. Inspetor, verificamos na Congregação a urgência de cuidar da formação dos Irmãos. Entre os pontos mais nevrálgicos para a formação das novas gerações — todos nós o reconhecemos — está o Noviciado, como etapa privilegiada de iniciação salesiana.

Devemos repensar em profundidade todo o trabalho do Noviciado. Os mais indicados para esta reflexão certamente são os mesmos Mestres dos novícios. Convictos da importância e da urgência do problema, achamos por bem, após cuidadoso estudo, encarregar o Dicastério da Formação para o enquadramento e a organização de um "Curso" destinado a todos os Mestres de Noviciado da Congregação.

Não se trata de uma espécie de "Curso de Atualização", mas de um comunicar-se mutuamente e aprofundar os elementos comuns, os alicerces para a formação dos novícios, à luz dos textos eclesiais e capitulares que exigem renovado empenho.

Claro está que é de interesse de cada Inspetoria que os Irmãos jovens das diversas regiões do mundo sejam realmente "verdadeiros" salesianos para o nosso tempo; que encarnem a unidade de nossa vocação em harmonia com as diferenças sócio-culturais das várias situações. O fato de reunir pessoas de vasta e diferente experiência será um elemento não pequeno de mútuo enriquecimento.

Esta é uma preciosa possibilidade, desde que estamos vivendo uma hora de transição na qual encontramos também incertezas e ambigüidades: da experiência concreta surge uma sabedoria de vida, uma segurança de direção e de fidelidade salesiana, hoje mais do que nunca necessárias para a nossa vocação.

O “Curso” constituirá ao mesmo tempo um dos aspectos da celebração do Centenário das nossas Constituições, aprovadas pelo Santo Padre Pio IX a 3 de abril de 1874. As Constituições que custaram tanto trabalho ao nosso Pai!

O Centenário deve constituir para todos um convite a estudar e assimilar as Constituições renovadas pelo CGE de conformidade com o Concílio Vaticano II.^o: e esta tarefa compete de maneira especial, aos Mestres de Noviciado. Proponho-me, de minha parte, voltar ao assunto, dirigindo-me a todos os irmãos da Congregação.

Tenho a certeza de que o senhor dará a importância que merece a esta nossa iniciativa e fará de maneira que o Mestre de sua Inspeção esteja presente na data marcada para o início do “Curso”.

Para o seu conhecimento, vai o programa anexo. Nele encontrará de maneira detalhada, o sentido e as modalidades do “Curso”.

Queira Deus abençoar esta nossa iniciativa. Nossa Senhora Auxiliadora nos dê sua assistência materna. Uma oração “ad invicem”.

P. LUÍS RICCI

b) ANEXO À CARTA DO REITOR-MOR

1. *Objetivo do Curso*

Com estes dias de estudo e recolhimento, queremos oferecer aos Mestres já em exercício a oportunidade de uma *experiência* espiritual, comunitária e uma *reflexão* que lhes permita:

- *assimilar os conteúdos e os valores de renovação no tocante à formação* que o CGE nos propõe e que a Congregação deve esforçar-se para encarar;
- *realizar um intercâmbio fraterno de experiências com relação aos métodos, procedimentos e estruturas de formação*, fazendo deles ao mesmo tempo um cuidadoso *exame crítico* à luz das normas da Igreja, dos objetivos formadores salesianos e dos princípios pedagógicos;
- *fazer em nível pessoal, uma aprofundada revisão e conversão das próprias atitudes psicológicas e espirituais* de maneira a conseguir cada vez melhores condições para estabelecer com os novíços um autêntico *relacionamento formativo*, o único que permitirá uma real comunicação de valores formadores (apostólicos, religiosos, salesianos).

2. Articulação e programa

A consecução destes objetivos será perseguida mediante um conjunto de experiências e de atividades que durarão um mês, e serão articuladas sobre *três linhas* fundamentais.

A. *Uma abertura doutrinária e estudo* dos pontos mais relevantes que tocam diretamente o conteúdo da formação salesiana, por meio de palestras, leituras pessoais, trabalhos de pesquisa em grupo, etc..

1. Informação global sobre a *Congregação, hoje*:

— Grandes linhas do CGE;

— Prospectivas do CGE, sobre a formação. O documento XIII dos Atos do CGE, os capítulos XIII-XIV das novas Constituições. O capítulo XI dos novos Regulamentos. O espírito da formação salesiana. As estruturas de organização da formação.

— O noviciado no contexto da formação salesiana. Finalidade e conteúdo específico do ano de noviciado. Ligação com as demais etapas e estruturas da formação.

2. Como estudar *Dom Bosco*. Estudo de alguns textos escolhidos.

— O espírito salesiano.

— Teologia e espiritualidade da ação apostólica. O apóstolo, homem de fé. A ascese apostólica.

— Teologia e espiritualidade da vida comunitária. Exigências salesianas, hoje.

— Problemas de formação para a oração, hoje.

— Teologia e espiritualidade da consagração salesiana, hoje. O problema da fidelidade.

— Pontos importantes hoje para a formação à castidade, pobreza, obediência.

NB — Tudo este programa será desenvolvido utilizando prevalentemente os diversos capítulos das novas Constituições.

B. *Uma reflexão em nível metodológico* sobre a maneira de orientar a comunidade formativa do noviciado para a sua estruturação,

sobre a maneira de encaminhar cada noviço e orientá-lo para uma vida espiritual de apóstolo religioso salesiano, exame de estruturas formativas e de métodos. Isso se fará através de lições, intercâmbio e exame de experiências, elaboração em grupo de planos de formação, etc..

— A casa salesiana (ambiente propício). A comunidade do noviciado. A equipe formadora.

— A figura, a tarefa, e a personalidade do mestre de acordo com os princípios da renovação.

Os noviços — critério de aceitação; modalidades do postulado. Participação dos noviços na sua própria formação. A direção espiritual.

— Prospectiva sacerdotal, laical e diaconal do noviço.

— Ritmo diário e semanal dos noviços. Harmonia dos componentes da formação: oração, estudo, trabalho, apostolado. Programa-tipo de estudos.

— Ritmo e etapas do ano de noviciado. Experiências. A profissão (sentido dos votos temporários).

C. *Uma experiência de vida e empenho espiritual.* Vida litúrgica, intercâmbio de reflexões sobre a Palavra de Deus, oração pessoal, revisão de vida... Também formação de grupos de reflexão e treinamento para a inter-relação pessoal... Serão dirigidos para estimular uma renovação pessoal interior.

A *primeira semana* será dedicada de maneira especial a se conhecerem; a assimilarem juntos e definirem os objetivos concretos do Curso e organizarem a reflexão subsequente, utilizando todos os elementos disponíveis (Cfr. A e B). Partindo da experiência formativa concreta que cada um já viveu, e de um esboço inicial do programa, o Curso deverá constituir-se acima de tudo o início de uma experiência de busca e de colaboração, de uma aprendizagem de atitudes adequadas no relacionamento interpessoal e de grupo.

Mediante oportunos encontros e exercícios, esta dimensão da própria formação será mantida viva durante todo o curso.

3. Organização.

Participantes: Mestres de Noviciado em exercício.

Data: chegada sábado, 2 de março; encerramento 5 de abril, sexta-feira, após a celebração do centenário das Constituições.

Lugar: Casa Generalícia: Via della Pisana, 1111 — 00163 Roma.

Informações e Correspondência: Dirigir-se diretamente ao Secretariado do Dicastério de Formação.

2. O novo "Estatuto dos Ex-alunos de Dom Bosco"

O novo Estatuto que se constitui como a "Carta de renovação dos Ex-Alunos" foi promulgado em outubro do ano passado na Cidade do México. Está precedido de uma Apresentação assinada pelo P. João Raineri, o qual ilustra a história, os princípios informadores e os elementos de renovação do documento.

Reproduzimos o texto e o primeiro Capítulo (art. 1) do Estatuto.

a) "APRESENTAÇÃO" DO NOVO ESTATUTO

Notas históricas. O "Movimento dos Ex-Alunos de Dom Bosco" detém o primado de fundação sobre todos os outros movimentos análogos. Em 1870 Dom Bosco abençoou o primeiro núcleo que se reuniu espontaneamente ao redor dele e em 1888, ano de sua morte, surgiram as primeiras associações.

O Bem-Aventurado Miguel Rua, em 1911, viu nascer as primeiras federações nacionais, que em 1920 se organizaram de maneira unitária com um presidente internacional.

Em 1954, por ocasião dos festejos da canonização, de Domingos Sávio, estavam presentes em Turim 32 presidentes de outras tantas federações nacionais, os quais, após o cortejo de honra acompanhando as relíquias do jovem aluno de Dom Bosco, aproveitaram a ocasião para formular um Estatuto que unisse mais estreitamente as federações entre si e os salesianos, e servisse de estímulo para a sua fidelidade ao espírito de Dom Bosco e para difundi-lo no mundo. Em 1956, no Congresso Internacional americano de Buenos Aires, o Estatuto foi promulgado.

No encerramento do Concílio Vaticano II, e do XIX Capítulo Geral, que recolhia os germes da renovação, e o Congresso europeu (1965), levaram maior perfeição ao Estatuto, que foi promulgado nas "Camerette di Dom Bosco" (Turim) em 1966.

O Congresso Mundial de 1970 formulou algumas solicitações apresentadas ao CGE dos Salesianos em 1971; o CGE as acolheu empenhando as comunidades salesianas, em todos os níveis, na sua execução. O novo Estatuto codifica essas solicitações (CGE, nn. 750-751).

Princípios informadores — O novo Estatuto começa seus artigos com algumas afirmações de princípios, as traduz em normas estatutárias e em mudanças de estruturas.

Antes de mais nada, quer atualizar o "espírito eclesial (GE, 2), por isso lembra aos Ex-Alunos cristãos os seus compromissos de leigos na Igreja: afirma a abertura para com todas as confissões religiosas e todos os valores que elas contêm, mediante a presença — de pleno direito — no movimento e nas associações de cada membro de todas as uniões de Ex-Alunos não católicos e não cristãos, decididos a viver, defender e propagar os valores humanos que receberam na educação salesiana.

Além disso, embora afirme a distância da associação, como tal de toda a política partidária, chama, porém a atenção sobre a necessidade da formação de uma consciência social e política, individual e coletiva, que leve os Ex-Alunos a um empenho coerente para a consecução da justiça no mundo. É somente assim que poderão hoje realizar a vontade de Dom Bosco que os quer "bons cristãos e honestos cidadãos".

O Estatuto afirma que os Ex-Alunos pertencem à Família Salesiana em vista da educação recebida. Esta afirmação é somente um ponto de partida de onde devem brotar uma *colaboração mais estreita* com os salesianos, uma *fidelidade* cada vez maior ao espírito salesiano, uma *formação permanente* de estilo salesiano que possa perpetuar aquela recebida nas comunidades educativas, até o ponto de *assumir* serviços próprios de missão salesiana, não só para com os Ex-Alunos, especialmente jovens, mas também para com a juventude pobre e o povo. Nestes casos — e já temos exemplos — eles pertencem à família também em sentido próprio.

É bem sabido que os *Ex-Alunos*, devido à sua *proveniência*, são os mais indicados a se tornarem cooperadores, isto é, com um *empenho direto* e num contexto visado diretamente por Dom Bosco.

Elementos inovadores. Tais princípios informam todo o novo Estatuto na sua globalidade, como se pode comprovar examinando algumas prescrições.

A necessidade de afirmar a justa *autonomia e responsabilidade* e o *caráter laical* da organização, devia harmonizar-se com as exigências de conservar ao movimento aquela *salesianidade* que exprime, no relacionamento com a Congregação, o tradicional *espírito de família*. É mesmo por isso que foi *modificado o sistema de eleição, a estrutura* da presidência e a escolha do presidente geral, por parte do Reitor-Mor, que agora se realiza entre os membros da presidência geral, eleitos pelo conselho da confederação mundial.

Por idênticos motivos foram criadas as figuras do *secretário geral* e do *tesoureiro*; foram definidos os *encargos* de cada membro da presidência geral e o alargamento de seu número, com a inclusão de seis *representantes eleitos pelos grupos de federações nacionais*. A instituição da *consulta de peritos* e da *comissão eleitoral* torna mais cuidadoso o trabalho da presidência e mais democráticas as eleições.

No *relacionamento entre salesianos e Ex-Alunos*, afirma-se a fidelidade a Dom Bosco, na pessoa do Reitor-Mor, e são constituídos os representantes dos “grupos de federações nacionais”, as quais os mesmo tempo que tornam mais fácil a colaboração entre as federações, criam um órgão intermediário de ligação entre si e a presidência geral, e colocam ao lado do superior regional salesiano um Ex-Aluno que representa, junto dele, todas as federações de sua região.

Os *delegados em todos os níveis, também o geral, assumem* mais decididamente a tarefa de animadores espirituais e de responsáveis e elos entre as comunidades salesianas e os Ex-Alunos, para com os quais essas comunidades têm solidariamente responsabilidades definidas, de acordo com o CGE.

Esta mudança de perspectiva na maneira de ser Ex-Alunos, traz como lógica consequência o empenho da formação permanente, que continua a educação recebida nas comunidades educativas, e da atribuição de responsabilidade aos *jovens na ação e na direção nos diferentes níveis*.

A *abertura conciliar* e a exigência de colaboração para a defesa dos valores evangélicos e humanos, tem como sua consequência a disponibilidade de colaborar com todas as organizações que buscam fins análogos aos da confederação.

Não se pode esquecer a reafirmação da solidariedade mundial entre os Ex-Alunos.

Ao Estatuto segue um “Documento Anexo” que contém normas para a aplicação, interpretação e integração necessárias dos artigos estatutários.

A promulgação “ad experimentum” por três anos do Estatuto empenha as federações nacionais a modificar ou redigir seus regimentos de acordo com os *princípios da unidade essencial* contidos no Estatuto e do *pluralismo* de formas exigido pelas peculiares situações locais.

Com gesto emblemático o novo Estatuto foi promulgado, conjuntamente, pelo Reitor-Mor P. Luís Rícceri, que com sua carta de novembro de 1970, pôs os Ex-Alunos no centro de interesse da Congregação, e pelo presidente geral Dr. José Maria Taboada Lago, que teve a alegria de servir à confederação com uma dedicação admirável na hora em que o congresso mundial de 1970 e o CGE criavam a base da renovação da qual o “Estatuto” indica a orientação.

Roma, 8 de dezembro de 1973.

P. JOÃO RAINERI.

b) CAPÍTULO I.º: OS EX-ALUNOS DE DOM BOSCO

a) “Ex-Alunos de Dom Bosco” são todos aqueles que frequentaram um instituto, um oratório ou qualquer outra obra salesiana. Eles fazem parte da Família salesiana devido à educação recebida.

b) Essa educação e o fascínio que emana de Dom Bosco, une-os em um “movimento”, cuja origem está no vínculo de amizade, que liga os Ex-Alunos a seus educadores e entre si, e na necessidade de conservar e desenvolver os princípios, que foram colocados na base de sua formação, para traduzi-los em autênticos empenhos de vida.

c) Com essa finalidade surgem as associações locais, em que adeja o espírito de Dom Bosco e de diálogo, as quais, ligadas entre si por estrutura organizada, constituem a “Confederação mundial de Ex-Alunos de Dom Bosco”.

d) Tal confederação é única e está formada por federações de Ex-Alunos sem distinções étnicas ou religiosas. Como associação de

leigos, tem personalidade própria e autonomia responsável; conserva íntima e contínua união com a congregação salesiana para permanecer fiel ao espírito de Dom Bosco.

e) Os associados à confederação vêem no Reitor-Mor a mesma figura de Dom Bosco e nele reconhecem o guia; desejam a assistência dos salesianos para uma educação espiritual permanente, incisiva e adequada; participam da missão da Congregação e se empenham em ser portadores do amor de Deus para todos, mas de maneira especial para os jovens e para os pobres, e ser difusores do espírito de Dom Bosco no mundo.

f) Esta comunhão de objetivos e de obras, chancelada pela tradição e por mais de um século de felizes experiências, está de acordo com a teologia dos leigos brotada do Concílio e está em sintonia com a figura do Ex-aluno esboçada pelo CGE.

Princípio de ação fundamental das associações é que toda decisão seja tomada de comum acordo com os salesianos, segundo o estilo de família da comunidade educativa, que é característica do movimento dos Ex-Alunos de Dom Bosco.

VI. DOS NOTICIÁRIOS INSPETORIAIS

Os Noticiários Inspetoriais dos quais tenha chegado à Direção Geral ao menos um exemplar, atinge o número 54: três inspetorias sobre quatro os publicam. Muitos NI já são divulgados regularmente. Melhora a sua apresentação quer radacional quer gráfica (mas alguns ainda esquecem de indicar dados elementares, como lugar, data etc.). Uma primeira sondagem feita entre irmãos resulta que eles acolheram os NI com entusiasmo, muitas vezes com verdadeiro interesse e utilidade.

Renovamos o "muito obrigado" aos senhores Inspetores que enviam à Direção Geral estas publicações. Renovamos o convite, aos que ainda não o fazem, para que os mandem: ao Reitor-Mor, aos superiores interessados e ao "Ufficio Stampa Salesiano".

1. Inspetoria de Barcelona — "Como trabalhar pelas vocações"

O Diretor do Aspirantado de Gerona, o P. Miguel Echamendi, ofereceu aos irmãos de sua Inspetoria, estas "reflexões práticas" (que tiramos do NI de novembro de 1973, pg. 21).

É muito difícil, delicado e até "misterioso", exprimir um juízo acerca do fenómeno das vocações que hoje se verifica na Igreja. Programei falar sobre este tema em todas as nossas comunidades.

Hoje temos no aspirantado de Gerona 142 aspirantes. Já se foram os tempos em que podíamos contar cem aspirantes no primeiro ano, e quarenta deles entravam no noviciado. Era este, em outros tempos, o fruto do trabalho de alguns salesianos que passavam pelas aldeias e recolhiam os meninos para o aspirantado. Esse método que era considerado válido na década de 40 e até de 50, já na de 60 não era mais eficaz. Um estudo acurado sobre os doze últimos anos demonstrou que hoje esse método está totalmente superado.

Penso que hoje o sistema de trabalho pelas vocações poderia ser este:

- 1. Nossas comunidades, cada um de nós deve viver com entusiasmo a sua vocação. Somente assim contagiaremos os outros.*

- 2. Ministrare uma educação melhor aos pequenos. Normalmente entregamos a pessoas de maior valor lecionar para adultos; não nos*

damos conta de que quando os pequenos chegam aos 13 ou 14 anos, muitas vezes já são ateus ou ao menos não aceitam a religião.

3. Descobrir no primeiro trimestre do ano escolar (através de inquérito, trabalhos escolares, dias de retiro etc...) quais os meninos que demonstram vocação para a vida consagrada. Não nos preocupemos com o número, mesmo que seja pequeno. Mas toda comunidade deve saber quais os meninos que demonstram maior sensibilidade cristã, quais os que estão dispostos a empenhar-se numa vida autenticamente cristã, quais os que são capazes de dedicar a sua vida a serviço dos outros.

4. Aplicar-se com muita atenção a esse "pequeno rebanho", com entrevistas pessoais, confiando-lhes responsabilidades apostólicas nas quais possam exprimir o melhor de si.

Tudo isso sem pressa. A graça fará o resto, enquanto a comunidade trabalha e reza, para alcançar continuadores para sua obra.

2. Inspetoria do Peru — A "comemoração" como oportunidade pastoral.

A obra salesiana de Huancayo (escola primária e ginásial para internos, externos, oratório festivo, igreja pública, etc...) transformou a comemoração de seu 50.º ano de fundação numa eficaz oportunidade pastoral para toda a Família Salesiana local (tomado do NI de setembro de 1973, pg. 9-10).

De 9 a 16 se realizaram os festejos em comemoração das "Bodas de Ouro" da obra salesiana nesta cidade. Também as irmãs de Maria Auxiliadora comemoravam as "Bodas de Ouro" de sua obra, e se uniram aos salesianos para as solenidades.

Domingo, dia 9 foi consagrado o novo templo de Nossa Senhora Auxiliadora. Foi o dia dedicado a Maria Auxiliadora, e terminou com uma peregrinação noturna dos jovens do oratório festivo e os salesianos ao templo.

No dia seguinte "dia da gratidão", houve diversas manifestações pequenas. De noite um espetáculo destinado a recolher fundos para uma obra social que os salesianos pretendem realizar na cidade.

Terça-feira, dia 11, foi o "Dia das Vocações", com programação variada para os meninos: Lobinhos e Escoteiros no período da tarde ofereceram um programa especial.

Quarta-feira, dia 12, "Dia de sufrágio". Peregrinação da Família Salesiana ao Cemitério. Foi transmitido um programa radiofônico preparado por amigos da obra salesiana.

Quinta-feira, "Dia da família". Entre as manifestações houve a inauguração das novas oficinas mecânicas e do museu da escola.

Sexta-feira, dia 14, foi o "dia da juventude". Desfile dos alunos, estando presentes autoridades locais. Sessão solene do Conselho Provincial da cidade; de noite sessão teatral.

Sábado foi o "dia da alegria salesiana". Torneio de Xadrez no Parque Cívico, jogos e de noite sessão teatral.

No dia do encerramento, com a presença do Sr. Bispo diocesano, houve ágape fraterno oferecido pelos Ex-Alunos, e de noite Missa em ação de graças.

3. Inspetoria Inglesa — Uma "semana" para superiores e formadores

Interessante "Curso para Superiores e Salesianos empenhados em trabalhos de formação" foi organizado pela inspetoria inglesa, também para os irmãos da vizinha inspetoria Irlandesa, a realizar-se na última semana de março em Ingersle, na Casa de Retiros (Carta do Inspetor, 17 de outubro de 1973).

Título do Curso: "Que está acontecendo hoje nas comunidades religiosas?"

Tema: o curso fará considerações acerca de alguns elementos "novos" introduzidos em algumas comunidades religiosas no período pós-Conciliar. Que se esperava deles? que se obteve? que juízo de valor se pode dar hoje?

Serão tomadas em consideração outras possibilidades que se oferecem à hodierna maneira de viver dentro das comunidades religiosas, e se examinará se isso pode melhorar nosso estilo de vida.

O curso não se preocupará tanto de estabelecer se está de acordo com as experiências dos outros grupos ou não; se se pretendem introduzir algumas dessas experiências nas comunidades ou não. Seu objetivo é formativo. Torna conhecimento daquilo que se está fazendo; daquilo que os outros salesianos estão fazendo.

Assuntos: entre os pontos mais importantes serão tratados: a vida comunitária (experiências feitas em diversas partes do mundo); o apostolado (individual e comunitário); organização (lugar e papel do superior); direção espiritual.

4. Inspetoria de Lion — Ano Santo, Eucaristia e Comunidade

Considerações do Inspetor P. Miguel Mouillard, numa carta aos irmãos (NI de Lion-França, novembro de 1973, pg. 1).

Penso que o trabalho assumido na trilha dos nossos diversos Capítulos, para refletir sobre o projeto apostólico da comunidade, e para estabelecer um ritmo de oração comunitária, se colocam perfeitamente na linha do Ano Santo.

Apresentando o Ano Santo, o Card. Marty insistia sobre a importância da oração, da meditação, e acima de tudo, da celebração da Eucaristia, sacramento da “reconciliação”. Nossa comunidade constrói a sua vida em torno da Eucaristia, é unificada pela Eucaristia? As vezes se chega a recusar a celebração comunitária pelo escrúpulo de não sermos hipócritas: “...quando nos entendermos, quando chegarmos a participar as cousas entre nós, então sim, poderemos celebrar com verdade a nossa unidade...”.

É verdade: se não tivéssemos a fé, a Eucaristia se reduziria a um fato psicológico, que seria somente o ponto culminante de uma amizade fraterna... Mas com a fé, nós pensamos que, sem atribuir-lhe um valor mágico, a Eucaristia deve exprimir acima de tudo o esforço de cada um e da comunidade no sentido de chegar à unidade. E não exprimir de imediato a comunhão já perfeitamente realizada: a Eucaristia acima de tudo nos ajuda a ela tender.

Para nós, portanto, o nosso modo de associar-nos autenticamente na celebração do Ano Santo consistirá em atualizar — no centro de nossa oração — uma Eucaristia mais verdadeira como também — no centro de nossos encontros fraternos — o projeto missionário que nos foi confiado.

5. Obrigado, P. Inspetor

Obrigado a deixar o cargo, por questão de saúde, antes de completar o sexênio, um Inspetor salesiano, durante uma celebração com seus irmãos, foi saudado com estas palavras, que reproduzimos por

serem verdadeiras, e porque traçam um perfil ideal para quantos se encontram revestidos de autoridade.

“Obrigado pela sua retidão, honestidade, e direitura; seu falar foi sempre o sim-sim e o não-não evangélico, sem subentendidos e restrições mentais.

Obrigado por essa riqueza de humanidade, que o fez sentir-se tão perto de todos nós.

Obrigado, porque soube ser pai sem paternalismo; irmão sem camaradagem; porque foi otimista sem superficialidade; e realista sem cair no pessimismo.

Obrigado porque o senhor soube confiar nos irmãos jovens sem cair no “juvenismo”, e porque manifestou veneração e gratidão aos anciãos, sem lisonjeá-los com piedosas mentiras sobre os belos tempos de antanho.

Obrigado porque o sr. procurou a unidade da comunidade e da Inspetoria sem prejuízo da verdade; porque acreditou no diálogo com os irmãos e colaboradores, com fatos e não com palavras; porque aceitou com serenidade, mesmo sofrendo, que o CIE recusasse, sem maiores ponderações, iniciativas que lhe eram caras.

Obrigado porque o senhor sentiu profundamente o drama dos meninos mais pobres, apoiando todas as iniciativas em favor deles.

Obrigado porque a tentação ao dinheiro e o “mal do tijolo” nunca o atingiram; porque soube assumir pessoalmente, e engolir em silêncio; porque teve tão vivo, concreto e palpável o sentido de suas limitações e pediu sinceramente, não por diplomacia, a colaboração de todos.

Obrigado porque o senhor não se julgou indispensável e não quis o heroísmo ridículo dos que se obstinam em morrer na brecha.

Obrigado porque o senhor nunca sacrificou os irmãos, mas soube ouvi-los, compreendê-los, respeitá-los e amá-los.

Obrigado porque soube ser tão profundamente salesiano no seu estilo de serviço, nas escolhas apostólicas, no clima que o senhor criou na Inspetoria, na simplicidade e na familiaridade de seu relacionamento conosco”.

6. Inspetoria de Buenos Aires — Uma oração pela comunidade

Propõe-se aos irmãos, esta oração tão bem formulada, que se inspira nas Constituições Salesianas (NI setembro de 1973, pg. 15).

“Deus nos chamou a viver em comunidade, confiando-nos irmãos para amar. Rezemos para que nossos votos religiosos se traduzam ao mesmo tempo em atos de amor a Deus e aos irmãos.

— Para que a *castidade* seja uma real libertação e responsabilidade para amarmos-nos como irmãos no Espírito Santo, rezemos ao Senhor...

— Para que a *pobreza* seja o sinal da mútua doação no amor fraterno de tudo o que somos e possuímos, rezemos ao Senhor...

— Para que a *obediência* unifique nossas vontades na busca e na realização da vontade de Deus, rezemos ao Senhor...

Senhor, dai-nos levar uma vida verdadeiramente comum, de maneira a encontrarmos nela força para sermos fiéis aos valores evangélicos em cuja realização nos empenhamos com a profissão religiosa. Por Jesus N. S. Amém.

7. Notícias breves

O “BOLETIN” SALESIANO DO EQUADOR, depois de algum tempo de suspensão, retoma sua publicação em janeiro de 1974. Será bimestral, impresso na tipografia da Editorial Dom Bosco de Cuenca (NI do Equador, novembro de 1973, pg. 5).

TEXTOS GRAVADOS EM “CASSETTE” foram preparados pelo “Centro Salesiano de Pastoral” de La Plata (Argentina). Os “Cassette” com duração de 90 minutos cada um, contêm conferências, artigos, discursos sobre temas teológicos, vida religiosa e sacerdotal, catequese, retirados de recentes publicações. Os textos servem para meditações, retiros, encontros, etc... Foi preparada a primeira série de 12: os irmãos podem adquirir os “Cassette” já gravados, ou remeter ao “Centro” seus “Cassette” para que se faça a gravação (NI da Bahía Blanca, agosto de 1973, pag. 10).

SALESIANOS ENTRE OS MENINOS DE BELFAST: três salesianos da Irlanda foram a Belfast para passar lá um período de férias duras de tra-

balho, na cidade dos atentados "al plástico". Estabeleceram-se eles numa escola primária e realizaram com os quinhentos ou seiscentos desenfreados meninos daquela região o seu "projeto de recreação para férias de verão". Jogos ao ar livre e em áreas cobertas, canto, pintura (Os meninos inconscientemente representavam de preferência cenas trágicas de Belfast martirizada). Depois desfiles dos meninos com máscaras, concursos de beleza de crianças (com mães, avós...), e exposição de animais domésticos.

As autoridades escolares facilitaram tudo, oferecendo, além do local, um micro-ônibus, um ônibus de dois andares para excursões, entradas para as piscinas e os barcos etc.. Mas as atividades diárias dependiam de muitas circunstâncias: do humor dos meninos, das condições do tempo, e não menos, dos altos e baixos da vida agitada da cidade (*NI da Irlanda, setembro de 1973* pág. 7-8).

VII. MAGISTÉRIO PONTIFÍCIO

1. As vocações, obra de Deus

Recentemente, Paulo VI, dirigindo a palavra a grupos qualificados reunidos em Roma, tratou duas vezes do tema das vocações e da preparação ao sacerdócio.

a) HOJE, MAIS DO QUE ONTEM, CRISTO DIZ: "SEGUE-ME"

No dia 21 de novembro passado, em sua alocução aos participantes do "Encontro de Estudos para as Vocações Eclesiásticas", Paulo VI sublinhou a importância de apresentar, aos jovens, em toda a sua integridade o ideal do sacerdócio. Eis a parte mais significativa da alocução:

Veneráveis irmãos e filhos caríssimos, permiti que, em vista do futuro trabalho que vos espera, vos proponhamos algumas reflexões e indicações; mesmo que não sejam novidades para os vossos conhecimentos e experiência nesta matéria, confirmar-vos-ão, contudo, a solicitude atenta com que seguimos o vosso trabalho preciosíssimo no seio da Igreja.

Parece-nos que o primeiro trabalho a executar é levar o espírito dos fiéis a uma tomada de consciência mais profunda do valor e da necessidade indispensável do ministério sacerdotal no plano da salvação. É preciso reagir contra uma difundida mentalidade, que pretende diminuir a importância da presença do sacerdote, partindo do fato de o Concílio ter valorizado muito o sacerdócio comum dos fiéis. Isto significaria não compreender o desígnio de Deus, que na realidade quis chamar os seus crentes à Igreja e salvá-los, constituindo-os um povo hierarquicamente organizado. Esta necessidade imprescindível revela-se ainda mais evidente hoje, quer pelas condições espirituais do mundo moderno, que tende cada vez mais a secularizar-se e a diluir o sentido do sagrado, quer em vista do crescente empenho que a Igreja vai assumindo no serviço da humanidade, serviço este que, a longo prazo, não poderá ser assegurado sem a virtude santificadora e a autoridade pastoral daqueles que foram constituídos "dispensadores dos mistérios de Deus" (1 Cor 4, 1).

Tende confiança em Deus e nos jovens

Reconhecemos, sem dúvida, as múltiplas e graves dificuldades que deveis encontrar para superar a atual crise das vocações, que tem raízes vastas e profundas. São dificuldades que em alguns terão talvez feito surgir uma tentação de dúvida ou de desencorajamento sobre a possibilidade real, num mundo tão intoxicado com o materialismo e o hedonismo, de fazer compreender aos jovens a voz de Cristo, que lhes diz, hoje, como ontem, ou antes, mais ainda do que ontem: “vem e segue-me”. Eis a nossa segunda recomendação: trabalhai com confiança! Confiança em Deus, porque as vocações antes de serem obra do homem são principalmente obra de Deus, e de modo nenhum devemos duvidar que Deus não queira prover às necessidades da sua Igreja, à qual prometeu assistência até ao fim dos tempos (cfr. Mt 28, 20). E além disso, confiança nos jovens, cuja generosidade hoje não é menor do que ontem. Pensamos que a escassez das vocações depende, sim, em grande parte, do ambiente familiar e social, que torna a consciência das novas gerações refratária ao estímulo do apelo de Cristo. No entanto, cremos ainda na imensa riqueza de energias latentes nos jovens do nosso tempo, tão abertos aos grandes ideais de justiça, tão sedentos de autenticidade, tão disponíveis à doação em favor dos próprios irmãos. Se os vemos tão sensíveis perante a humanidade que sofre, devido às injustiças, à fome, às violências, como podemos resignar-nos a pensar que não o possam ser também perante uma humanidade que reclama com não menos força a presença de Deus e a distribuição da Sua graça através do ministério sacerdotal? Estamos certo, portanto, que são ainda numerosos os corações juvenis capazes de abraçar, com grandeza de espírito e de fidelidade, o ideal de uma existência consagrada a Cristo e às almas, até ao heroísmo.

Não esconder nem atenuar

Mas como apresentar este ideal? Respondemos que este ideal deve ser apresentado aos jovens, generosos e fortes por natureza, em toda a sua integridade, não escondendo ou atenuando as severas exigências que ele comporta, mas ilustrando convenientemente o seu alto significado e os seus valores sobrenaturais. E podemos crer até que esta fórmula exercerá maior atrativo nas almas juvenis, do que uma fórmula humanamente mais aceitável e aparentemente mais prática, na qual, no entanto, há o perigo de desnaturar a índole específica e essencialmente espiritual do serviço sacerdotal. Não é, portanto, apresentando o estado eclesiástico como mais fácil que se tornará mais de-

sejado o acesso ao sacerdócio. Não é nesta direção que nos devemos orientar para o incremento quantitativo e qualificativo das vocações, apesar da necessidade urgente em que se encontra a Igreja neste momento.

Mas o problema das vocações não se limita, como bem sabeis, à fase do recrutamento dos candidatos ao sacerdócio. Há também acima, de tudo um complexo de esforços e de cuidados, para que a semente posta por Deus no espírito do jovem possa chegar a uma maturação, e, sobretudo frutifique e seja perseverante. Aqui o discurso converge naturalmente sobre os seminários, para os quais a vossa atenção se deve dirigir de uma forma muito particular. É preciso trabalhar decididamente para levantar o seu nível espiritual, e para que se tornem, como foram sempre na Igreja, verdadeiros lugares privilegiados de piedade, estudo e disciplina: Dever-se-á, com todo o empenho, afastar aquele clima de conformidade com o mundo, de relaxamento do espírito de oração e de amor à cruz, que infelizmente tenta penetrar em não poucos deles, se não quisermos ver totalmente comprometido o nosso esforço mais generoso neste setor tão delicado e vital para a Igreja. É verdade que hoje se requer uma atualização dos métodos educativos, e os jovens apresentam exigências que seria temerário não ter na devida conta. No entanto, como recentemente tivemos ocasião de afirmar, isto “não justifica a atitude daqueles que quereriam suprimir todas as estruturas, abolir todos os regulamentos deixar plena liberdade às iniciativas pessoais, confiados numa bondade natural que ignora o pecado original e as suas conseqüências. O jovem deve ser, certamente, educado para a liberdade; mas a verdadeira liberdade é uma conquista, e o homem, para a conseguir, e muito mais o aspirante ao sacerdócio no período da sua formação, tem necessidade de ajudas externas. Do mesmo modo que é prejudicial uma passividade excessiva do educando, assim também o é a pretensão daquele que quer auto-educar-se sem qualquer ajuda do educador.” (*Discurso ao Colégio Germânico-Húngaro, 18 de outubro de 1973*).

Veneráveis Irmãos e filhos caríssimos, estamos sinceramente agradecidos pela vossa contribuição. Continuai, pois, corajosamente, neste caminho. Multiplicai os vossos contatos e as vossas iniciativas comuns. Mas sobretudo, mantende-vos em estreita comunicação com o Senhor da messe, através do meio fundamental, a oração, pois que a vocação é um dom do Espírito, que se deve pedir, segundo a exortação do Senhor.

Para tanto, vos conforte a abundância da graça divina, que invocamos para todos vós; e, como penhor dela, concedemo-vos do coração a Bênção Apostólica.

b) COMO CRISTO, "HOMEM PARA TODOS"

No dia 10 de outubro do ano passado, visitando o Colégio Germânico-Húngaro, por ocasião de seu 4.º centenário de fundação, Paulo VI, falou aos clérigos que o frequentam e a seus educadores sobre a formação para o sacerdócio, hoje.

É verdade — disse, pelo fim de sua alocução, o Papa — que, para ir ao encontro das novas exigências dos tempos o vosso Colégio não pode ficar ancorado a normas adequadas à vida de há alguns séculos, mas contraproducentes no clima atual. Os jovens que hoje se preparam para o sacerdócio apresentam em si mesmos necessidades e exigências que seria temerário não considerar devidamente. Já o Concílio Vaticano II, consciente da "grandíssima importância da formação sacerdotal", porque "a desejada renovação de toda a Igreja depende, em grande parte, do ministério dos Sacerdotes" (Decr. *Optatum totius*, Proêmio), havia traçado as diretrizes para uma renovada pedagogia eclesial: diretrizes que foram retomadas e desenvolvidas no documento "*Ratio fundamentalis institutionis sacerdotalis*", publicado em 6 de janeiro de 1970, pela Sagrada Congregação para a Educação Católica. Não ignoramos as dificuldades desta empresa, que requer educadores responsáveis, dotados de sábio discernimento e de um equilíbrio prudente. É necessário, porém, ter bem presente que na formação sacerdotal existem normas que permanecem, na sua substância, imutáveis nos séculos, e tanto amanhã como hoje conservarão todo o seu valor, porque derivam da própria natureza da sagrada Ordem.

A este propósito, permiti, caríssimos jovens, que esclareçamos alguns pontos que, se forem mal entendidos, poderiam ter consequências funestas para a Igreja.

No mundo, sem ser do mundo

Na formação dos candidatos ao sacerdócio requer-se hoje uma abertura maior aos problemas da sociedade e do homem moderno. É uma coisa legítima, desde que não se caia no exagero oposto. Apesar de dever viver no mundo, o sacerdote não deve ser do mundo: por isso, se a excessiva separação é prejudicial, não o é menos a tendência a suprimir todas as diferenças, como infelizmente muitas vezes acontece, na linguagem, no modo de agir, e assim por diante, com o propósito de estar mais perto do mundo. Não criemos ilusões: se o sa-

cerdote não sabe manter aquela distância que é necessária para ser o homem de Deus, o ministro de Cristo, a testemunha de uma vida transcendente e espiritual, torna-se, pouco a pouco, o sal insípido, do qual Jesus fala no Evangelho.

Também se nota hoje que os valores da liberdade, da personalidade e da responsabilidade são cada vez mais apreciados. Justamente por isso, portanto, para que se realize uma eficaz atualização dos métodos educativos nos seminários, é necessário instaurar um clima de maior liberdade e responsabilidade da personalidade do aspirante ao sacerdócio. Isto não justifica, todavia, o comportamento daqueles que queriam ver eliminadas todas as estruturas, abolidos todos os regulamentos, deixada plena liberdade às iniciativas pessoais, confiantes numa bondade natural que ignora o pecado original e as suas consequências. Não há dúvida de que o jovem deve ser educado para a liberdade; mas a verdadeira liberdade é uma conquista, e para a conseguir, o homem, e muito mais o aspirante ao sacerdócio, no período da sua formação, tem necessidade de ajuda externa. Assim como é prejudicial uma excessiva passividade no educando, também o é a pretensão daqueles que se propõem auto-educar-se, sem qualquer auxílio do educador. Portanto, a disciplina na vida de seminário, como adverte o Concílio “deve ser considerada, não somente como uma forte defesa da vida comum e da caridade, mas como elemento necessário no conjunto da formação, para adquirir o domínio de si mesmo, promover uma sólida maturidade da pessoa...” (Decr. *Optatam totius*, n. 11).

Serviço essencialmente espiritual

Hoje também se insiste muito sobre a vida do sacerdote como vida de serviço, a exemplo de Cristo, o “homem para os outros”, segundo uma feliz expressão muito conhecida. Deve-se precisar, contudo, que o serviço do sacerdote, que deseje manter-se fiel a si próprio, é um serviço nítida e essencialmente espiritual. É isto o que hoje se deve recordar, contra as múltiplas tendências a secularizar o serviço sacerdotal, reduzindo-o a uma função prevalentemente filantrópica e social. É no âmbito das almas, das suas relações com Deus e das suas relações interiores com os seus semelhantes, que se classifica a específica função do sacerdote católico.

São estes, filhos caríssimos, alguns dos sentimentos que nos inspira a fausta circunstância hodierna. Continuai a avançar incessantemen-

te, sem desfalecerdes naquela indispensável formação cristã e sacerdotal, apostólica e cultural, que a Igreja espera de vós.

2. Viver o Ano Santo

Nos três últimos meses, Paulo VI voltou com insistência ao tema do Ano Santo, com uma quinzena de amplos discursos (sem contar as intervenções mais breves), discursos em que por vezes se empenhou na primeira pessoa, como no dia 10 de novembro p.p., quando afirmou:

“Quem vos anuncia isto?” (Tratava-se da abertura das celebrações jubilares de Roma). Um pobre homem, um fenómeno de pequenez. Eu tremo, irmãos e filhos, tremo quando falo, porque sinto que digo alguma coisa que me supera imensamente, coisas que não testemunhei nem servi suficientemente, coisas que, na verdade, mereciam uma voz profética que conseguisse dar-lhes a amplidão lírica e potente da sua realidade. Apesar disso, eu digo-vo-las assim... Sinto a minha pequenez e a desproporção esmagadora entre a mensagem que anuncio e a minha capacidade de a expor e também de a viver. Mas ao mesmo tempo não posso negar, não posso calar.

Essa participação comovida do Papa provocou a seguinte afirmação de colunista leigo: “Parece que de fato este Ano Santo vai se tornar alguma coisa de importante, se dele Paulo VI fala tão apaixonadamente”. Com essa mesma persuasão apresentamos alguns dos trechos mais significativos do Papa, que ajudarão nossas comunidades a celebrar com os Bispos o Ano Santo Diocesano.

a) VEM A HORA E É ESTA

Vamos limitar-nos à consideração deste próximo acontecimento em relação ao tempo, à história e ao desígnio divino, que se realiza em determinados momentos. Nunca observastes que Jesus fala muitas vezes da hora que está para chegar, como de uma circunstância muito importante? Ele diz, por exemplo, à mulher samaritana: “Mas virá a hora, e é esta, em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade” (Jo 4, 23; 2, 4; 17, 1; Rom 13, 11 etc.) Por outras palavras, a sucessão do tempo algumas vezes não tem um simples significado cronológico, mas adquire um sentido profético, indi-

cando o cumprimento de um designio divino. O relógio do tempo assinala a coincidência de um instante precioso para a descida entre os homens, de uma Presença transcendente ou de uma ação invisível do Espírito Santo, a qual assume a forma de um fato sensível.

Não é raro encontrar na Sagrada Escritura o anúncio de algumas horas surpreendentes, como estas. Leiamos novamente uma citação muito conhecida de um oráculo destes, que todos têm presente, porque, tendo sido pronunciado pelo profeta Joel no Antigo Testamento, ecoa no Novo, para confirmar, no inspirado discurso de Pedro, o mistério do Pentecostes: "Depois disso, acontecerá que derramarei o meu Espírito sobre todo o ser vivo: os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; os vossos anciãos terão sonhos e os vossos jovens terão visões" (Jl 3, 1; At 2, 17-18).

Ora, pensamos que o Ano Santo pode ser, nos designios de Deus, uma hora de graça para as almas, para a Igreja e para o mundo. Pode ser. É uma hipótese, um voto, uma esperança, cuja realização, exatamente por causa do seu caráter sobrenatural, foge à nossa causalidade. É o Senhor que deve ser o seu artífice (*Alocução na audiência geral de 26 de setembro de 1973*).

b) "TEMPUS ACCEPTABILE"

O Ano Santo, que através dos séculos vem inscrever-se no decurso da história espiritual de Roma e do mundo, com os seus anúncios, com as suas práticas de religião, de penitência e de piedade, impõe-nos um primeiro esforço de compreensão do sulco dentro do qual se desenrola a nossa existência: o tempo.

Fala-se de *tempus acceptabile*, como já tem acontecido outras vezes na pedagogia litúrgica. Há tempos propícios, momentos felizes, períodos mais idôneos do que outros para realizar a nossa personalidade e o próprio fim com que nos é dada a vida. O Ano Santo é um destes momentos felizes, um momento em que se mede o que vale para nós a religião, o que vale para nós a fé, o que vale para nós ser cristão. É um momento em que refletimos sobre o conhecimento já adquirido de sermos cristãos, batizados; de sermos católicos, perguntando-nos que profundidade, que influência esta nossa qualificação cristã tem na realidade da nossa vida, quer no átimo fugaz, o momento presente, quer no decurso deste tempo que nos faz viver, que nos devora e que nos conduz para o nosso destino. O Ano Santo é o momento em que somos chamados a decidir aquilo que queremos ser,

a autodefinir-nos, a dizermos a nós mesmos o que somos, não no estado civil, mas existencialmente.

Tudo isto é muito difícil e, por conseguinte, exige uma preparação, uma antecipação, uma introdução: o Ano Santo diocesano a que neste momento se dá início. Ele leva-nos a aproximarmo-nos deste processo de pensamento espiritual, filosófico, existencial e social com um pouco de clareza na alma e com algum propósito determinado e determinante. (...).

“Chegou o momento propício e eu estou aqui esta tarde para vos dizer, filhos da Igreja, filhos deste tempo: “Olhai que se aproxima um período, um momento verdadeiramente favorável. E, talvez, o momento decisivo para a nossa sorte pessoal e a nossa sorte eterna, um momento de suma responsabilidade e de suma felicidade, se o soubermos acolher, de suma infelicidade se, por acaso, passar inobservado ou se nos fecharmos ao seu chamamento (*Alocução de 10 de novembro na inauguração das celebrações jubilares de Roma*).

c) ANO SANTO É CONVERSÃO DO CORAÇÃO

A característica deste Ano Santo deveria ser a seriedade da sua celebração, quer individual quer coletiva; seriedade que é tanto mais requerida, quanto mais superficial é o desenrolar habitual, nos nossos dias, da comum experiência da nossa vida, em consequência da qual se nota esta tendência: tudo é fácil, tudo é momentâneo, tudo é exterior. É uma psicologia cinematográfica.

Nós, porém, procuramos chegar a momentos fortes, constantes e interiores, do nosso espírito. Existe uma palavra muito comum, que exprime bem esta nossa aspiração programática: queremos chegar ao *coração*.

E o coração o que é? A nossa pergunta é formulada para o campo religioso e moral, que se estende ao campo psicológico e ideal. Qual é o significado deste termo tão usado?

Somos tentados a fazer nossa a definição de Santo Agostinho, que faz coincidir o sentido da palavra *coração* com o EU: “...*cor meum, ubi ego sum quicumque sum*”: “o meu coração está onde eu sou aquilo que sou” (*Confissões*, 3).

E sentimo-nos, então, impellido pela linguagem bíblica a escolher este sentido denso, que indica a personalidade sentimental, intelectual e, sobretudo, operativa, do homem, dado ser uma linguagem que

prescinde do significado puramente filosófico deste órgão, para indicar o que é vivo, genético, operante, moral, responsável e espiritual, no homem.

Deus olha o coração

O coração é a cela interior da psicologia humana. É a fonte dos instintos, dos pensamentos e, sobretudo, da ação do homem. Numa palavra, do que é bem e do que é mal. Recordemos a frase do divino Mestre: "... é do coração que provêm os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as impurezas, os furtos, os falsos testemunhos, as blasfêmias. E são essas coisas que contaminam o homem" (Mt 15, 19-20).

Que triste introspecção! E o que a torna grave é a frase bíblica que nos admoesta: os olhos de Deus vêem em transparência o nosso coração, este secreto esconderijo da nossa realidade moral. Com efeito, a Sagrada Escritura diz: "o homem vê as aparências, mas o Senhor penetra o coração" (1 Sam 16,7). Ele lê as nossas intenções

Poderíamos aduzir muitas outras citações insistentes sobre a penetração do olhar perscrutador de Deus no íntimo mais hermético dos nossos corações. Mas, agora, preme-nos observar como nesta interioridade, aberta de par em par, se pronuncia o juízo de Deus sobre nós. Cristo não mostra indulgência alguma para com a hipocrisia, a falsa virtude, a justiça formal e mentirosa. O Evangelho está cheio de expressões intolerantes do Senhor para com a pseudo-observância da religião, dissociada da verdade do bem e da sinceridade do amor. Deveríamos reler o capítulo 23 de São Mateus, para medirmos novamente a força das inventivas de Cristo contra as astutas simulações de dois grupos sociais, o dos fariseus e o dos escribas daquele tempo, emblema para todos os tempos, a fim de tremermos perante a exigência fundamental da verdadeira relação com Deus, a sinceridade do coração, expressa pela identificação efetiva do pensamento, da palavra e da ação. Por conseguinte, devemos voltar ao estudo daquela palavra, que já entrou no uso corrente, a *metánoia*, que significa conversão interior, mudança do coração, de que falamos noutra oportunidade.

Onde está a ecologia humana?

Não podemos esconder a nossa dolorosa estranheza perante a indulgência e, mais ainda, a publicidade e a propaganda, hoje tão

ignobilmente difundidas, daquilo que perturba e contamina os espíritos; perante a pornografia, os espetáculos imorais e as exhibições licenciosas. Onde está a *ecologia* humana?

Para celebrar bem o Ano Santo, impõe-se um trabalho em nível mais profundo e mais cioso da nossa psicologia moral. Devemos ser bons e corajosos, para levarmos a renovação e a pacificação até ao centro da nossa consciência pessoal (*Da alocução na audiência geral de 7 de novembro de 1973*).

d) ANO SANTO É RECONCILIAÇÃO COM DEUS

O Ano Santo tende, antes de tudo, a reconciliar os homens com Deus, a começar por nós, que temos fé, e, depois, a conduzir o maior número possível de homens a este encontro salvífico e beatificante.

Será proveitoso aos nossos espíritos ter presente um texto sintético e incisivo de São Paulo: "Se alguém está em Cristo, é uma nova criação: passou o que era velho; eis que tudo se fez novo. Tudo isto vem de Deus, que por meio de Cristo nos reconciliou consigo e nos confiou o ministério da reconciliação. Porque era Deus que reconciliava consigo o mundo, em Cristo, não lhe levando mais em conta os pecados dos homens e pondo nos nossos lábios a mensagem da reconciliação. Somos, por conseguinte, embaixadores de Cristo, e é Deus que vos exorta por nosso intermédio. Suplicamo-vos, pois, em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus" (2 Cor 5, 17-20).

Nestas palavras, cujo conceito se repete noutras semelhantes do Apóstolo (*cfr. Rom 5,10*), está subentendida toda a síntese doutrinal da redenção e da salvação.

Noutros termos, a nossa existência humana nasce, vive, decorre e termina, no âmbito de uma relação existencial e moral com Deus. Aqui está toda a sabedoria da vida; aqui está a filosofia da verdade; aqui está a teologia do nosso destino.

Nascemos criaturas de Deus; dependemos ontologicamente d'Ele; e, queiramos ou não, somos responsáveis perante Ele. Fomos criados assim. Inteligência, vontade, liberdade, coração, amor e dor, tempo e trabalho, relações humanas e relações sociais, numa palavra, a vida, têm uma derivação determinada diversamente e uma finalidade, também diversamente definida, em relação a Deus.

Certamente esta *Weltanschauung*, esta concepção do mundo, é hoje muito discutida. Não se quer admitir a existência de Deus; prefere-se violentar a própria razão com o aforismo absurdo da “morte de Deus”, em vez de se formar a própria mente para a procura e para a experiência da luz divina. O ateísmo parece triunfar. A religião já não tem razão de ser? O pecado não existe?... Já estamos saturados destas ideologias. Mas por graça de Deus, estamos sempre convencido de que Deus existe, como o sol; que tudo nos vem d’Ele e que tudo vai de nós para Ele. E vós, que nos ouvís, filhos sábios e crentes, estais, com certeza, igualmente convencidos disto, como nós.

A reconciliação é possível

Compreendemos, então quanto é urgente, atual e estratégico o advento deste Ano Santo, que, nos deve confirmar, dentro e fora de nós na existência soberana de Deus e também na economia de Deus, isto é, no desígnio — que é um desígnio de Amor infinito — por Ele estabelecido, para fazer de nós discípulos atentos, servidores fiéis e, sobretudo, filhos felizes. Todos sentimos, uns de um modo, outros de outro, que a nossa correspondência a este desígnio, a este plano de relações naturais e sobrenaturais foi e será sempre imperfeita. Talvez tenha sido hostil e infiel. Sentimo-nos pecadores. Aqui, abre-se diante de nós outra página imensa, desta vez dramática, dolorosa e humilhante: a do nosso pecado. Cortamos as relações, necessárias e vitais, que nos ligavam a Deus. Jamais igualamos, com a integridade da nossa resposta é com a totalidade do nosso amor, o Amor que Deus nos oferece. Somos ingratos, somos devedores. Aliás, estaríamos perdidos, se Cristo não tivesse vindo para nos salvar. E então? Então verifica-se a nossa premente necessidade de nos reconciliarmos com Deus: “*reconciliamini Deo*”!

É esta a surpreendente felicidade: a reconciliação é possível! É este o anúncio que o Ano Santo faz ressoar no mundo e na consciência: é possível! Oxalá este anúncio chegue ao mais íntimo dos nossos corações! (*Alocução na audiência geral de 31 de outubro de 1973*).

|

e) ANO SANTO É RECONCILIAÇÃO COM OS IRMÃOS

Reconciliação. Que significa? A quem e a que se refere?

Notamos, antes de mais, que ela supõe uma ruptura que devemos remediar e reparar. Supõe uma desordem, um contraste, uma inimizade.

de, uma separação, uma solidão, uma interrupção na harmonia de um desígnio que exige uma integridade, uma perfeição que corrija e supere o nosso isoladamente egoísta, instaurando, em nós e à nossa volta, uma circulação de amor.

Temos consciência desta necessidade de reconciliação? Este ponto é importante. Representa uma grande novidade na consciência humana. Primeiramente, na consciência do homem em relação a si mesmo. Com efeito, não é talvez, mais homem, verdadeiramente homem, quem, tendo consciência de si próprio, adverte não só a força tirânica do seu egoísmo, mas também a limitação da própria existência, a condição, em que se encontra, de separação, de isolamento, de insuficiência?

Depois, na consciência social. A necessidade, que temos, dos outros está inscrita no nosso próprio ser: ninguém se basta a si mesmo. Como pensa cada um de nós integrar-se na relação com os outros? Na luta ou na ordem?

Por fim, especialmente na consciência religiosa. Esta encontra-se no vértice do conhecimento da nossa posição no mundo do ser e no relativo destino que nos é reservado. Reflitamos profundamente e compreendamos que temos necessidade de reconciliação nestes três setores: no individual, no social e no religioso.

Não estamos, por nós mesmos, cercados de uma ordem perfeita. Fere-nos, de todos os lados, o agulhão de uma deficiência, de uma repreensão, de um remorso, de um perigo. Uma análise psicológica levar-nos-ia longe. Detenhamo-nos, por ora, na consideração, embora breve, dos três aspectos — dos três setores, como dissemos antes — denunciados pela nossa consciência, que necessitam de reconciliação.

A lei do amor

O primeiro é o da nossa inquietude interior, pelo fato de nos sentirmos viver e, ao mesmo tempo, desfalecer, insuficientes a nós mesmos, chelos de energia e também de deficiências, atormentados pelo nosso egoísmo insaciável, o que prova o nosso direito a viver e, ao mesmo tempo, a nossa pobreza subjetiva. Onde e como encontrar a pacificação, a integração, o equilíbrio, a plenitude da nossa personalidade? A resposta é imediata: o amor é a nossa paz interior. O problema muda, então, de direção: que amor? Mas não vamos responder agora a esta pergunta. Diremos somente que, para sermos

felizes, devemos aprender *a arte de amar*. Trata-se de uma arte de que a própria natureza é mestra, quando é ouvida com atenção e interpretada segundo a grande e soberana lei do amor, aquela que Jesus Cristo nos ensinou: ama a Deus e ama o próximo, com as aplicações austeras e vitais que esta lei comporta.

Se aprendêssemos realmente a amar como se deve, a nossa vida pessoal e, conseqüentemente, a vida coletiva, não se transformariam, porventura, em paz e em felicidade?

O Ano Santo deverá incluir nos seus programas também este parágrafo capital: o amor, a restauração do amor, do amor verdadeiro, do amor puro, do amor forte, do amor cristão.

Nossa originalidade: nós acreditamos na paz

E que diremos sobre a reconciliação social? É um capítulo de inumeráveis páginas. Diremos apenas que a reconciliação, isto é, a paz, se torna uma necessidade cada dia mais premente, mais urgente. Depois da última guerra mundial não supúnhamos, nós todos, que a paz já tinha sido finalmente conseguida? O mundo não envidou esforços verdadeiramente grandiosos para incluir constitucionalmente a paz no desenvolvimento da civilização e para tornar os povos seguros em relação a si mesmos, e irmãos em relação aos outros? Mas a experiência atroz e pavorosa destes anos relembra-nos uma triste realidade: a guerra é, ainda, sempre possível. A produção e o comércio das armas mostram-nos até, que ela é mais fácil e mais desastrosa do que antes. Vivemos, também hoje, um episódio bélico doloroso, uma guerra que não é única. Sentimo-nos humilhados e atemorizados. É possível que este mal da humanidade seja incurável? Respondamos: não! Cristo, nossa paz (cfr. Ef 2,14), torna possível o impossível (cfr. Lc 18, 27). Se seguirmos o seu Evangelho, o contúbio entre a justiça e a paz pode realizar-se. É claro que não deve cristalizar-se na imobilidade de uma história que está em contínua evolução. Este conteúdo pode existir, pode regenerar-se. É precisamente o que propomos ao estudo do Ano Santo: a reconciliação, em todos os níveis, da vida familiar, comunitária, nacional, eclesial, ecumênica, e também social.

E esta é precisamente a nossa originalidade: cremos que a escatologia política, a parusia moral, que descrevemos, é um dever cristão, qualquer que seja, na contingência histórica, o grau da sua aplicação efetiva. O amor, a justiça, a paz, são ideais vivos e nobres,

são fontes de uma energia social que não devemos ir buscar no ódio e na luta, a fim de tendermos para aquela pacificação concreta que realize, com sabedoria e bondade, a frase de Cristo: “*Todos vós sois irmãos*” (Mt 23, 8).

A pacificação religiosa

Uma referência, ainda, a outra tarefa imensa, própria do Ano Santo. Ele deverá, sem dúvida, dar a sua preferência à terceira pacificação, a religiosa, que, de fato, ocupa o primeiro lugar e que consiste no restabelecimento para cada um de nós, para a Igreja inteira, e, se Deus quiser, para o mundo, da relação de verdade e de graça com o Pai celeste. Restabelecer a paz entre nós e Deus, na experiência meditada e vivida da palavra incomparável “reconciliação”, tão cara a São Paulo, é o primeiro objetivo, o objetivo que não pode faltar, do Ano Santo. Mas ela exige uma referência à parte e, por isso, contentamo-nos de a confiar à vossa memória, desde já, para o próximo Ano Santo: reconciliação com Deus (cfr. 2 Cor 5, 20) (*Alocução na audiência geral de 17 de outubro de 1973*).

f) ANO SANTO É RECONCILIAÇÃO NA IGREJA

Existe um ponto que interessa, de modo particular, o nosso espírito pastoral e apostólico: o da reconciliação na Igreja, com os filhos da Igreja, os quais, sem declararem uma ruptura canônica, oficial, com a mesma Igreja, se encontram, todavia, num estado anormal em relação a ela; querem permanecer em comunhão com a Igreja — e queira Deus que de fato seja assim —, mas com uma atitude crítica, de contestação, de livre exame e de polêmica mais livre. Alguns defendem esta posição ambígua com raciocínios em si plausíveis, isto é, com a intenção de corrigir alguns aspectos humanos deploráveis ou discutíveis da Igreja, ou também, de contribuir para o progresso da cultura e da espiritualidade da Igreja, ou ainda, de fazer com que ela acompanhe as transformações dos tempos; mas arrogam-se estas funções com tanta arbitrariedade e com tanto radicalismo que, talvez sem darem por isso, ofendem e até interrompem aquela comunhão, não só “institucional”, mas também espiritual, à qual querem permanecer unidos; cortam, eles próprios, o ramo da planta vital que os sustentava, e, depois, reparando no estrago causado, apelam para o pluralismo das interpretações teológicas (que, salvo a adesão

essencial e autêntica à fé da Igreja, deveria ser não só permitido, mas também favorecido); sem notar que constroem, deste modo, doutrinas próprias, de cômoda e de equívoca aderência, quando não são até contrárias à norma e à objetividade da própria fé.

Este fenômeno, que se difunde como uma epidemia nas esferas culturais da nossa comunhão eclesial, causa-nos profunda mágoa, que só pode ser aliviada por um sentimento de maior caridade para com aqueles que o provocam. Esta mágoa aumenta quando observamos a grande facilidade com que se formam certos grupos, que se apresentam como religiosos e espirituais, mas que são isolados e autocéfalos, e que, muitas vezes, para se afirmarem como iniciados numa concepção mais interior e mais primorosa do cristianismo, se tornam facilmente anticlericais, e deslizam, quase por uma gravitação inconsciente, para expressões sociológicas e políticas, nas quais, infelizmente, se substitui o espírito religioso pelo espírito humanista, e que humanismo! Que devemos fazer para reconquistar estes filhos que enveredam por tão perigosos caminhos? Que devemos fazer para restabelecer com eles uma relação de jovial e concorde comunhão?

A pedagogia amorosa da Igreja

Gostaríamos que este período de reflexão e de fervor, para o qual nos preparamos, pudesse produzir este efeito e atingir este objetivo: um aumento do autêntico "*sensus Ecclesiae*".

Filhos e Irmãos, amigos que estais longe e perto, homens, todos: que esta hora de reflexão, de arrependimento e de lucidez possa ser para nós uma escola do mistério e da realidade da Igreja de Cristo: revelação de Deus-Amor, salvação para a humanidade (*cfr. Ef. 1*) (*Alocução na audiência geral de 28 de novembro de 1973*).

VIII. NECROLÓGIO

Coad. Amadeu Aigner

* em Grassau (Alemanha) aos 25-3-1885, † em Schwandorf (Alemanha) aos 21-8-1973, com 89 anos de idade, 44 de profissão.

Marceneiro qualificado, muito dotado de qualidades artísticas, com 43 anos ouviu o chamado para entrar nas fileiras de Dom Bosco, e escreveu no pedido de admissão: "Parece-me que esta Congregação tem ainda uma portinha aberta para mim... de maneira que eu possa servir a Deus, com as minhas fracas energias, durante o resto de minha vida, para o bem de minha alma e das almas dos outros". Seu desejo foi plenamente realizado. No seu novo campo de trabalho teve oportunidade de fazer frutificar sua experiência profissional e suas belas qualidades. Era o irmão coadjutor mais velho de língua alemã, e o seu pedido de admissão fica como seu "Testamento Espiritual".

P. Jorge Arend

* em Burg-Gallernreuth/Ofr. (Alemanha) aos 23-1-1906, † em Kitzbuhel (Tirol-Austria) aos 23-9-1973 com 67 anos, 17 de profissão e 38 de sacerdócio.

Salesiano sempre alegre, distinguia-se pelo amor especial pela música. Em diversas casas fundou bandas juvenis e com elas obteve grandes sucessos. Pela sua bondade e alegria era benquisto pelos jovens, Ex-Alunos, Cooperadores. Era lembrado e estimado também por tantos soldados dos quais fora capelão durante a segunda guerra mundial.

Coad. Clemente Benzi

* em Ponzone (Alexandria-Itália) aos 12-11-1893, † em Turis-Oratório aos 29-8-1973, com 79 anos e 62 de profissão.

Amadeceu progressivamente e com tenácia a sua vocação salesiana, que viveu com muita fidelidade. Durante 25 anos foi professor em diversas casas salesianas, depois em Valdoco foi contador exato, metódico e pontual. Finalmente fez da oração e do sofrimento a coroa de sua consagração.

Coad. Santo Borboni

* em Roma (Itália) a 1-11-1906, † em Roma-Borgo Ragazzi Dom Bosco, aos 8-9-1973, com 66 anos, 42 de profissão.

Órfão de pai e mãe aos seis anos, passou uma infância sofrida, em diversos colégios de Roma. Tornou-se salesiano depois do serviço militar. Desempenhou em diversas casas da inspetoria cargos humildes com docilidade exemplar. Gentil e jeitoso, serviu os bispos salesianos — Dom Munerati, e Dom Rotolo. Era fiel a seus deveres, delicado, jovial e sereno.

Dom Vladimiro Boric

* em Punta Arenas (Chile) aos 23-4-1905, † em Santiago (Chile), aos 29-8-1973 com 68 anos, 51 de profissão, 43 de sacerdócio. Foi diretor por 6 anos e por 24 Bispo de Punta Arenas.

A Igreja do Chile perdeu, com a morte de Dom Vladimiro, um pastor zeloso, que soube renovar a diocese de Punta Arenas com realismo e sem tensões. Havia estabelecido o diaconato permanente, os cursos de aprofundamento teológico para leigos, a cataquese renovada, comunidades de base. Sua ação foi sempre marcada pelo espírito salesiano. Pedagogo perspicaz e sutil, conhecedor profundo da alma humana, apaixonado cultor do teatro e da imprensa, organizou uma eficaz estação radiofônica; fundou e dirigiu por vários anos “El amigo de la Familia”, semanário informativo diocesano. Verdadeiro missionário, soube evangelizar civilizando, e civilizar evangelizando a sua diocese (“a mais austral do mundo” como gostava de repetir). Durante o Concílio levou para Roma um pouco de trigo da primeira colheita amadurecida em Punta Arenas, e serviu para preparar partículas para a última Missa do Concílio Vaticano II.

P. Filipe Brady

* em Larah (Cavan-Eire) aos 22-3-1919, † em Dufermline (Escócia) aos 21-8-1973, com 54 anos, 35 de profissão e 25 de sacerdócio.

Irmão exemplar, morreu improvisamente quando estava passando alguns dias de férias na Escócia. Temperamento um tanto tímido, no começo se dedicou ao magistério, depois consagrou, com dedicação e simplicidade os últimos anos no noviciado de diversas comunidades

femininas de Londres. Deixou boa impressão de fidelidade e santidade e o grande número de salesianos e irmãos presentes à Missa fúnebre é suficiente para dizer da estima e reconhecimento de tantas pessoas por este bom sacerdote.

Coad. Francisco Brioschi

* em Ornago (Milão-Itália) aos 2-11-1900, † em Bagnolo (Curneo-Itália) aos 2-5-1973 com 72 anos e 40 de profissão.

Entrou na Congregação já com 30 anos e depois do noviciado partiu para a Patagônia. Por mais de 20 anos foi enfermeiro hábil e atencioso, e adido ao economato. Em 1955, adoeceu e voltou para Turim e foi designado para introdutor ao escritório do Reitor-Mor. No começo com o P. Ziggiotti e depois com o P. Ricceri. Foi humilde e paciente guarda do Superior. Com o progresso inexorável do mal retirou-se para Bagnolo, onde se preparou para a última chamada, aceitando o sofrimento com profundo espírito de fé e de oração.

Coad. Ramón Capra

* em Tortosa (Terragona-Espanha) aos 24-8-1884, † em General Pirán (Argentina), aos 23-8-1973, com 89 anos e 67 de profissão.

Levado por Dom Fagnano a Punta Arenas em 1910, passou 38 anos na Patagônia como mestre marceneiro e mestre de banda, mas, sobretudo, como assistente salesiano. Esta palavra sintetiza bem toda a sua vida, porque ele foi realmente uma “presença-que-educa”. Educou com seu trabalho e com o seu ensinamento. Mas sobretudo educou com o seu exemplo de religioso-salesiano completo.

P. Miguel Cardell

* em Ciudadela (Baleares-Espanha) aos 22-2-1905, † em Barcelona (Espanha) aos 24-9-1973 com 68 anos, 51 de profissão e 41 de sacerdócio.

Trabalhou a maior parte de sua vida salesiana, 31 anos, no colégio São João Bosco de Barcelona, onde inesperadamente, passou para a casa do Pai, vítima de um ataque cardíaco. Foi estimado por todos pelo seu senso de responsabilidade e por sua dedicação à missão juvenil. Era todo voltado para o ministério das confissões, a escola, o trabalho de Secretaria, até que as forças lho consentiram. Morreu como viveu: silenciosamente.

P. Luiz Chessa

* em Osilo (Sassari-Itália) aos 18-12-1913, † em Brescia (Itália) aos 2-8-1973 com 59 anos, 40 de profissão e 31 de sacerdócio.

As casas que desfrutaram suas primícias sacerdotais foram Gaeta, Penango e Ivrea. Dotado de vasta cultura, sensível às misérias humanas, entusiasta por tudo aquilo que a vida tem de belo e de bonito, estava preparando para assumir responsabilidades maiores. Mas o Senhor quis prová-lo de maneira diferente: sua mente ficou perturbada e o quarto de um hospital tornou-se o seu altar. A agonia e vigília do Getsêmani prolongou-se para ele até o fim de seus dias. Ciente de sua situação, escrevia ao P. Inspetor: “Também neste estado me sinto feliz”. Para os que estão desiludidos e desencorajados, o P. Chessa se apresenta como sinal inabalável de grande certeza.

Coad. Carlos Danni

* em São Grato-Villanova-Mondovi (Cuneo-Itália), aos 12-10-1910, † em Quito (Equador) aos 3-11-1973 com 57 anos e 39 de profissão.

Distinguiu-se sempre por sua piedade eucarística e marial, amor ao trabalho e profunda salesianidade. Dirigiu durante muitos anos a livraria de Quito, e preocupado como Dom Bosco, com os meninos pobres, dedicou seu apostolado ao Oratório da cidade. Quando percebeu que estava chegando o fim, ofereceu sua vida pelos aspirantes e pelas vocações.

P. Bruno Dehlert

* em Stabigotten (Ostpreussen-Alemanha) aos 12-10-1910, † em Waldwinkel (Alemanha), aos 26-4-1972, com 61 anos, 39 de profissão e 31 de sacerdócio.

A “primeira Missa” de um seu tio sacerdote salesiano foi para ele, adolescente de 12 anos de idade, a ocasião para decidir tornar-se salesiano-sacerdote. Depois do noviciado foi para as missões do Perú. Voltou à Itália para o estudo da Teologia. Durante a guerra mundial serviu o exército e foi feito prisioneiro na África. Em 1946 obteve permissão para visitar sua velha genitora na Prússia Oriental, mas teve depois que permanecer nos países orientais. Assim passou 12 anos de seu sacerdócio na Polônia. Em 1958 pode voltar às missões e foi enviado para a Bolívia, onde estava seu irmão. Um enfarte,

em 1970 obrigou-o a voltar novamente para a sua pátria. P. Dehlert cativava a simpatia e o amor dos jovens com a sua atitude tranquila e o seu equilíbrio, assim como pelo conhecimento de línguas e seus dotes de educador.

P. Cesar Del Grosso

* em Grignano Sésia (Novara-Itália) aos 5-5-1907, † no Rio de Janeiro (Brasil) aos 29-8-1973, com 66 anos, 44 de profissão e 35 de sacerdócio.

Deu testemunho autêntico de sua vocação salesiana, sacerdotal e de professor em diversos colégios da Inspetoria de Manaus, Recife e Belo Horizonte. Foi o primeiro a trabalhar na “Favela do Morro de Jacarezinho” na cidade do Rio de Janeiro, onde se prodigalizou em bem no meio de incalculáveis dificuldades.

P. Alfredo de Crosta

* em Cerreto Sannita (Benevento-Itália) aos 11-1-1904, † em Faldio (Suíça) aos 15-8-1973 com 69 anos de profissão, 44 de sacerdote. Foi Diretor por 3 anos.

Órfão de pais desde criança, entrou no seminário e de lá passou para o nosso aspirantado de Genzano. Atraía-o o ideal missionário. Esteve no Oriente Médio onde se ordenou sacerdote e durante trinta anos desenvolveu fecundo apostolado em diversas casas daquela Inspetoria. Nos últimos anos trabalhou em diversas paróquias no Bairro Dom Bosco de Cinecittá de Roma. Seu ânimo era aberto, sincero, dinâmico, pronto para o sacrifício, zeloso e discreto.

Coad. Paulo Doldi

* em Ombiano (Cremona-Itália) aos 4-9-1904, † em Roma, São Calisto aos 22-10-1973 com 69 anos e 41 de profissão.

Passou parte de sua vida religiosa como missionário na China, e parte nas Catacumbas de São Calisto, em Roma. Foi exemplar em sua vida de consagração e pela sua laboriosidade. Nele a graça supriu a modesta cultura, razão pela qual alcançava sucesso também nas incumbências que pareciam superiores à sua capacidade.

Coad. Tiago Ferrari

* em Milão (Itália) aos 22-7-1908, † em Tokyo (Japão) aos 3-8-1973, com 65 anos e 38 de profissão.

Passou sua vida salesiana no Japão. Procurou ser útil sobretudo com seu ofício de decorador, do qual restam muitas lembranças. Não pôde realizar seu sonho: chegar ao sacerdócio, e carregou esse sentimento no coração até a sepultura. Mas se sentiu plenamente missionário também como irmão coadjutor e no contato com o povo (especialmente com os jovens); soube comunicar com eficiência a mensagem de Cristo. Seu desejo secreto e sofrido fecundou todos os instantes de sua vida; foi uma vida oferecida para a realização do Reino de Deus nestas regiões distantes.

P. José Ferrero

* em Turim (Itália) aos 13-2-1911, † em Chieri (Turim-Itália) a 1-11-1973, com 62 anos, 45 de profissão e 37 de sacerdócio. Foi Diretor por 18 anos.

Gostou sempre do Oratório, mesmo quando lecionava teologia em Chieri e a ele dedicou todas as suas energias de inteligência e de coração. Compreendera a extensão dos problemas dos jovens que vivem em bairros populares. Para todo lugar levava bondade, compreensão, e a jovialidade do clima do oratório salesiano. Também como diretor, antes de aprovar uma idéia, desejava dizer “sim” à caridade. De volta do cemitério um jovem pedia ao P. Inspetor: “Mande-nos outro diretor tão bom como este”.

P. Pedro Garnero

* em El Trebol (Santa Fé-Argentina) aos 21-1-1909, † em Campinas (Brasil) aos 31-5-1973 com 64 anos, 47 de profissão, 39 de sacerdócio. Foi Diretor por 9 anos, por 16 Inspetor e por 6 membro do Conselho Superior.

Sua jornada de homem de fé, de salesiano e verdadeiro devoto de Maria chegou ao fim de maneira significativa na festa da Visitação de Maria. Em sua vida salesiana, sempre cheio de entusiasmo, levou os jovens a amar o Senhor. Desde os primeiros anos de sacerdócio foram-lhe confiadas grandes responsabilidades: foi mestre de noviços, diretor, Inspetor e em seguida membro do Conselho Superior.

Impressionava o seu trato gentil e sua extraordinária bondade, expressão externa de sua piedade vivíssima. Muitos religiosos devem a perseverança na vocação à sua compreensão humana e sobrenatural, que endereçava com confiança total a Maria Auxiliadora e a Dom Bosco. O P. Garnerio foi sempre o homem da coerência salesiana vivida nos acontecimentos do dia-a-dia, que tornava crível a salesianidade e criava em torno de si uma grande estima e confiança.

P. Vitório Grusovin

* em Gorizia (Itália) aos 13-6-1903, † em Genova (Itália) aos 5-7-1973 com 70 anos, 54 de profissão e 45 de sacerdócio.

Inteligente e bom, consagrou a sua vida ao magistério e à educação dos jovens dentro do programa de Dom Bosco. Foi pároco zeloso, adotando uma pastoral moderna e prudente. Exercia seu apostolado também nos trens dos doentes que se dirigiam a Lourdes. Trabalhador incansável, embora com pouca saúde, com seu temperamento vivaz e sua dialética aguda saía-se bem tanto na cátedra como nas conferências e homilias. Perito em liturgia e música sacra, assim como em legislação escolar, era homem de conselho seguro. Seus alunos visitavam-no com frequência, também depois de muitos anos.

P. José Geder

* em Rogaservci (Eslovênia-Jugoslávia) aos 17-2-1901, † em Hong-Kong aos 10-11-1973 com 71 anos, 52 de profissão, 43 de sacerdócio. Foi Diretor por 11 anos.

Sua longa vida missionária gastou-a na China. Tendo chegado a Hong-Kong aos 3 de dezembro de 1929, lá teve que ficar mais do que esperava. Por isso não pôde acompanhar Dom Versiglia que o substituiu pelo P. Caravario. Esse contratempo fez com que ele não estivesse ao lado do Bispo mártir, no dia 25 de fevereiro de 1930, tão tragicamente glorioso. Em compensação, o Senhor lhe ofereceu um martírio lento, num trabalho de muitos anos no meio de grandes dificuldades: os bandidos, a guerra com o Japão, o sucessivo regime comunista. Fez-se realmente “omnia omnibus”, em toda espécie de trabalho; do empenho apostólico aos consertos de relógios, torneiras e cadeados. Muito teve que sofrer especialmente nos últimos anos até que o Senhor o chamou.

P. Luis Grimaldos

* em Cerinza (Boyaca-Colômbia) aos 18-2-1894, † em Aguas de Dios (Colômbia) a 1-6-1971, com 77 anos, 45 de profissão e 41 de sacerdócio.

Muitas casas e muitíssimos jovens se beneficiaram de seu incansável labor de sacerdote e de professor. Por toda parte deixou a marca de sua bondade, do otimismo, do espírito religioso e do amor à congregação. Nos últimos anos de sua vida, dedicou seus cuidados sacerdotais aos portadores do mal de Hansen, e apesar de sua grave enfermidade, nunca deixou de celebrar o santo sacrifício. O chamado do Pai o encontrou preparado no leprosário de Água de Dios.

Cl. João Korelc

* em Novo Mesto (Eslovênia-Jugoslávia) aos 14-3-1954, † em Zelimlje (Jugoslávia) aos 19-8-1973 com 19 anos e 1 de profissão.

O Senhor o chamou na flor dos anos, improvisamente mas não despreparado. Uma semana antes havia renovado seus votos confirmando assim o apego a Dom Bosco e à Congregação.

P. Temistocles La Leta

* em Ragusa Ibla (Siracusa-Itália) aos 2-2-1881, † em Beirut (Líbano) aos 30-9-1973, com 92 anos, 70 de profissão, 60 de sacerdócio. Foi Diretor por 23 anos.

Foi conselheiro escolar e diretor, apreciado pelas autoridades religiosas e civis, e benquisto pelos jovens; mesmo com idade avançada, foi constante na sua obra de assistente e confessor. Soube viver a regra com fidelidade até o fim e sofria quando sabia que não era praticada. De piedade simples apagou-se serenamente com o nome de Maria nos lábios.

P. José Malec

* em Miedziana Góra (Polônia) aos 27-10-1919, † em Lublin (Polônia) aos 31-8-1973 com 53 anos, 27 de profissão e 21 de sacerdócio.

Nos seus 27 anos de profissão e 21 de sacerdócio, foi salesiano e sacerdote exemplar para todos. Sua grave e dolorosa doença pôs em relevo estas qualidades.

P. Jesus Marcellán

* em Peralta de Alcofea (Huesca-Espanha) a 1-1-1899, † em Salamanca (Espanha) aos 18-7-1973 com 74 anos, 56 de profissão e 47 de sacerdócio. Foi Diretor por 13 anos.

Foram suas características a piedade, a ordem, a pontualidade. Pregou muitos retiros espirituais e recolhimentos e dedicou-se muito ao ministério das confissões. Foi ecônomo inspetorial por 18 anos muito difíceis, durante os quais foram construídos os seminários de Arévalo e Guadalajara, e o Instituto Teológico de Salamanca. Nos últimos anos teve de deixar todas as atividades devido à apoplexia, cujas conseqüências ele suportou com paciência até que o Senhor o chamou.

P. José Marchisio

* em Monta d'Alba (Cúneo-Itália) aos 18-10-1920, † em Roma aos 18-5-1973 com 52 anos, 35 de profissão e 25 de sacerdócio. Foi Diretor por 11 anos.

Faleceu quase às vésperas dos 25 anos de sacerdócio. Foi secretário do Catequista Geral de Turim, em seguida teve cargos de responsabilidades nas casas de formação de Monteortone, Castellammare, Bollenigo, Crocetta e finalmente em Roma-Testaccio. Sempre manifestou bondade de coração, inteligência aguda, prontidão nas deliberações, esforço renovador em adesão ao Concílio e na fidelidade a Dom Bosco, generosidade incansável no trabalho. Tudo isso colocado sobre uma base humana que o tornava amável apesar de seu temperamento reservado. Acolheu a morte prematura com sereno e confiante abandono em Deus.

P. Afonso Martin

* Em Allendorf (Alemanha) aos 29-9-1903, † em Colônia (Alemanha) aos 21-7-1973, com 69 anos 46 de profissão e 39 de sacerdócio. Foi Diretor por 16 anos e por 6 Inspetor.

Membro do Conselho da Diocese de Fulda, era conhecido por seu bom humor de estilo estritamente cristão, muito apreciado nas comunidades em que viveu. Até mesmo no XIX Capítulo Geral seu humorismo colaborou para superar situações delicadas. Sentiu e viveu com responsabilidade as tragédias da guerra mundial, assim como os problemas e as ansiedades da Igreja e da Congregação e sempre com grande confiança em Deus e em Maria Auxiliadora. Durante os perí-

gos bombardeios aéreos, rezava todas as noites o santo terço com os seus paroquianos. Nos últimos dois anos permaneceu na sede inspetorial e deu a todos o exemplo de verdadeiro filho de Dom Bosco com seu amor à comunidade e à oração, e com seu espírito permanentemente jovem.

P. Luís Matteuzzi

* em Grantorto (Padua-Itália) aos 16-12-1915, † em Bogotá (Colômbia) aos 6-7-1971, com 55 anos, 33 de profissão e 25 de sacerdócio.

Desde a sua ordenação dedicou-se totalmente ao serviço dos lepro-sos. De caráter simples e alegre, sempre disponível para qualquer determinação. Foi amigo de todos, particularmente dos mais humildes. Zelosíssimo confessor, não media nem tempo nem distância para assistir doentes. Uma doença súbita cortou-lhe sua alegre preparação para as bodas de prata sacerdotais. Os restos foram levados de Bogotá para Água de Dios, onde tanto havia trabalhado e onde os paroquianos lhe demonstraram toda a sua gratidão.

P. Vitorio Merlo

* em Turim (Itália) aos 26-3-1912, † em Turim (Itália) aos 20-9-1973, com 61 anos, 44 de profissão e 33 de sacerdócio.

Foi muito jovem para a Tailândia onde trabalhou e estudou em preparação ao sacerdócio. Voltou à Itália para a ordenação, mas a guerra o deteve. Foi professor apreciado em Colle Dom Bosco, em Cumiana e Lombriasco. Tomado de saudade das missões voltou à Tailândia, mas a doença obrigou-o a voltar depois de dois anos. Começou seu calvário que o iria levar até ao sacrifício total.

P. João Montaldo

* em Larvego-Campomorone (Génova-Itália) aos 23-1-1887, † em Vallecrosia (Impéria-Itália) aos 13-8-1973 com 86 anos, 68 de profissão, e 58 de sacerdócio. Foi Diretor por 4 anos.

Salesiano da escola de Dom Rua, trabalhou incansavelmente entre os jovens e para os jovens como professor e conselheiro incomparável. Temperamento forte e exuberante, soube ser compreensivo, leal, generoso, aberto aos novos horizontes da Igreja, da Congregação. Sua

fé, vivida às vezes no heroísmo de uma dedicação sem limites, foi seu apoio sempre e o guiou até à morte tranqüila, que ele esperou como chegada ao porto do amor misericordioso do Pai.

P. José Muzio

* em Frasineto Po (Alexandria-Itália) a 1-2-1888, † em Roma (Itália) aos 13-8-1973, com 86 anos, 68 de profissão, 58 de sacerdócio. Foi Diretor por 8 anos.

Foi o P. Rua quem o recebeu na família salesiana. De inteligência clara e aguda, fez de sua vida uma busca da verdade, amando-a, defendendo-a e transmitindo-a da cátedra e nos congressos de estudos. Pensador e homem de ação, distinguiu-se pelo estudo apaixonado de Santo Tomás, de Antônio Rosmini, dos quais foi conhecedor exato e qualificado. Foi consultor do Secretariado Catequético do Vicariato de Roma; colaborou em revistas de filosofia; fundou e dirigiu o Boletim Rosminiano. Foi religioso exemplar, em toda parte amado e venerado por seu caráter amável e sua prudência na direção espiritual.

P. Alexandre (Sándor) Nagy

* em Perbete (Hungria) aos 12-3-1885, † em Pannonhalma (Hungria), aos 20-8-1973 com 88 anos, 58 de profissão e 53 de sacerdócio. Foi Diretor por 6 anos.

Filho de uma família camponesa, rica de fé, de religiosidade e de filhos. Do Boletim Salesiano que por acaso lhe caiu nas mãos, tomou conhecimento da sementeira de vocações adultas que surgiu em Cavagliá (Itália) e para lá se dirigiu. Conheceu assim as obras de Dom Bosco e lhe jurou fidelidade por toda a vida. Trabalhador incansável, não parava diante dos sacrifícios. A artrose o atormentou por 20 anos. Oito anos esteve pregado numa cama e uma cadeira de rodas. Absorto em meditação e em oração, santificava o seu sofrimento oferecendo-o pela perseverança e fidelidade de seus irmãos, já tão poucos e dispersos na diáspora.

Coad. José Naranjo

* em Nabón (Equador) aos 28-8-1977, † em Manta (Equador) aos 29-8-1973 com 96 anos, 69 de profissão.

Entrou na Congregação no fim do século passado. Era o salesiano mais velho da Inspetoria. Na longa trajetória de sua vida religiosa

— quase setenta anos de profissão religiosa — sua figura salesiana assumiu uma marca inconfundível de um amor profundo a Maria Auxiliadora e a Dom Bosco; uma generosidade a toda prova no cumprimento das diversas incumbências que a obediência lhe confiou, e um amor especial pelas criancinhas, das quais, por muitos anos foi mestre incomparável e sábio educador.

Coad. Francisco Nogueiras

* em Casanovas (Orense-Espanha) aos 19-6-1886, † em Patagones (Argentina) aos 27-7-1973 com 87 anos e 61 de profissão.

Era humilde e simples, sem pretensão. Tinha com todos grande respeito, bondade e delicadeza. Possuía muito vivo o sentido da gratidão, também por pequenos obséquios. Na sua simplicidade possuía uma piedade profunda, que sabia adaptar-se com naturalidade às novidades conciliares. No ensino de sua profissão de sapateiro sabia compreender os meninos, muitas vezes analfabetos, não sempre dóceis, e educados. Nos últimos anos parecia um vovozinho alegre e acolhedor, no meio dos estudantes de filosofia que viam nele o sinal da unidade da família.

P. Pedro Nuila

* em São Salvador (El Salvador) aos 31-12-1922, † em São Salvador aos 19-02-1973 com 50 anos, 31 de profissão e 21 de sacerdócio. Foi Diretor por um ano.

Portador de dotes para a literatura, colocou sua capacidade à disposição da missão educativa em diversas Casas, nas quais ocupou por muitos anos o cargo de conselheiro escolar. Amava a ordem e a disciplina, o que muitas vezes lhe foi causa de incompreensões. Obediente, foi sempre para onde a obediência o mandava. Para si buscava o estritamente necessário.

P. Julio Parazzini

* em Montegrolfo (Forlì-Itália) aos 23-03-1889, † em Faenza (Ravenna-Itália) aos 17-10-1973 com 84 anos, 66 de profissão, 54 de sacerdócio. Foi Diretor por 27 anos e por 6 Inspetor.

Simpática figura de sacerdote e de educador. As casas que o tiveram como Diretor lembram-no por sua amabilidade, generosidade e

compreensão para com todos. O seu nome está ligado aos anos da guerra, quando com verdadeiro espírito de caridade, transformou o Instituto de Faenza em hospital Civil, e quando escancarou, sem medir consequências, as portas da casa a todos os necessitados de assistência, de alojamento, de ajuda material e moral.

Exatamente nesta casa depois de anos de sofrimentos vividos em espírito de fé e de sacrifícios, abundantemente rico de merecimentos e de virtudes, recebeu o convite de subir para o Pal.

P. Siro A. Pérez

* em Mioño (Santander-Espanha) aos 13-06-1903, † em Buenos Aires (Argentina) a 1-9-1973 com 70 anos, 52 de profissão, 44 de sacerdócio. Foi Diretor por 16 anos.

Demonstrou sempre grande amor ao estudo e o inculca aos seus numerosos alunos com o exemplo e com o conselho. Foi apreciado Diretor de espírito, também em muitas comunidades religiosas. Sacerdote culto e afável, foi exímio professor de história, literatura, liturgia e canto gregoriano. Embelezava o canto como solista de esplêndida voz de tenor. Excelentes qualidades que unidas ao espírito profundamente salesiano, colocou a serviço do ministério sacerdotal.

P. Heitor Van de Putte

* em Gentbrugge (Bélgica) aos 22-12-1890, † a Korbeek-lo (Bélgica) aos 7-4-1973, com 82 anos, 40 de profissão e 34 de sacerdócio.

As circunstâncias da vida só lhe permitiram tornar-se sacerdote aos 49 anos de idade. Mas os 34 que lhes restaram da sua longa existência foram vividos como sacerdote exemplar, fervoroso e inimigo de comprometimentos. Estava constantemente a serviço dos cooperadores, no confessionário, perto dos doentes. Foi acima de tudo um homem de profunda oração. Muiíssimo apegado à Congregação, sabia inculcar o amor a Dom Bosco e a Nossa Senhora no coração de seus numerosos amigos.

P. Antônio Rossi

* em Calvenzano (Itália) aos 6-1-1902, † em Turim, Casa Mãe aos 14-10-1973, com 71 anos, 45 de profissão e 37 de sacerdócio.

Foi para Ivrea depois do serviço militar; recebeu a batina das mãos do Servo de Deus P. Rinaldi; partiu para Venezuela onde como

clérigo e como sacerdote exerceu com zelo e generosidade diversos encargos: assistente, professor, confessor, enfermeiro. Tendo voltado à Itália por razões de saúde, consagrou as poucas energias, que ainda lhe restavam, ao confessional, em diversas casas da Inspetoria Central.

Em 1950 a doença o obrigou a retirar-se para a casa de Saúde de Piosasco e depois à de Bagnolo, onde se preparou a deixar serenamente a sua existência.

P. Gabriel Ruiz

* em Tacambro (Mich.-México) aos 6-10-1934, † em Hermosillo (Sonora-México) aos 19-8-1973 com 39 anos, 20 de profissão e 10 de sacerdócio.

Salesiano voltado para o trabalho constante e generoso, foi sacerdote de zelo não comum, especialmente para com os doentes, servicial com todos, sem limites de tempo e dedicação.

O Senhor o purificou através de uma longa enfermidade que atingiu o sistema nervoso. Um desastre de carro pôs termo aos seus sofrimentos e o introduziu no descanso eterno.

P. Vicente Salzano

* em São Paulo (Brasil) aos 27-6-1899, † em São Justo (Argentina) aos 29-9-1973 com 74 anos, 57 de profissão e 48 de sacerdócio.

Sacerdote piedoso e bom, um tanto idealista, terminou sua vida como uma criança, juntamente com grande amor a Dom Bosco, uma particular inclinação para a música e a poesia. Foi professor de canto em diversos colégios onde exerceu o magistério. Nos últimos anos dedicou-se mais intensamente à pregação e ao ministério das confissões.

P. José Shuler

* em Neukirch-Baden (Alemanha) aos 30-10-1898, † em Konstanz (Alemanha) aos 18-10-1973 com 75 anos, 45 de profissão e 38 de sacerdócio. Foi Diretor por 18 anos.

Sua vocação se manifestou em idade adulta. Suas qualidades de educador e de homem feito para a administração e para o ministério pastoral, pôde exercê-las em postos de grande responsabilidade. Na

segunda guerra mundial foi testemunha ocular da destruição total do pensionato juvenil de München, e como diretor teve que reiniciar a construção... Para ele pode ser válida a frase de Carlos Carreto: "O amor não é problema para aqueles que o vivem". Tantos amigos e irmãos recordarão por muito tempo o caráter amável deste benemérito salesiano.

Coad. José Seufzger

* em Paulushofen-Oberpfalz (Alemanha) aos 14-2-1895, † em Mannheim (Alemanha) aos 18-10-1973 com 78 anos e 46 de profissão.

Conheceu a obra de Dom Bosco quando tinha 39 anos. Mas a vocação escolhida depois de tão madura reflexão, era genuína. Logo após o noviciado partiu para a Austrália. Depois de 25 anos de atividade voltou para a sua pátria e pode ainda durante dois decênios prestar o seu serviço humilde nas casas de München e de Mannheim. O jardim e o cuidado do refeitório foram seus campos de trabalho preferidos. Sua fidelidade nas pequenas cousas e o seu ânimo sempre sereno lhe angariaram o afeto dos irmãos. Sua piedade simples serviu de incentivo para jovens e adultos.

P. Francisco Skuhala

* em Iljasevci (Eslovênia-Jugoslávia) a 1-9-1904, † em Ljubljana-Rakovnik (Jugoslávia), aos 25-2-1973, com 68 anos, 50 de profissão, 40 de sacerdócio. Foi Diretor por 8 anos.

Foi salesiano segundo o coração de Dom Bosco, inclinado à salvação das almas. Desenvolveu seu ministério sacerdotal primeiro em vários oratórios da Eslovênia e da Croácia, depois como diretor espiritual dos seminários diocesanos (nos quais foram hóspedes também nossos clérigos), e finalmente recolhendo e animando católicos dispersos entre ortodoxos e mussulmanos.

Coad. Salvador Soller

* em Carcagente (Valência-Espanha) aos 24-3-1906, † em Oviedo (Espanha) aos 9-8-1973 com 67 anos e 15 de profissão.

Entrou na Congregação salesiana já adiantado nos anos, depois de uma experiência de vida religiosa entre os franciscanos (que deixou

por razões de saúde). Como salesiano, conservou no encargo de provedor a cuidadosa exatidão que havia adquirido como comerciante.

Foi sempre inimigo da improvisação. Gostar dos meninos foi inclinação apostólica antes de tornar-se religioso.

P. João Svirnelis

* em Skleriai (Lituânia) aos 12-2-1913, † em Frascati (Roma-Itália) aos 30-1-1973, com 60 anos, 38 de profissão, 27 de sacerdócio.

Foi missionário na Índia por 31 anos. Foi apóstolo zeloso e incansável, apesar de sua saúde delicada que muitas vezes o obrigava a permanecer de cama. Obrigado a voltar para a Itália, não esqueceu seus companheiros missionários e os ajudou até os últimos dias, conservando inalteradas as relações de amizade com seus numerosos benfeitores. Da Índia pobre aprendeu o amor à pobreza, que marcou também os últimos dias de seus sofrimentos.

P. Alfredo Tenório

* em Vitória (Pernambuco-Brasil) aos 24-7-1898, † em Recife (Brasil) aos 9-8-1973 com 75 anos, 51 de profissão, 44 de sacerdócio.

Excelente professor de ciências naturais, colecionou com paciência e sacrifício muito material para o laboratório científico da escola. Quando não lhe foi mais possível lecionar, ocupou o tempo livre na horta e no jardim. A um equilibrado espírito crítico, associava constante bom humor e alegria. Amava grandemente Dom Bosco.

P. Carlos Valenzuela

* em Santiago (Chile) aos 29-5-1902, † em Santiago (Chile) aos 2-8-1973, com 71 anos, 52 de profissão, 44 de sacerdócio. Foi Diretor por 3 anos.

Foi um apóstolo do ministério das confissões, no qual oferecia a todos a riqueza de sua vasta cultura espiritual. Sentiu muito viva a inquietude pela renovação da vida sacerdotal e da comunidade.

Deus Nosso Senhor o chamou improvisamente, vítima de um desastre automobilístico quando se dirigia em visita a sua irmã. Encerrava assim, no amor à família, uma vida consagrada a Deus e ao bem das almas.

P. José Vesco

* em Turim (Itália) aos 25-6-1880, † em Cumiana (Turim-Itália) aos 21-5-1973 com 92 anos, 52 de profissão, 70 de sacerdócio. Foi Diretor por 19 anos.

Entrou na Congregação durante a primeira guerra mundial, já sacerdote (Era ecônomo e organista do seminário de Mondovì). Sua longa existência se passou sempre em casas de formação, inicialmente como cuidadoso administrador e em seguida como diretor compreensivo e paterno.

Desde clérigo cultivou apaixonadamente a música, na qual revelou talento e sensibilidade. Compôs motetes sacros e cantos recreativos de boa qualidade e foi excelente maestro de canto.

Vida interior profunda, pobreza exemplar, ânimo simples, humilde e sereno, foi estimado e amado por todos.

4.º elenco 1973

- 128 Coad. AIGNER Amadeu † Ens Dorf (Alemanha) 1973 com 88 anos.
- 129 Sac. AREND Jorge † Kitzbühel (Áustria) 1973 com 67 anos.
- 130 Coad. BENZI Clemente † Turim (Itália) 1973 com 79 anos.
- 131 Coad. BORBONI Sante † Roma (Itália) 1973 com 66 anos.
- 132 Dom BORIC Vladimiro † Santiago (Chile) 1973 com 68 anos. Foi por 24 anos Bispo de Punta Arenas.
- 133 Sac. BRADY Filipe † Dunfermline (Inglaterra) 1973 com 54 anos.
- 134 Coad. BRIOSCHI Francisco † Bagnolo (Itália) 1973 com 72 anos.
- 135 Coad. CAPRA Raimundo † General Pirán (Argentina) 1973 com 89 anos.
- 136 Sac. CARDELL Miguel † Barcelona (Espanha) 1973 com 68 anos.
- 137 Sac. CHESSA Luís † Brescia (Itália) 1973 com 59 anos.
- 138 Coad. DANNI Carlos † Quito (Equador) 1973 com 57 anos.
- 139 Sac. DEL GROSSO César † Rio de Janeiro (Brasil) 1973 com 66 anos.
- 140 Sac. DI CROSTA Alfredo † Faído (Japão) 1973 com 69 anos.
- 141 Coad. DOLDI Paulo † em Roma (Itália) 1973 com 69 anos.
- 142 Sac. FERNANDEZ Epifânio † Raliang (Índia) 1973 com 37 anos.
- 143 Coad. FERRARI Tiago † (Japão) 1973 com 65 anos.
- 144 Sac. FERRERO José † Chieri (Itália) 1973 com 62 anos.
- 145 Sac. GARNERO Pedro † Campinas (Brasil) 1973 com 64 anos. Foi por 16 anos Inspetor e por 6 anos, membro do Conselho Superior.
- 146 Sac. GEDER José † Rogasevci (Jugoslávia) 1972 com 71 anos.
- 147 Sac. GRIMALDOS Luís † Agua de Dios (Colômbia) 1971 com 77 anos.
- 148 Sac. GRUSOVIN Vitório † Gênova (Itália) 1973 com 70 anos.
- 149 Cl. KORELC João † Zelimlje (Jugoslávia) 1973 com 19 anos.
- 150 Sac. LA LETA Temistocles † Beirut (Líbano) 1973 com 70 anos.
- 151 Sac. MALEC Juliano † Lublin (Polónia) 1973 com 53 anos.
- 152 Sac. MARCELLAN Jesus † Salamanca (Espanha) 1973 com 74 anos.
- 153 Sac. MARCHISIO José † Roma (Itália) 1973 com 52 anos.
- 154 Sac. MARTIN Afonso † Colónia (Alemanha) 1973 com 69 anos. Foi por 6 anos Inspetor.
- 155 Sac. MATTEAZZI Luís † Bogotá (Colômbia) 1971 com 55 anos.
- 156 Sac. MERLO Vitório † Turin (Itália) 1973 com 61 anos.
- 157 Sac. MONTALDO João † Valecrosia (Itália) 1973 com 86 anos.
- 158 Sac. MUZIO José † Roma (Itália) 1973 com 85 anos.

- 159 Sac. NAGY Alexandre † Pannonhalma (Unghia) 1973 com 88 anos.
- 160 Coad. NARANJO José † Manta (Equador) 1973 com 96 anos.
- 161 Coad. NOGUEIRAS Francisco † Patagones (Argentina) 1973 com 61 anos.
- 162 Sac. NUILA Pedro † S. Salvador (El Salvador) 1973 com 50 anos.
- 163 Sac. PARAZZINI Júlio † Faenza (Itália) 1973 com 84 anos. Foi por 6 anos Inspetor.
- 164 Sac. PEREZ Siro A. † Buenos Aires (Argentina) 1973 com 70 anos.
- 165 Sac. PUTTE Heitor van de † Karbeek-Lo (Bélgica) 1973 com 82 anos.
- 166 Sac. ROSSI Antônio † Turin (Itália) 1973 com 71 anos.
- 167 Sac. RUIZ Gabriel † Guadalajara (México) 1973 com 38 anos.
- 168 Sac. SCHULER José † Konstanz (Alemanha) 1973 com 75 anos.
- 169 Coad. SEUFZGER José † Mannheim (Alemanha) 1973 com 78 anos.
- 170 Sac. SKUHALA Francisco † Rakovnik (Jugoslávia) 1973 com 68 anos.
- 171 Coad. SOLER Salvador † Oviedo (Espanha) 1973 com 67 anos.
- 172 Sac. SVIRNELIS João † Frascati (Itália) 1973 com 60 anos.
- 173 Sac. TENÓRIO Alfredo † Recife (Brasil) 1973 com 75 anos.
- 174 Sac. VALENZUELA Carlos † Santiago (Chile) 1973 com 71 anos.
- 175 Sac. VESCO José † Cumiana (Itália) 1973 com 92 anos.

Composto e impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.
Caixa Postal, 30 439
SÃO PAULO

